

Março de 1918

№ 46



MAPPIN STORES
SOCIÉTÉ ANÔNIMA BRASILEIRA



V. S. poderá obter na nossa Secção de Moveis, orçamentos, desenhos e as demais informações necessarias para transportar ao seu lar todo o conforto moderno.

Peçam o nosso catálogo "G"

MAPPIN STORES

CAIXA 1391 — S. PAULO

ANDAR 13
EST. 19 N. S. PAULO

É CHEGADA A HORA

... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendáveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antartica. A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trescentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antartica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco: — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia. Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorização fatal; ficam no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 8 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas de Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabida a valorização dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DINHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a praso muito largo, com qualquer prestação mensal.

E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra europea e a miseria subsequente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa.

E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia

Para informações; **Na Companhia Urbana Predial**

Escriptorio: Largo da Sé 3 (sobre-loja)

Dr. Rodrigues Guião

Consultorio: Rua de S. Bento, 14

Telep. 3072 Central—Das 14 ás 16

hora. Residencia: Alameda B. de

Piracicaba, 139 Telep. 2826 Central.



Guilherme Messel & Cia.
Alcides
Telephone
Nº 2001.
(Cidade.)
Rua dos Guayanaes 155.
São Paulo.

TINOCO MACHADO & CIA.

S. PAULO

LARGO DO THESOURO, 5 (1. Andar) - Telephone. 3558

Unicos vendedores neste Estado das superiores **VELAS**

Brasileiras

Pequenas

Ypiranga

Colombo

Paulista

Bicho

Cia. Luz Stearica
do Rio de Janeiro

O ESPECIFICO DA ANEMIA
TUBERCULOSE, etc.

Vinho Reconstituinte

— SILVA ARAUJO —

Rachitismo - Fastio - Escrophulose, etc.

Usam-se 2 meios calices por dia

INGESTA Farinha lactea
phosphatada
de SILVA ARAUJO

ALIMENTO IDEAL

Para crianças, amas de leite, pessoas
fracas, convalescentes

Torna as crianças sadias
e fortifica os fracos

*Para uso das crianças dyspepticas, que têm difficuldade em
digerir e cujas evacuações são irregulares, fétidas, esver-
deadas ou talhadas, usa-se* **e sempre efficaz**
o poderoso, inequalavel

DIGESTIVO INFANTIL
de SILVA ARAUJO

Usa-se ás colheres de chá após as refeições
— ou após as mammadelas —

A' base de papaina virgem, pura

Companhia de Industria
e Comercio

Casa TOLLE

Rua PIRATININGA N. 27 - Caixa N. 201 - São Paulo

Premiada em diversas exposições e com a maior recom-
pensa «GRAND PRIX» na Exposição de Torino em 1911

Bombons e Chocolates finos

Unico fabricante no Brasil e America do Sul do

Cacao com aveia, Abelha (Marcas registradas). — **Vinhos,
Vinagres, Licores, Xaropes.**

Licores Cusenier fabricados sob a fiscalização da casa de PARIS.

Possue o privilegio em todo o Brazil para a fabricaçao do alcool absoluta-
mente neutro e inofensivo, unico que se presta para a fabricaçao dos licores
finos que a Companhia prepara por destillação, com productos importados
directamente da Europa.

Marmoraria

Tomagnini

Especialidade em tumulos de
marmore e granito polido

— Pietrasanta (Carara) Italia —

S. PAULO

Rua Paula Souza N. 85

Telephone, 3378 (Central)

Ver, Decorar e Guardar

Progredindo economicamente, torna-
mos invencivel o nosso reputado nome,
assim é que pobres, remedidos e ricos, to-
dos se servem e recommendam os moveis da

Casa Andrade

Por seu conforto, solidez e elegancia,
e por preços sem competencia. Sortimento
completo de mobílias para salas de jantar,
dormitorios e salas de visitas. Infinitude
de moveis avulsos.

SECÇÃO DE TAPEÇARIA
ESPECIAL FABRICAÇÃO DE COLCHÕES

Casa Andrade

FUNDDA EM 1891

RUA BOA VISTA, 29 - Telop. Central 2286

A. DE ANDRADE & COMP.

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO

SEMPRE O "PILOGENIO"

O "PILOGENIO" SEMPRE!

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL

GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
o ACIDO URICO

RECEITADO DIARIAMENTE PELLAS SUNDIDADES MEDICAS
CONTRA
DIATHESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

DE
FRANCISCO GIFFONI & C. — RUA 1.ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO.

Exclusivamente para
Senhora e Senhoritas

Premiado na Exposição de Bruxelas e com
medalha de ouro na Exposição de Hygiene

O CREME DO HAREM

tem a primasia, porque . . .

. . . é uma preparação conscienciosa, seria e não é imitação.

. . . tem sido usado, sempre com excellentes resultados, contra as sardas, rugas, pannos, espinhas e manchas da pelle e nenhum outro é comparavel a elle.

Portanto, todas as imitações que appareceram, que apparecem, e que apparecerão, embora com nomes diferentes, não podem fazer concurrencia ao já consagrado

CREME DO HAREM

Estojo 3\$000

Pelo Correio 4\$000

Em todas as perfumarias e drogarias e na
PHARMACIA E DROGARIA
SANTOS
Rua São Bento 74-A S. PAULO



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias: Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.ª de Março, 17 Rio de Janeiro

ADALIUS

E' tal a procura que tem tido este interessante livrinho editado pela Empresa Feminina Brasileira, que a segunda edição está inteiramente exgotada.

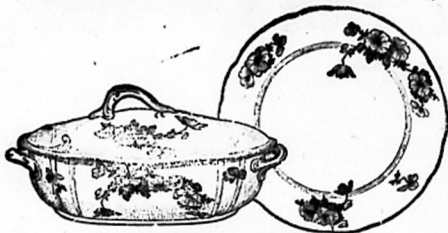
Em vista disso, resolvemos fazer uma terceira edição, muito maior que as anteriores para attender aos constantes pedidos que nos são dirigidos, e notavelmente ampliada. Essa será ornada de numerosas gravuras e com um texto minucioso e desenvolvido.

O preço do *Adalius* passa a ser de 2\$000 o exemplar, o que é barato desde que se attenda ao valor e utilidade do livro.

Receitas excellentes para lanch, doces, licores, conselhos sobre a hygiene, o cuidado e ornamentação da nossa mesa de jantar, tudo isto serve do assumpto a essa interessantissima obra que toda dona de casa deve consultar e conservar como o seu livro predilecto.

Essa edição já está no prelo e desde já se accetam pedidos dirigidos á redacção da "Revista Feminina".

Antes de montar a sua casa
 vejam as novidades em
Louças, Crystaes,
Artigos para Presentes



Importação directa

O melhor sortimento
 que recebeu a Casa Francesa

L. Grumbach & C.

RUA SÃO BENTO, 89 - 91

ORVALHO

— DA —
BELLEZA



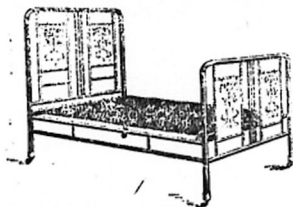
O MELHOR
 CREME
 PARA A PELLE

Pharmacia Castor

Rua Álvares Penteado, 5-A

AMODERNA

Fabrica de Camas de luxo
 esmaltadas e decoradas
 a fogo



Colchões e Almofadas

Preços sem temer concorrência

Faz-se reformas

R. Barão de Itapetininga 52-A

A

Iluminadora



Fabrica qualquer armação para
 Abat-Jour e encarrega-se
 de qualquer serviço
 de electricidade

Rua Boa Vista, 47

Receitas uteis

A transpiração mal cheirosa

A uma senhora, que preza o asseio do seu corpo, nada mais desagradavel do que sentir que os seus suores não são, como deviam ser, inodólos. Quando o suor tem um cheiro muito accentuado,—parece que o asseio do corpo não ficou completo. O recurso dos desinfectantes e perfumes, como a creolina e a agua da Colonia, não bastam a esconder esse cheiro. Alguns minutos de dança, um passeio em dia de sol, uns instantes de patinação ou de qualquer outro sport desenvolvem esses cheiros de que fica impregnada a roupa adherida ao corpo.

A receitas que se offerecem a cada passo para debellar esse mal são, em sua maior parte, inocuas, ou, se têm alguma efficacia, essa efficacia não é duradoura. O melhor medicamento que conhecemos e que de bom grado aconselhamos áquellas das nossas leitoras que soffrem desse mal, é o "Heliol". E' um pó, como os pós d'arroz, que se colloca sobre os pontos que exhalam os máos cheiros. A cura se faz ao cabo de alguns dias de uso. E' um medicamento barato.

A *Revista Feminina*, no interesse de servir ás suas leitoras e amigas, mandou vir de Paris um pequeno stock do "Heliol", que não se encontra á venda no Brasil.

Remetemos, a quem nol-o solicitar, pelo preço de 6\$000, e mais 500 réis para o porte do correio.

ALBUM de TRABALHOS

Entrará brevemente para o prelo, editado pela Empresa Feminina Brasileira, o "Album de trabalhos", que é uma publicação que vae interessar muito de perto as moças e mães de familia. Esse album trará, em estylo claro, conciso e ao alcance de todas, lições sobre os mais variados trabalhos e prendas domesticas.

Labores de agulha, lições de arte applicada, macramé, pontos de Veneza, rendas, bordados, filets, franjas, desenhos e innumeradas outras variedades no genero, tal é a materia de que se compõe o nosso "Album de trabalhos". Grande parte das lições contidas nesse album são acompanhadas de illustrações elucidativas, que facilita enormemente o aprendizado das leitoras.

Por ahi se vê a importancia da nossa publicação, que será brevemente exposta á venda.

Quanto ao preço e condições de venda serão publicados opportunamente.

Indicador da Revista

Dr. DESIDERIO STAPLER

Ex- substituto da Policlínica Geral em Vienna Ex- interno da clinica dos hospitais. Cirurgião do Hospital da Beneficencia Portuguesa de São Paulo Operador. Moléstias de senhoras.

CONSULTORIO

N. 4, Rua Barão de Itapetininga N. 4

De 1 ás 3 horas da tarde. TELEPHONE 1.407

CASA GENIN

Especialidade em artigos para trabalhos de senhoras: para bordar; para crochê; tricô; filet, macramê, laçat, frivoltê, inhanduty (Teneriffe). Artigos para confecção de flores artificiais. Máquinas para bordar e todos os aviamentos para trabalhar com as mesmas. Bastidores redondos, de quadro, de colco, com pé, de todos os tamanhos, lãs e linhas de todas as qualidades e grossuras, torções de seda e de algodão e mercerizadas, sedas para bordar, lavavel e d e Alger, talagaças de todas as qualidades, ôta mines, setins, pellicias, veludos, linhos etc.

Papel de seda branco e de cores. Papeis crespos, dourados, prateados, giraminhos cartonados e de Bristol.

Riscos para qualquer trabalho, acham-se sempre promptos e fazem-se de encomenda bem como letras e monogrammas. Aviam-se encomendas para o interior.

Genin & Filho

RUA 15 DE NOVEMBRO, 8-A — S. PAULO

Telephone 1009

Caixa Postal 204

CASA BARUEL

Rua Direita, 1 — Largo da Sé, 2 — SÃO PAULO

As senhoras e senhoritas que desejam manter sua cutis em perpetuo estado de juventude, não devem esquecer que em nossa Secção especial de Perfumarias, ha os mais finos e modernos Crêmes, Gold-Crêmes, Leites, Ceras Loções diversas e de toda a especie de productos para Maquillage. Outrosim, recomendamos o nosso variado sortimento de Pomadas, Pós, Cosméticos, Vernizes e liquidos diversos para o tratamento completo de "Manicure".

BARUEL & CIA.

VILLAOA

SABONETE

Oxogên

FEITO COM
AGUA

Oxigenada
ANTISEPTICO
E
PERFUMADO

MARCA REGISTRADA

Feito com agua oxigenada. Antiseptico e perfumado.

Venda a \$1500 em todas as boas casas de perfumarias

Deposito: Rocha Mello & Cia. - 19 rua José Bonifacio

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excelente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças. poderoso tônico depurativo e anti-escrophuloso, que nunca falha no tratamento das moléstias consumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetal* sendo intimamente combinado ao *tannino da noqueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalizador, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e as emulsões, daí a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distintos clinicos, que o recitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias

desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharmacia e Drogeria de FRANCISCO GIFFONI & C^{ia}.



Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

ANEMIA — NEURASTHENIA —
FRAQUEZA — CHLOROSE
DEBILIDADE

TUBERCULOSE

MEDICAÇÃO
SEM RIVAL

CAPSULAS DE OLEO DE
CAPIVARA DE SILVA ARAUJO

Para fingir os cabelos

Podemos anunciar ás nossas leitoras que com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o Mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azavelho. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despoza do correio.

Manufactura de roupas

Para

Senhoras e creanças

Jorge Bassila

Rua Florencio de Abreu, 62

Caixa Postal, 706 — Telephone, 3284

São Paulo

Companhia Mechanica e Importadora de São Paulo

Escritorio: Rua 15 de Novembro N. 36 — SÃO PAULO

Officina e Fundição: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Filiaes em Santos - Rio de Janeiro e Londres

IMPORTADORES de toda a classe de material para construcções e para Estradas de Ferro Locomotivas, Trilhos, Carvão, Ferro e Aço em grosso, Oleos, Cimentos Asphalto, Tubos para abastimento d'agua, Material Electrico, Navios de Guerra Reboadores, Lanchas e Automoveis «FIAT» etc.

FABRICANTES de Machinas de café e para a lavoura, de Material ceramico e sanitario, Fabrica de pregos, parafuso e rebite, Fundição de ferro e bronze, etc.

Grande Serraria a Vapor — Constructores e Empreiteiros

AGENTES de Robey & Co. Fabrica «FIAT» (Automoveis) - Fabrica de Ferro Esmaltado «SILEX» - Comp. Paulista de Louças Esmaltadas - Societá Italiana Transarea «SIT» (Aereoaplano e hydroaeroplanos Bleriot). -- Soc. de Productos Chímicos «L. de Queiroz» etc...

DEPOSITO, FABRICAS e GARAGE: Rua Monsenhor Andrade e Americo Brasileiro - Braz

ESTABELECIMENTO CERAMICO: Agua Branca - Telephone No. 1015

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. I., A.Z., Western União, Lieber's, Benlly's e Ribeiro

A COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS

TRANSFERIO A SUA SEDE
SOCIAL PARA A

RUA DIREITA N. 35

Telephone Central, 1621

Caixa Postal N. 828 ::

São Paulo

OPERA EM
SEGUROS DE VIDA,
TERRESTRES, - - -
MARITIMOS E DE
ACCIDENTES - - -

EXMAS. SENHORAS

Ouvi um bom conselho:

Quereis ter a vossa pelle alva, avelludada e livre de manchas? Quereis, emfim, ser formososa?

Uzai em vossa toilette a

Água de Belleza ou Perola de Barcelona

Não contém mercúrio e nem outra substancia que possa irritar a vossa pelle.

Ouvi mais outro conselho:

Para ter os vossos cabellos brilhantes, leues e ondulantes; para ter a vossa cabeça livre de caspas e de quaesquer parasitas.

Usai, pelo menos, duas vezes por semana o

Petroleo Americano

magnifica loção preparada em kerozene dissolvido e purificado por processo especial.

Encontra-se em todas as casas e na

Drogaria Americana

SOCIEDADE DE PRODUCTOS CHÍMICOS S. QUEIROZ

RUA LIBERO BADARÓ N. 144

SÃO PAULO

UNA HIJA DE LA GLORIOSA ESPAÑA

Ilmos. Srs. VIUVA SILVEIRA & FILHO.



Saudo-vos. Com o intuito de comunicar os benefícios que recebi dos preparados pharmaceuticos Elixir de Noqueira e Vinho Creosotado, ambos formulas do pharmaceutico e chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA. é o motivo de vir á vossa presença.

O Elixir de Noqueira, cuja extraordinaria fama percorre o mundo inteiro, curou-me radicalmente de espinhas no rosto, que possuia em grande quantidade, desde tenra idade. Hoje tenho a cutis fina e sem a menor mancha. Sentindo-me anemica recorri na mesma occasião ao Vinho Creosotado tornando-me robusta como nunca pensei chegar.

Maravilhada com tão completa transformação, achei de dever dirigir-vos esta acompanhada de minha photographia.

MANUELA LOUZADA.

Corte e envie sem demora este coupon á redacção da **Revista Feminina**

.....de.....de 191.....
Sra. D. Virgilina de Souza Salles DIRECTORA DA "REVISTA FEMININA"
Praça Antonio Prado (Palacete Briccola)—S. Paulo
Peço-lhe inscrever-me como assignante da *Revista Feminina*,
por um anno, a começar em.....
de 191..... e a terminar emde 191.....
para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs.10\$000
(em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob registro e valor declarado

Endereço.....
Lugar.....
Estado.....
Observações.....

A Saúde da Mulher

✻ CURA ✻

INCOMMODO DE SENHORAS



A interessante actriz Aura Abranches que usou, com vantagens, A Saude da Mulher

Mens sana in corpora sana

O distico latino *mens sana in corpora sana* (que, como toda a gente sabe, quer dizer *espírito sadio em corpo sadio*) encerra, na brevidade de suas cinco e luminosas palavras, um admiravel resumo de hygiene mental. Em verdade, a *saude do espirito*, isto é, o perfeito equilibrio de uma intelligencia clara, só pode existir nas pessoas que ou sejam naturalmente sadias ou tenham ao seu alcance os meios efficientes de *corrigir a natureza*.

As senhoras cujo programma de vida laboriosa se desenrola em torno de occupações dependentes de uma certa actividade intellectual (as professoras ou educadoras, as artistas da nobre arte de representar, as escriptoras militantes no jornalismo e assim obrigadas a uma producção quotidiana) sentem, imprescindivel, a necessidade de possuirem uma saude inalteravel afim de não vir um mal physico qualquer perturbar a calma e a segurança indispensaveis ao normal desdobramento de suas intelligencias.

Para essas senhoras, o *mal physico* mais terrivel e mais deprimente é qualquer dos incommodos proprios do seu sexo. Por isso, as illustres patricias que se consagram a misteres intellectuaes e que estejam expostas a perturbações dessa ordem, devem tomar logo A Saude da Mulher — o melhor remedio para tonificar e estimular a organismo feminino. Uma expressiva confirmação disso é o attestado abaixo, firmado pela Snra. Aura Abranches, uma grande artista consagrada pelas plateias do Brasil e Portugal:

“Srs. Daudt & Oliveira: — Após uma época de trabalho excessivo com representações consecutivas, tomei como tonico A Saude da Mulher, sendo maravilhoso o resultado. — *Aura Abranches*, Rio de Janeiro.”

Assignntura annual para todo o Brasil Rs. 10\$000
Preço para a venda avulsa: 1\$000
O assignante tem direito, pelo preço de assignatura, aos numeroes extraordinarios que são vendidos avulsamente a 2\$000 e aos brindees.



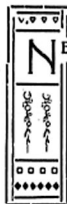
Directores :
VIRGILINA DE SOUZA SALLES
JOÃO SALLES
Redacção:
::: Praça Antonio Prado :::
::: Palacete Briceola :::
Tel. da redacção. 9661, Central
Telephono da residencia a dois Di-
rectores - N. 818 - - - - -

ANNO V

SÃO PAULO, MARÇO DE 1918

NUM. 46

MARÇO



NENHUM dos institutos sociaes pode na vida das sociedades modernas escapar ao exame attento de nosso sexo, que nem sempre, pela organização defeituosa de certa classe de relações humanas, conta com a necessaria justiça. A instituição do Jury, por exemplo, não pode fugir à nossa analyse de jornalistas, nem seus actos podem deixar de merecer justa critica, quando mal comprehende seus fins.

Já é sedição proclamar que o jury constitue entre nós uma calamidade publica, uma praga ruim que é necessario extinguir, porque lhe falta consciencia, moralidade, e principalmente justiça. Tornou-se um apparelllo destinado apenas a absolver criminosos, e a sua indulgencia que é em todas hypotheses notavel, mostra-se digna de especial registro nos chamados crimes passionaes, que elle tem condecorado para tornar cada vez mais numerosos. Aquelles crimes começam a succeder-se com alarmante, quando não com apavorante frequencia. A victima é communmente uma mulher, pois que só o homem tem direito de peccar contra seus juramentos sem ser condemnado à pena de morte; e uma mulher fraca, inerm, atacada de surpresa, barbara e friamente espancada, de gilyazes ou de vitriolo, trucidada ou fuzilada, sendo depois exposta à retaliação diffamante e incrivei dos detalhes da reportagem pouco escrupulosa, enquanto o assassino recebe as felicitações dos amigos, e aguarda confiante a absolvição do tribunal popular.

A certeza da absolvição, é o incentivo para que taes crimes diariamente augmentem de numero. E' tão facil ser heroe quando a victima não se pôde defender e ha o jury para absolver e a sociedade para applaudir!

Acompanhei pacientemente durante todo um anno os julgamentos de taes crimes, perpetrados nas nossas duas maiores cidades, Rio e S. Paulo, e em todos elles, em muitos dos quaes ficou provada a innocencia da victima, os criminosos foram, sem excepção, absolvidos!

Vae-se tornando assim, pela força do habito, o assassinato passional — sempre, só de mulheres! — um elemento definitivo de nossa ethica social, que não tardará por integrar-se num de nossos principios constitu-

cioneas, relegando-nos a um estado de barbaria, inadmissivel mesmo nos povos primitivos. Ora o assassinato — de todos o mais horripante dos crimes — repugna à verdadeira moral, à religião, à nossa indole e às nossas tradições. A religião, e digamos a religião catholica que é a de nosso povo, e que resistiu ao sectarismo dos amotinados fundadores de nossa democracia, tem como um de seus principios basicos este mandamento formal e synthetico: Não matarás. Não lhe escapam no entanto as faltas humanas, todas ellas, das maiores às menores, que para todas tem reprovação e castigo, sem que para as castigar ou aconselhe ou admita o assassinato. Sua formula é absoluta, decisiva; não especialisa casos, nem aspectos. Não matarás, e não matarás porque nem mesmo sobre a tua vida tens direito de decidir, pois a vida é um dom que só recebemos efervamente, como um epiphemeno do conjunto universal, que a Deus pertence regular. —

O preceito com que a religião procurou soffrer a irracionalidade dos impulsos animaes que habitam a fera humana, tornou-se um preceito colectivo. As proprias nações, em sua maioria, ellas que são entidades globaes com interesses maiores a salvaguardar, apesar de gosarem de direitos de excepção, foram forçadas a abolir de seus codigos civis a pena de morte, mesmo para os maiores crimes. Não se comprehende, portanto, que o nosso jury tenha decretado a impunidade das execuções passionaes, admitindo um castigo, que os mesmos povos prescreveram de suas legislações; e que continue o Brasil a assistir o espectáculo degradante daquelle trucidação constante e crescente, que denota um estado de barbaria incompativel com os nossos foros de civilização.

Não quer isto dizer que se deixem impunes as faltas que os tem originado; não; longe de nós esta idéa, pois incidiriamos no perigo da dissolução da moral sagrada que forma o lar e a familia, e a propria sociedade. Não são, porém, os meios barbaos os que melhor corrigem, e homens civilizados não se batem como selvagens no meio da rua, para a conquista de seu direito, porque todo elle está codificado e escripto, e nos tribunaes deve ser discutido.

Ninguém pôde fazer justiça por suas proprias mãos; e que justiça!... Na maioria dos casos, depois de longa

premeditação, alvejando fria e covardemente uma victima inerm, uma pobre mulher que lhe é inferior em força e energia, e fuzilando-a summariamente, sem defesa, sem apello, sem agravão, às vezes por uma simples suspeita, e levando muitas vezes a crueldade desta execução cannibalica a retalhar-lhe o cadaver num accesso feroz de odio!...

Ora porque um noivado se rompe — e em muitos casos o rompimento motivam-o o receio da indole violenta do noivo — ora porque a familia se oppõe a um casamento, ora porque uma mulher virtuosa resiste às solicitações de um peralvilho, ora pelo simples veneno de uma carta anonyma — que por si só já devia dar idéa da infancia de seu auctor — chega-se a uma daquellas tragedias, a um daquelles crimes, que já se praticam em qualquer lugar e a qualquer hora, em plena rua e à luz meridiana, e que se revestem às vezes de uma crueldade inaudita, de uma selvageria que revolta as almas bem formadas. Vem o jury e absolve; absolve sempre.

E isto porque? Cabe aqui o conceito que emittimos nas nossas primeiras linhas: porque a justiça foi feita pelos homens e só por homens é distribuída; o jury que julga o assassino de uma mulher é composto dos mesmos homens, capazes do mesmo gesto; e aos quaes a justiça imparcial de Christo mandava irrimaneamente que atrassem a primeira pedra, si se sentissem innocentes. Eis porque nós, mulheres, nos devemos inquerir mais na vida collectiva, tomar parte mais activa nas decisões que dizem com a vida nacional, sem que para isto seja necessario que adoptemos qualquer das formulas ridiculas do feminismo revolucionario.

Crimes passionaes... loucura passional... Mas passional são todos os crimes; todos elles obedecem à ceagueira de uma paixão; e si as paixões devessem de ser consideradas em vez de aggravantes, como attenuantes do crime, as do odio, da cubica, da inveja, que geram os demais crimes, e que levam igualmente ao delirio, "com privação dos sentidos normaes", passam a ter direito à absolvição. Não ha mais necessidade de cadeias; os edificios que ja existem poderão ser aproveitados para pantheons dos antigos criminosos! E é talvez esta marcha que vae tomar a nefasta instituição do jury que ad-

mitte a embriaguez que atenuante dos crimes, pondo assim, na prateleira baixa de sua indulgência, ao alcance dos que se não possam utilizar da escapatoria passional, um recurso fácil para a absolvição!...

Na maior parte das vezes, entretanto — e dizemos de acordo com os julgamentos que acompanhamos — nem mesmo o amor, a loucura passional, pôde ser invocada, pois contra tal hypothese deprecia a conducta publica do criminoso. Casos e casos põdem-se citar de vidas dissolutas, entregues ao prazer e ao vicio, com descanço absoluto pelo seu lar, e que se armam, de repente, á primeira falta da mulher, em justiça inflexível e implacavel, que não admite defesa ou replica, e que assassina em nome de um sentimento que nunca compreenderam, que nunca apreciaram e que só chamam amor quando se revela por odio!

Taes individuos formam uma moral á parte, uma moral commoda para seu uso proprio, desculpando-se de suas faltas porque, como dizem elles, não implicam, como as das mulheres, na deshonra de seu nome. Esta resposta, que é frequente, prova que não é o amor que em muitos casos os arrasta ao crime; e sim um sentimento de vaidade individual, ou ainda, o preconceito peccaminoso que se vae radicando entre nós, de que um homem só pôde lavar a sua honra ultrajada, commettendo um crime ainda maior. E, levados assim por esta forte suggestão, matam, trucidam, espartilham uma mulher indefesa e correm, em seguida a receber o abraço dos amigos e da sociedade, pelo seu acto de bravura. E' só, então, que se lembram do amor, desse pobre e calunniado sentimento que raros comprehendem e que ainda menos dignificam; do amor de que tão pouco os homens se lembram nos dias felizes!...

Vertem lagrimas de crocodilo sobre o tumulo de sua victima; e, chorosos, exhibindo bem alto o seu falso arrependimento, batem á porta do jury, pela mão de um advogado habil que traz no bolsó a capciosidade de dois criminalistas allemães, e as frases truncadas e mal digeridas de dois alienistas nacionaes, para provar uma coisa de que o jury já está certo: que o criminoso deve ser absolvido, pela porta larga da "privação de sentidos".

E saem dali réus, advogados, amigos e parentes a commemorar com o gordo cardápio de um agape romano a serenidade e a equidade modelar da justiça.

Deante disto para que recorrer aosapparehos da justiça social si cada qual tem o direito de fazer justiça summaria e immediata, sem a complicação e as despesas de um processo judicial, no qual não pôde haver certeza da victoria, porque culpas muitas vezes lhe pesam ao ultrajado no desmoronamento gradual de seu lar? E' uma situação que elle liquidá facil e economicamente, com um carucho de Smith Wesson, ficando ainda

livre, inteiramente livre do laço juridico ou religioso que o prendia á victima e com faculdade de recommear uma nova historia de amor.

Esta concepção, no entanto, si a continuar a apoiar o jury, será a derrocada de todas as nossas conquistas sociaes, de toda a evolução que temos feito para grangearmos um lugar entre as raças menos ferozes da especie humana. Ella vem asphyxiar toda a codificação de nossos principios de justiça, arrancando a sua distribuição das mãos impessoaes e desinteressadas dos juizes, para entregal-a aos odios e ás paixões individuaes.

Partamos de um principio: Ninguem tem o direito de roubar a vida a outrem, salva a atenuante da legitima defesa.

O assassinato é, portanto, um crime que deve ser punido, seja qual fór a sua causa, pois não se comprehende que ao fim de seculos de trabalho e' pról do melhoramento da animalidade irracional do homem, ao fim de seculos de organização da Justiça, o assassinato possa ser pregado, absolvido e glorificado como o unico meio de lavar-se uma afronta, e que esta doutrina seja consagrada por um dos proprios tribunaes incumbidos de distribuir a justiça serena...

Anna Rita Malheiros.

PELA PATRIA

Para a "Revista Feminina"

A mulher brasileira, despertada pela nevrose que assoberba o paiz, de norte a sul, revestiu-se de coragem, valor e abnegação, para supportar, com calma, as funestas consequências, que formam o cortejo sangrento, dessa terrivel hecatombe que vae purpureando o Universo.

Umas se congregam, formando um pequeno batalhão de atiradoras, quaes amazonas aguerridas, promptas a repellar o inimigo, ao lado dos seus bravos compatriotas; outras, não menos valorosas, se alistam na Cruz Vermelha, a exemplo de Charlotte Maitre cuja dedicação heroica fel-a afrontar perigos inauditos nos Vosges, sob o clangor do canchionio inimigo; além, num desses albatrózes da aviação, ziguezagueando no espaço, vemos ainda a silhueta elegante da arrojada aviadora que o dirige.

Para essa evolução que se opera no cyclo feminino, muito contribuiu a Cruzada Nacionalista, encetada pelo Danunzio brasileiro. Grande deve ser o seu contentamento, vindo desabrochar no coração da mocidade as primeiras flores desse portentoso

Iggdrasil, reverdecido pela magia de sua palavra, — o patriotismo. — E assim como a semente de que nos fala Zola, que, levada pelo vento, foi cair junto de um templo secular e ali germinando, cresceu, tornou-se arvore, cobriu-se de flores e fructos e, pela impulsão lenta das suas seivas e dos seus galhos, conseguiu destruir os obstaculos que a não deixavam expandir-se livremente na atmosfera; assim tambem o Iggdrasil sagrado da Defesa Nacional, fixado na Terra de Santa Cruz, destruirá um dia a execranda bastilha da nossa imperdoavel apathia.

Portanto é justo que a mulher brasileira seja, nesta emergência, o palinuro bendito, guiando os passos vacillantes dos seus filhos, pela escabrosa senda do dever e da honra.

Façamol-os fortes e valorosos como Antar, o guerreiro das lendas arabes, que conquistara parte da sua nobreza, com o seu famoso yatagan.

Imitemos ainda o exemplo da condessa de Noailles, que na vespera da grande luta, procurava fortalecer os soldados que partiam, compondo poemas incomparáveis, impregnados de amor pela França muito amada:

*"On les voyait partir se plaignant dans l'histoire.
Régiments de l'Alphabet des Victoires,
Stances au pas rythmé d'un poème éternel..."*

*Leur cultus insouciant, grave et noble était tel
qu'on n'eût pu deviner à leur marche effrénée
S'ils parlaient pour un jour au pays d'histoire*

Ainsi eut les soldats de la France béni...

E qual seria o francez, por mais indifferente, que se não sentisse reanimado, levando no espirito a symphonia desses immortaes?...

Dirão as minhas benevolas leitoras, que não são poetizas, mas, se Noailles empregou as irradiações do seu genio, o seu formoso estro, nós nos serviremos dum estimulo ainda mais sublime — os ditames do nosso coração — em holocausto á Patria brasileira.

Raymunda de Souza Chevalier

PARA TINGIR OS CABELLOS

Podemus annunciar ás nossas leitoras que, com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PÉTALINA, o admiravel e innocuo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azeviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

A's nossas leitoras

AVISO A'S NOSSAS ASSIGNANTES

O numero sempre crescente de novas assignaturas que nos são enviadas prova, evidentemente, que a utilidade de nossa *Revista*, com sua leitura sã e instructiva, vae pouco a pouco tornando-se conhecida.

Dizemos pouco a pouco porque estamos no nosso 5.^o anno de existencia e, em qualquer parte do mundo, a nossa pertinacia e os não pequenos sacrificios que temos empregado em prol da nossa *Revista*, já lhe teriam dado, por certo, uma edição duas ou tres vezes maior do que a nossa. Não quer isto dizer que estejamos descontentes com os resultados obtidos, pois a nossa *Revista* conta hoje com uma das melhores tiragens do Brasil por cujo vasto territorio circula, espalhando-se os nossos assignantes desde o Acre até ao Rio Grande do Sul.

Nossa empresa, porém, que, desde seu inicio, não obedece a fins utilitarios ou commerciaes, tem por ideal primeiro a disseminação da boa leitura no lar brasileiro. Desejamos, pois, ardentemente que ella se propague cada vez mais, alcançando, com certa relatividade, a tiragem das grandes revistas femininas da Europa e da America do Norte. Assim é que, ao fim de cada anno, desprezando lucros ou vantagens, temos empregado todo o saldo de nossos orçamentos, em introduzir novos melhoramentos na nossa publicação.

Apesar da crise do papel e da elevação de preço do serviço typographico conseguimos fechar o nosso balanço de 1917, com um ligeiro saldo a favor, e logo tratamos de iniciar o serviço de distribuição aos nossos assignantes de modelos de trabalhos em tamanho natural, como fizemos no mez de janeiro.

Vê-se por ahí que a collaboração que nos possam trazer as nossas leitoras, arranjando novas assignaturas, duplamente lhes aproveitará, não sómente porque virão consolidar a primeira iniciativa feminina brasileira que consegue vingar, como ainda porque fornecerão maiores attractivos à *Revista* de que são assignantes.

Podemos dizer com orgulho que muito já temos conseguido. Não é tudo, porém. Com maior numero de assignantes poderemos iniciar novas secções e, principalmente, distribuir com cada um de nossos numeros, trabalhos já comçados, sem augmento de preço.

Temos, igualmente, necessidade de installar officinas especiaes, que nos permitam a reprodução de trabalhos a côres, de riscos e de moldes. Anciamos, tambem, por poder desenvolver

ainda mais as nossas exposições de trabalhos femininos, as nossas aulas especiaes de trabalhos, criando novos cursos de educação domestica, de formarmos nossa bibliotheca, e chegando, finalmente, á organização da primeira Academia Feminina

Brasileira. São sonhos muito altos? Sonhos de mulher!... dirão os pessimistas. Foram, porém, estas as expressões com que foi recebido o primeiro numero da *Revista Feminina*, e no entanto nós aqui estamos, no nosso 5.^o anno de existencia, tendo ido além do nosso primitivo programma! Já não se riem, por certo, os que se riram ao apparecimento do nosso primeiro numero; não se rirão, tambem, amanhã, os que hoje podem achar muito vasto o nosso novo programma.

Temos provado e provaremos que o esforço, a tenacidade e a intelligencia da mulher brasileira nada ficam a dever ao estrangeiro. E' preciso, porém, que as nossas patricias não se esqueçam da nossa *Revista*, que deve ser o alvo commum, o alvo da intellectualidade feminina brasileira.

Nada custa a cada uma de nossas leitoras angariar uma nova assignante. E' um esforço minimo, de resultados, no entanto, incalculaveis.

Pedimos, pois, ás nossas leitoras que se apressem em vir em auxilio da nossa *Revista* e em collaborarem connosco em iniciativa tão util, quanto necessaria.

Chamamos tambem a attenção das nossas assignantes para este detalhe, que é importantissimo: muitas das nossas assignantes, principalmente as do norte do paiz, se queixam a cada passo de que não recebem regularmente a nossa revista. A's nossas reclamantes tratamos de enviar os numeros reclamados. Acontece, porém, que, não raro, os numeros solicitados se exgotam, ficando ellas com a collecção desfalecida. Para obviar a esse inconveniente, aconselhamos ás nossas assignantes que, ao tomar as suas assignaturas, prelifram que lhes seja feita a remessa registrada, o que constitue uma segurança maior contra os extravios.

As assignaturas registradas custam 15\$000.

A assignatura registrada lhes poupará dois inconvenientes: o incommodo da reclamação e o desprazer de não serem attendidas toda vez que ficarem exgotados os numeros que lhes faltam.



A MAR

O heroísmo christão

Quando Arpocras foi governar a Sicília, levava como proposito unico de agradar a Cesar, o extremar-se, tanto quanto possivel, na perseguicão aos christãos.

Naquelle epoca, era mostra de amor á patria e acto agradável aos deuses, refinar a crueldade contra os que seguiam a doutrina de Christo. Arpocras havia tambem arreMESSADO a sua flexa contra Sebastião, o joven militar que incorreu nas iras de Diocleciano pela sua ardente fé no christianismo, e tinha jurado que, onde quer que fosse chamado para representar Cesar, não queria ver rastros de Galiléu e que todos haviam de adorar os verdadeiros deuses, sob cujos auspicios Roma havia chegado a ser senhora do mundo.

A noticia da sua nomeação aterrorou, como era de ver, os christãos da Sicília. Todos comprehenderam que os martyrios iam ser renovados e que a torrente de sangue que, havia mezes, regava a terra, ia augmentar a sua caudal.

Os presentimentos não se demoraram em realisar-se. Arpocras chegou a Siracusa com sua filha Druza, fanatica como elle, e desejosa de participar da crueldade que meia duzia de Cesares dementes tinham instituido como condição inherente á direcção de um povo e ao governo de uma provincia.

As prisões da Sicília já estavam apinhadas de christãos e o prefeito anterior mandara encarcerar; mas, como os processos, instaurados contra elles, marchavam com lentidão, Arpocras inaugurou o seu gov.rno mandando lançar ás fêras todas as mulheres e queimar vivos todos os homens.

O espectáculo alegrou o povo, e começaram então as denunciações para que não faltassem victimas. Mas Arpocras não se contentava com as penas corporaes: queria accrescentar aos tormentos alho que ferisse mais dolorosamente a alma dos martyres, e logo que lhes doesse mais que o ferro em braza dos verdugos, os que das fêras, no circo.

Haviam sido presas, como suspeitas de christãs, duas senhoras: uma dama noble chamada Claudia e sua filha Julia. Claudia centurião tinha querido casar-se com ella; mas, como a viuva se recusou a sacrificar aos deuses pagãos, elle, por vingança, denunciou as duas mulheres como partidarias da nova doutrina. Estas foram as victimas escolhidas por Arpocras para inaugurar os seus refinamentos de deshumanidade. Acompanhado de sua filha Druza e de dois altos funcionarios da Republica, mandou conduzir as victimas á sua presença.

— E's christã? — perguntou á Claudia.

— Sim — respondeu com altivez a viuva. Somos christãs, minha filha e eu. Podeis, pois, ordenar que nos tirem a vida.

— E' o que vou fazer e sem perda de tempo, disse o pagão. Antes, porém, quero convencer-te da tuaegueira e ignorancia. Vem cá, Druza.

E pegando pela mão da filha, collocou-a no meio do recinto.

— O que eu mais quero na vida — continuou, é esta mulher, que é a minha unica filha. Pois, bem. Em alta voz proclamo que o vosso deus não existe e que nenhum poder tem contra os homens. Assim o declaro, e desafio-o a que me castigue naquillo que mais quero, que mate a minha filha, imolando-a á minha incredulidade. Se o vosso deus me castigasse, eu vos perdoaria, convencido do seu poder. Orae, pois, com fé, pedi ao vosso deus que a minha filha morra, no breve espaço de tempo que falta para que os raios do occaso illuminem a janella desta sala.

— Nós, — respondeu Claudia, não podemos pedir nem desejar a morte do proximo.

— Porque sabes que não podes consegui-lo, respondeu Arpocras com um ar de triumpho, mas não importa. Desafio o vosso deus para que o faça, se é que elle existe.

A estas palavras, seguiu-se um momento de silencio profundo e de expectação ansiosa. Os romanos, excessivamente supersticiosos, olhavam Druza com uma curiosidade mal reprimida, e embora não cresem no deus dos christãos, temiam que qualquer dtvindade, por falsa que fosse, tivesse o poder de aniquillar e destruir uma creatura.

A propria Druza sentia que o seu coração batia forte. Submettera-se áquella prova por dever de obediencia, porém, no fundo da sua alma, pedia aos seus nunes penates que a defendessem contra as artes do novo deus da Gallicia. Demais, os christãos tinham feito muitos prodigios, e nada podia assegurar-a que, naquelle momento, não pudessem obrar outro, cortando o fio á sua existencia.

Os outros instantes daquella scena pareciam correr lentos como seculos. Por fim, o sol, em sua apressada carreira, chegou a lançar o seu primeiro raio sobre a janella indicada por Arpocras, e uma estrondosa gargalha, da de escarneo resouo em todo o amplo recinto.

Druza, invadida de uma onda de alegria, como quem escapa de um grande perigo, arrojou-se aos braços de seu pae. Este, depois de umas palavras ironicas, assumiu o seu ar solenne, e, dirigindo-se ás duas mulheres, disse:

— Ante esta prova, supponho que ireis aos mysterios de Eleusis.

— Nunca! exclamaram as duas mulheres, a um tempo. Somos christãs.

Arpocras não poude reprimir o seu odio. Esbofetou o rosto das duas mulheres, e ordenou que, naquelle mesmo dia, a mãe fosse sacrificada na presença da sua filha Julia. Esta, depois de presenciar o martyrio, devia viver sessenta dias afim de sentir, todo esse tempo, a dor da morte da sua mãe.

Mas a cólera de Arpocras não se contentou com isso. Aquella prova publica que dera da falsidade do novo deus estrangeiro, parecia-lhe decisiva, e que todos os christãos, que tiveram noticia d'ella, deviam abjurar as suas

TYR

nos primeiros seculos

crenças. Porisso, mandou que fossem entregues aos maiores supplicios todos os que estavam nos carceres.

Poucos dias depois, só restava na prisão a pobre e formosa Julia, castigada, como foi, a assistir ao martyrio de sua mãe, despedaçada, no circo, por leões e pantheras.

Ainda não se tinham completado os sessenta dias a que fôra condemnada Julia, quando Sicilla começou a ser assolada pela peste. O terrível mal não respeitava edades nem posições sociaes. A mortandade era tão assombrosa, que os mortos jaziam nas ruas, a apodrecer. E isto ainda fez recrudescer a intensidade da peste. As familias fugiram, aterradas, daquelle logar maldito, e o terror do contagio chegou a vencer todos os outros sentimentos. As proprias mães deixavam morrer os filhos, sem assistencia. O instincto de conservação sobrepuzou a tudo.

Druza, a filha de Arpocras, foi, tambem, atacada do terrível mal. O pretor cruel sentiu, pela primeira vez em sua vida, o primeiro espinho da dôr. A sua covardia, entretanto, era tão grande, que se não atrevia a tocar em Druza, nem mesmo approximar-se-lhe. Ella jazia no leito, abandonada.

Os escravos, apesar dos supplicios que se lhes infligiam e da pena de morte com que eram ameaçados, abandonaram a filha do pretor. Alguns tinham preferido o supplicio á peste, outros tinham fugido.

Arpocras, então, publicou um edicto offerecendo sommas enormes a quem se apresentasse em seu palacio para cuidar de sua filha.

Ninguém accorreu.

Furioso, Apocras começava a imprecicar contra os seus proprios deuses, quando, uma tarde, se apresentou a elle uma joven mulher envolta numa humilde tunica e cujo rosto parecia devastado pelo sofrimento.

Apesar das olheiras violaceas que havia em torno dos seus olhos, castigados de lagrimas, Arpocras reconheceu-a.

— Julia! quem te pôz em liberdade? perguntou, num recio de surpresa.

— O medo, respondeu a christã. Os teus carcereiros fugiram todos, e ha dias que estou livre. Só hoje, porém, é que soube que tua filha está enferma de peste. Vim cá para vel-la.

— Então, vens vingar a morte de tua mãe, vens gosar com as minhas torturas, vens assistir á angustia de um pae que vê morrer a sua filha, desamparada de todo soccorro... Sou capaz de matar-te com minhas proprias mãos.

E, desembainhando a espada, ia lançar-se contra Julia, quando esta o deteve com um gesto sereno:

— Não me mates. Venho cuidar da tua filha, porque soube que ninguém se atreve a fazel-o.

— Compreheendo. Vens ganhar a somma que offereci. Sê bem vinda, pois. São quinhentos dinheiros em prata que te darei adeantados, agora mesmo se o exigires, para que não desconfes da minha oferta. Vae ao quarto de Druza, ajuda-a a mover-se no leito, leva-lhe a agua aos labios, salva-a, se é possível, mas sem perda de tempo.

Julia não respondeu. Acercou-se do leito de Druza, beijou-lhe a fronte escaldada de febre, e, levantando a cabeça da moribunda, levou-lhe aos labios a taça de ouro em que estava o remedio que um escravo, mais corajoso que os outros, se tinha arriscado a deixar allí, sem se atrever, entretanto, a approximar-se da enferma.

Arpocras, da porta da camara, sem se animar a penetrar, assistia a esse rasgo de valor da moça christã, tendo prometido a si mesmo dobrar o valor do premio que lhe offerecera.

Quando Julia deixou Druza, aquella tarde, o animo abatido da filha do pretor começara a fortalecer-se.

Arpocras, com um punhado de moedas na mão, esperava que Julia sahisse para lh'o dar como paga dos seus primeiros serviços.

— Ah! tens — disse, o que te prometti. Mas volta logo, não abandones a minha filha. Se voltares, mando cancelar a pena de morte a que te condemnei.

— Mas eu não quero nada.

— Não! Então para que vieste aqui, para que é que arriscaste a tua vida?

— Porque assim o quer o meu Deus em proveito do proximo.

— Teu deus! exclamou, cheio de assombro, o pretor. O teu deus te manda soccorrer a filha de quem persegue os seus fieis?

— Elle manda soccorrer a todos os que padecem, sem distinguir bons ou máos.

Arpocras permaneceu alguns instantes pensativo, olhando a joven christã com os seus olhos desmesuradamente abertos. E, como ella fizera um movimento de retirar-se, elle, pegando-a pela tunica, exclamou, pondo-se de joelhos aos seus pés:

— Esse Deus deve ser o verdadeiro.



Os philosophos, os moralistas, os economistas, todas essas pessoas que vivem dentro do sonho, os economistas principalmente, que são, por menos que o pareça, os que mais devaneiam, têm-se lembrado às vezes de offerecer ao homem receitas praticas para resolver o problema da vida. Esse problema, como todos lhe chamam, não é propriamente um problema, mas um enigma. Bem aventurado o Oedipo que o decifra. Os que o não decifram, são os vencidos, os derrotados, os ratés de toda especie, que se vêm por ahi, arrastando os andrajos da sua miseria ou occultando, com mal dissimulado pudor, as decepções que os acabrunham.

— Decifra-me ou devoro-te! exclama a Esphinge, estendendo ao viajante as garras monstruosas.

Os Oedipos, já se vê, são em menor numero. Os devorados são a maior parte.

Esse problema da vida sempre se apresentou ao homem, desde o pae Adão até nós, mais ou menos insolvel.

O PROBLEMA DA VIDA

EPISODIOS DA BOHEMIA LITERARIA

A GUILHERME DE ALMEIDA

ceis como se estivessem a pigar do bico da penna.

— E' um soneto de amor?

— Não. E' uma composição philosophica. Imagina tu que eu synthetisei em quatorze versos todos os problemas da vida e dei a cada um desses problemas a solução mais pratica. Quem ler este soneto e penetrar-lhe profundamente a essencia, terá recebido a iniciação da vida.

Odette olhou o esposo, arregalando muito os olhos, numa admiração embebecida.

— Porque a vida, explicou elle, é, em summa, uma coisa muito simples.

Esta affirmação, lançada assim tão categoricamente, não provocou na ingenua senhora nenhuma idéa de controversia. Pois devia ser assim mesmo, já que elle o dizia.



Odette e Guy casaram-se ha um anno e meio. Elle é periodista e poeta. Ella não é coisa nenhuma, é apenas uma esposa meiga e intelligente. Desde que se casaram, não tiveram nenhuma decepção. Elle tem o seu ordenado como redactor de um periódico illustrado. Além disso, publicou o seu primeiro volume de versos. Um successo. Vendeu toda a primeira edição em menos de dois mezes. A segunda está quasi a exgotar-se. E' um vencedor. O prazer da victoria tornou-o optimista. Encara a vida com um desassombro ingenuo de collegial. Entretanto, cuida-se um psychologo, um observador da vida, para o qual não ha problemas insolueis.

Elle tem vinte e sete annos, mas cuida que dispõe de uma experiencia secular. Ella, a linda Odette, com os seus dezoito annos em flor, não pensa coisa nenhuma. Não sabe fazer outra coisa senão amar, tentando alongar, atravez da vida, as curiosidades encantadoras da sua lua de mel.

Ambos eram felizes, cada qual ao seu modo. Elle, cheito de gloria, ella, vivendo daquelle gloria reflexa.

Uma noite, estando elle a dar os ultimos retoques a um soneto, ella assoma á porta do gabinete, e ahi permanece, silenciosa, contemplando-lhe a figura magra e a linda cabeça debruçada sobre o papel, reciosamente despertal-o do sonho em que a inspiração o tinha mergulhado.

— Sou, em principio, opposto a tudo que cheire a methodos ou systemas. Todo o systema implica rigidez, e toda rigidez é um symptoma de impotencia. Conheci uma vez um jogador que havia perdido toda a sua fortuna porque jogava systematicamente.

— Coitado!

— Entretanto, se esse jogador conhecesse o meu soneto...

— Não perderia a fortuna...

— Poderia perdê-la...

— Mas havia de encontrar o meio de recuperal-a... accrescentou ella, com orgulho.

— Talvez não.

— Ora, que pena!

— Mas, explicou o poeta, puxando uma fumaça ao cigarro e soprando-a para o alto, numa careta, mas havia de resolver o problema da vida, encarando-a por outra face. Tudo é questão de ponto de vista. Tu não podes entender bem isso...

— Quem sabe? falou a moça, fazendo-lhe um carinho na cabeça com ambas as mãos. Desde que me expiques o teu systema com bastante clareza...

— Já te disse que sou contra os systemas...

— Ah! já disseste. Eu tinha-me esquecido.

Guy quebrou a cinza do cigarro com o dedo mínimo.

— Tu sabes o que, em arte, se chama uma «surpresa»?

— Não. O que é ?

— A surpresa é um recurso de que se auxilia o artista, poeta, novelista ou dramaturgo, para obter certos efeitos. No soneto, por exemplo, a idéa contida no último verso não deve, nem de leve, ficar esboçada nos versos anteriores. Deve ser uma idéa imprevista. Na novella, no drama, na comédia ou em qualquer composição literária, esse artifício precisa estar reservado para o desfecho.

— Compreendendo. E tanto é isso verdade, que, quando eu conheço o desfecho de um romance, dispense-me de o ler, ou leio-o sem interesse.

— Não é bem isso. Mas, em falta de outra idéa mais exacta, contenta-te com essa. Ora, essa surpresa não surpreende senão as galerias ou os leitores ingenuos. Nós, os iniciados da arte, nunca somos surpreendidos. Nós adivinhamos sempre o desfecho. Para nós não há surpresas.

— Sim ? Incrível !

— Pois é verdade. Quem, como eu, tem uma iniciação em arte, fica privado desse prazer do imprevisto. Tu, por exemplo, sentes esse prazer, porque tu, como espectadora, pertences à galeria, e, como leitora, pertences à massa dos leitores hisonhos.

— Ah ! Guilherme ! Nem tanto !

— Não te zangues, meu amor. Sei que és inteligente, mas falta-te a iniciação.

— A mim falta-me tudo, murmurou a pobre senhora, já sensibilizada, com uma sensação de lagrima nos lindos olhos claros.

Guy consolou-a, puxando-a contra si e beijando-a na testa. Odette sorriu, mais consolada.

— Pois é como te digo, meu amor. A vida é um plagio da arte. Jeovah, ao traçar o destino dos homens usou de todos os trucs de que usam os mãos comedigraphos. A iniciação em arte me deu também a iniciação da vida. Na vida, portanto, serei um vencedor, ou, se o não for, estarei sempre de sobreaviso contra as suas surpresas.

— De modo que...

— De modo que não tenho medo de nada. Conhecendo de ante-mão as surpresas que o destino reserva ao homem, estou sempre prevenido contra elle. A luta pela vida é um *match* que vivemos a disputar. Os derrotados são aquellos que não se collocaram bem. Eu uso a expressão « collocar », no seu sentido desportivo, para indicar a posição em que precisa firmarse o jogador para aparar ou devolver o golpe. Ora, eu, nesse *match*, estou sempre de pé atrás.

— Tu encaras estas coisas com tanta facilidade !

— E' porque a coisa é realmente facil.

— E o teu soneto ?

— O meu soneto resolve o problema

da vida.

— Mostra-m'o.

— Ainda não. Faltam uns retoques.

Quando estiver completo, mostro-te. Uma belleza.

Guy sorria, antegosando o triumpho. Depois, mudando de tom :

— Agora, outro assumpto. Quanto temos em dinheiro ?

— Na Caixa Economica, dois contos justos. Em casa, ha o bastante para as despesas do mez. Porque perguntas ?

— Quero dar-te um conto de réis para uma «toilette» e mais algumas coisas de que estás precisando.

Odette deu um salto de contente e atirou-so ao peito de Guy, numa alegria de collegial.

— Um anjinho que és ! Como me fazes feliz !

Depois, muito séria, reflectindo :

— Mas vê lá, Guy ! Não nos vae fazer falta esse dinheiro ?

— Se fizer, ganha-se outro.

— Isso é verdade.

D'ahi ha dias, o proprietario da revista illustrada chamou Guy à parte para lhe annun-

ciar que era obrigado a dispensar-lhe os serviços. O poeta empallideceu. O seu coração parecia dar punhadas no peito.

Mas o proprietario da revista explicou, commovido tambem :

— Não posso mais dar-me ao luxo de pagar um redactor. O preço do papel, da tinta e de todos os artigos typographicos, cresceu enormemente. Eu mesmo redigir a revista, isto é, cosel-a com os elementos de que disponho : a tesoura e a gomma arabica. Mais tarde, quando a situação melhorar, comprehendes...

Guy tinha comprehendido. Esboçou um gesto de resignação, apertou a mão ao homem e saiu.

Ahi estava, pois, a surpresa, esse «truc» com que o destino illude os que entram na vida.

Um homem, em Seravejo, assassinou o outro. Desses assassinatos derivou a guerra, o bloqueio, a difficuldade de transporte... A alta do preço dos papeis e dos artigos typographicos attingiu todas as empresas jornalisticas, inclusive a revista illustrada onde, todas as semanas, fulguravam o estylo e os conceitos sensacionistas de Guy...

O «truc» do destino veiu preparado de longe, de um pequeno burgo da Bosnia, de cuja existencia nunca suspeitara a ignorancia geografica do poeta.

Ao voltar para casa, vinha succumbido. A vida, até então, apresentara-se-lhe facil e correntia. Agora não sabia mais que fizesse. A perspectiva da miséria desvaivava-o. Odette, que lhe abriu a porta, offereceu-lhe a testa a beijar, como de costume. Guy furtou-se ao beijo, recuando o rosto.

A amorosa senhora ficou um momento, triste, olhou-o muito e por fim indagou :

— Porque não me beijaste, Guy ?

— Estou muito aborrecido, estou a cabrunhado, Odette.

— Que é que te aconteceu ?

— A coisa mais horrorosa que podia acontecer-me.

— Meu Deus ! tu me assustas ! Que foi ? fala !

— Perdi o emprego. Entrei hoje na redacção para começar a minha tarefa e fui despedido.

— Ora... fez ella, num momo.

— Uma coisa destas ! E assim, de surpresa...

— E' uma das taes surpresas - que o destino reservou ao homem

— E' verdade. Nem pensava mais nisso.

Odette, gravemente, tentou consolal-o.

— Mas tu estás sempre de pé atrás, para aparar ou devolver o golpe. Tens a iniciação da vida. O teu soneto...

— O meu soneto ! repetiu elle, alheio à propria obra, abraçando-se à mulher, com uma immensa vontade de chorar.

JULIUS



Males do estio

ITILIA LOPES DE ALMEIDA

Amigo! Escrevo-te sob uma temperatura de trinta e tres graus à sombra, já de sobrecasaca e cartola, prompto para ir acompanhar ao cemiterio o enterro do commendador Baptista. O sol racha as pedras. E' meio dia e o suor inunda-me. Como não tenho mulher nem filhos, faço-te a ti esta recommendação: se eu morrer no estio, não convides ninguém para o meu enterro e aos poucos amigos que me quizerem acompanhar à ultima morada permite-lhes que o façam de Panamá e fitas claras. Aconselha-lhes tambem ventarolas. E' Thomaiz.

Quando recebi este bilhete do meu amigo, vestia-se minha mulher para uma visita, de certa cerimonia. Estava exactamente pondo em frente ao espelho o seu chapéu novo, em que se balançam sobre tufos de tule fino uma consideravel quantidade de cachos de lilaz feitos em escomilha ou não sei que; enfim, flores de uma composição muito cara e muito complicada, tanto que só por causa dellas nos custou esse chapéu noventa e cinco mil réis. Era de cem. A modista foi extremamente amavel dando-o por noventa e cinco, na opinião da minha mulher. Como um traste desses não é para andar em casa nem mesmo para sair todos os dias, mas para as grandes excepções de luxo, apesar de pobre e um pouco desfalecido na occasião, comprei-o.

Li alto o bilhete do meu amigo, enquanto minha mulher observava no espelho o effeito do seu chapéu e corrigia o véusinho.

Rimo-nos muito e sahimos bem humorados, apesar do calor. Tíhamos andado ali uns dez ou doze metros quando ella objectou:

— O sol está muito forte. E' capaz de desbotar as flores do meu chapéu...

— Abre a sombrinha...

— Não basta...

— O bonde não tarda...

— Sim. Mas do ponto terminal do bonde à casa das nossas amigas ainda é um estirão e com este sol...

— Que se ha de fazer?

— Alugar um carro. Antes gastar dez mil réis em um carro do que estragar um chapéu de cem mil réis!

— Noventa e cinco...

— Grande differença!

— Realmente... eu bem disse que essa côr era muito delicada...

Em resumo: para não estragar as flores do chapéu da minha mulhersinha aluguei um carro que nos levou ao nosso destino; e como a visita tinha de ser demorada, despedi economicamente o carro à porta. Voltaríamos à hora da sombra aproveitando o bonde.

Assim fizemos; mas ao chegar de volta à Avenida desencadeia-se tal tempestade, que em vez de corrermos a tomar o outro bonde do largo de S. Francisco, que nos levasse directamente a casa, embarafustámos por um cinematographo, com o fim, não de nos resguardar a nós, que somos moços e estavamos de perfeita saude, mas para livrar da ruina certa os lilazes do chapéu de minha mulher.

Por infelicidade, nós tíhamos justamente visto na vespera à noite, naquelle mesmo cinematographo, aquelle mesmíssimo programma!

O caso fóra mais uma vez estúpido! Mas que fazer? Emquanto aturássemos lá dentro aquella maçada, talvez cá fóra o tempo melhorasse...

Foram mais dois mil réis lançados assim à conta do chapéu de flores. Dois e dez — doze. A sessão foi comprida.

Pelo menos sete iitas! Sahimos derreitados. Chovia ainda, chovia mais, muito mais, e eram horas de jantar.

— Vamos assim mesmo? perguntei. Por unica resposta, minha pobre mulher levantou os olhos para a larga aba do seu chapéu de noventa e cinco... não, de cento e sete mil réis. Compreendi. Encostei-me ao hum-

bral e puz-me a sesperar reignedamente, olhando para as pedras alagadas da rua. O fragor da agua em vez de diminuir augmentava, augmentava todoadoradamente. Vendo que minha mulher se encolinha toda e parecia vexada, propuz que, para disfarçar, entrássemos de novo e assistísimos a uma outra sessão. Seria ridiculo ficarmos ali à espera eternamente! Para isso foi preciso comprar mais duas entradas e despendei, portanto, mais dois mil réis por causa do chapéu.

O peor é que tivemos de vêr pela terceira vez as mesmas scenas sentimentaes, o que constituiu um supplicio inenarravel.

Quem se deveria estar regalando com aquella chuvinha havia de ser o meu amigo, tão queixoso horas antes. Esse já com certeza teria voltado do cemiterio, mudado de trajas e estaria agora jantando no seu restaurant, folgadoamente, regaladamente.

Quando acabou a sessão, sahimos para a sala de espera, verificámos que a chuva só tinha feito uma coisa: augmentar.

— E agora? perguntei eu.

— Só um automovel.

— Um automovel? Mas, filha, com este tempo elle não nos leva à casa por menos de uns vinte mil réis!

— E' preferivel gastar vinte mil réis a estragar um chapéu que custou noventa e cinco!

— Não! o chapéu já nos está em cento e nove mil réis: contando as quatro entradas do cinematographo e dez mil réis do carro...

— Paciencia. Que se ha de fazer? Por que não trouxeste guarda-chuva? Esta mania de andar só de bengala!

— E tu, por que não o trouxeste tambem?

— Havia de ser muito bonito; eu de vestido claro e chapéu de tule e de flores com um guarda-chuva preto na mão!

— Parece impossivel como vocês, mulheres, se sujeitam a esses caprichos da moda!

— Ah! somos só nós? Já te esqueceste da carta de teu amigo? Quem sabe até se elle não apanhou uma congestão cerebral por causa da sobrecasaca e do chapéu!

— Qual!

— Talvez aquelle automovel que está ali parado levasse por um preço razoavel...

Enfezado, chamei o automovel e metti-me nelle com minha mulher, sem mais discussões.

— Se não fosse o chapéu, dizia ella pelo caminho, eu não me importaria. Até gosto de apanhar chuva, de improvizo, quando estou com vestido de lavar e chapéu simples... e afinal ir da Avenida ao largo de São Francisco não é uma distancia assim tamanha!...

— Certamente qu' não...

— E á minha saude nunca fez mal a chuva...

— Nem á minha.

— Até parece que estinula o sangue. Obrigá a andar depressa...

— Por força... Se em vez de estarmos sentados naquellas duas estafadissimas sessões do cinematographo tivéssemos corrido para o nosso *boné*, estariamos já em casa, jantando com appetite...

— Sim. Mas comprehendes... Em que estado teria chegado o meu chapéu!...

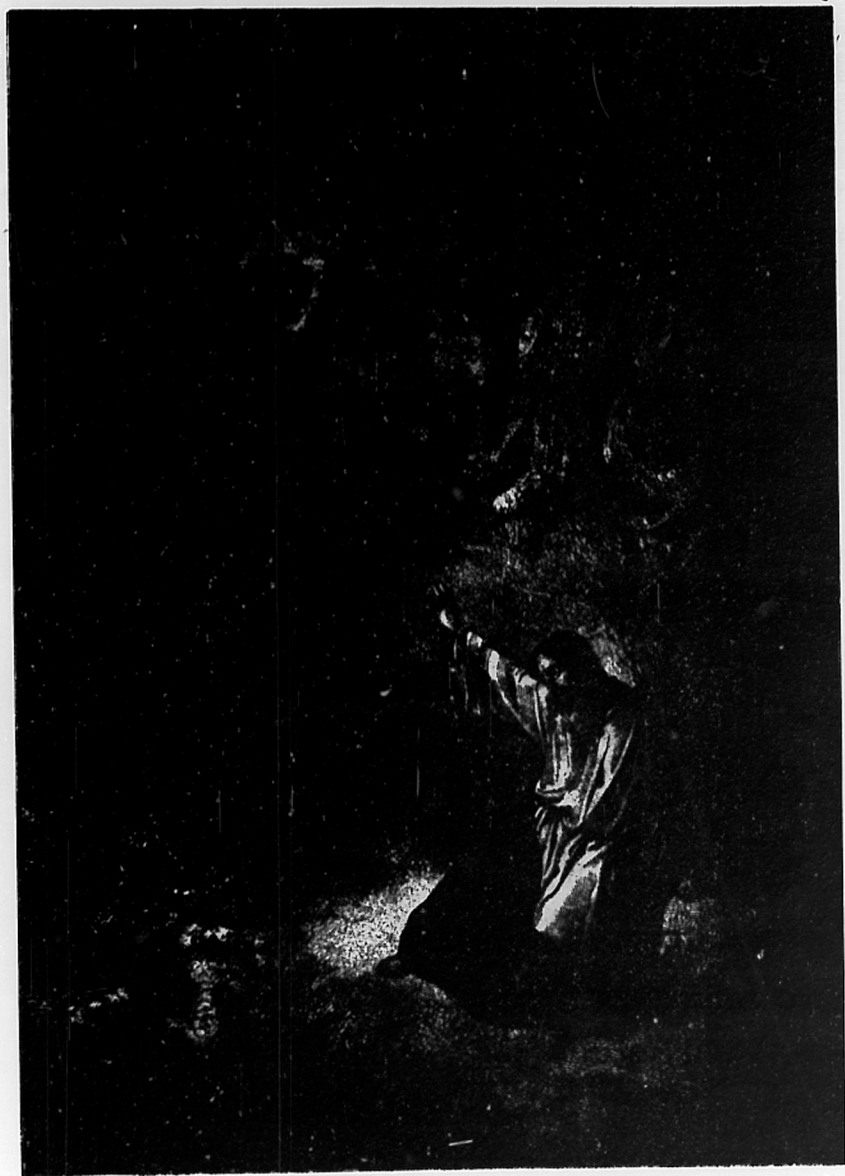
Quando fui pagar ao *chauffeur* já á porta de casa, elle exigiu a somma de trinta mil réis e uma gratificação ainda por cima. Paguei-o, despedi-o e entrei casmurro para o quarto de *toilette*, onde encontrei minha mulher já de chapéu na mão, observando as flores com um arsinho melancolico: afinal, apesar das precauções, sempre alguns lilazes tinham pendido, humedecidos, para a côpa de palha de arroz e de tule branco, manchando-a levemente de verde e de rôxo! —Será preciso, dizia ella, mandar substituir, ao menos estes tres cachos por outras flores...

— Ora, filha, isso não valerá a pena...

— Como não?! um chapéu modelo, novo, de noventa...

— Perdão! o teu chapéu mesmo sem a tal substi-

(Continua pag. 51).



PASSIO DOMINI NOSTRI
JESU-CHRISTI



MEMÓRIA DA DIXÃO
DE JOSÉ SENHOR
JESUS CRISTO, PRO-
FESSOR DO EXMO.
E REVMO. SIG. D. DUAR-
TE LEOPOLDO E SILVA,
ARCEBISPO METROPO-
LITANO DE S. PAULO,
NA IGREJA MATRIZ DE
S. APOLÔNIA.



ENDURECIDOS no ódio, como quem o visha alimentando por actos repetidos e conscientes de pavorosa hipocrisia, bem puderam os inimigos do Divino Mestre arreda-lo do caminho por um esforço de suprema violencia. Assassina-lo á sombra da noite, num recanto de estrada solitária, ou ainda no silêncio do Jardim das Oliveiras,

teria sido fácil. — fácil e cómodo ante a politica singular do Proconsul romano, cuja prudência não ia além dos interesses de ordem pública.

Era uma solução, de certo; mas solução mesquinha para o ódio dos pontífices, mais e mais acirrado pela tranquillidade inalteravel de sua vitima. Desonrá-lo seria uma delicia. Apagar-lhe o prestigio de profeta, abater-lhe da frente scismadóra essa auréola divina que o transfigurava aos olhos da multidão, seria o triunfo do orgulho, o prazer da inveja, o tripúdio infernal da bestialidade humana.

Blasfemador público — mandava a lei judaica que esse verme da terra fôsse apedrejado por indigno de rastejar, siquer, nas vizinhanças do Templo. Criminoso de Estado, perturbador da ordem e sedicioso contra a autoridade de César — queria a lei romana que o rebelde fôsse justificado pela espada. Mas os pontífices queriam-lhe uma cruz — *crudelissimum tele-rimurque supplicium* — o mais infamante e o mais atroz dos sacrificios!...

Era preciso atirá-lo para as paginas da Historia, vencido e humilhado, trahido e conspurcado, ridiculo e desprezível na sua realza impotente, condenado por fim como um criminoso vulgar.

E, no entanto, neste dia de lágrimas e de luto para a Igreja, nós vamos beber nas paginas do Evangelho, a narração de um martirio que é a segurança da nossa libertação futura; vamos pedir aos sofrimentos e á morte desse Homem a prova incontestavel da sua divindade! *Passio Domini Nostri Jesu Christi.*

no Jardim das Oliveiras, essa luta formidavel entre a Justiça e a Misericórdia, que precedeu ao drama sanguento da Paixão. Tendo ainda a face humidecida e os cabêlos empastados do suor de sangue, caminha Jesus para os discipulos e os desperta do profundo sono. — *Levanta-vos. Eis se aproxima o que me ha de trahir. Surgite, eamus. Ecce appropinquavit cui tradit me.*

Flutuantes, indecisas, cada vez mais próximas, luzes de archotes se divisavam na clareira; homens armados em marcha cautelosa e prudente.

Eram soldados romanos?

O evangelista S. João fala de uma coorte chetada por um tribuno — expressões que também se nos deparam no Antigo Testamento, sem que, entretanto, as possamos assimilar. Os demais evangelistas, porém, como afastando intencionalmente toda suspeita contra a honra militar, — último refúgio da virtude nas sociedades decadentes, — só nos falam de uma turba-multa, mais ou menos desordenada, composta de guardas do Templo e de miseraveis esbirros assalariados pelo grande sinédrio.

Judas a precedia, e, aproximando-se do Mestre que lhe sahia ao encontro, perturbado talvez com o mes-



Entrada de Jesus em Jerusalem

Era já terminada,

perado do successo, tou-lhe as mãos á maneira dos judeus e, imprimindo-lhe um ósculo na face, pronunciou a saudação fatídica: — Mestre, eu te saúdo! *Jive Rabbi! Et osculatus est eum.*

A sua voz balbuciava, batia-lhe apressado o coração maligno, sem poder desprender-se d'esse abraço que o retinha com infatigável mansidão. E Jesus, afastando-o de leve, como pára vê-lo bem de frente, murmurou-lhe baixinho: Pous assim, com um ósculo, entregas o Filho do homem? *Quis Filium hominis tradidit?*

Que se teria passado no fundo da sua alma, sob a impressão d'esse olhar? Não teria êle sentido, na face de Jesus, o resabio do sangue que, ainda há pouco, lhe refluía abundante no suor da agonia? Tão adormecido lhe estava o remorso, no recesso da consciência, que não despertava á essa voz divina que o chamava pára a vida e pára a graça? — *Amice, ad quid venisti?* Amigo, que veste aqui fazer?

O discípulo S. João, o evangelista da caridade, não quis deixar no seu Evangelho a memória d'esse ósculo homicida, preferindo pôr em relevo a magestade tranqüilla do Divino Mestre, como um rei que se apresenta ás homenagens da multidão! A quem procuraes?

— A Jesus de Nazarete — Sou eu. *Ego sum.*

Já o profeta tinha anunciado que um sópro da sua boca podia aniquilar a impiedade — *et spiritus labiorum suorum inierit et cetera* — e os miseráveis sicários que imaginavam surpreender o Inocente como um vilão e desprezível, recuam estarecidos e apavorados caem por terra. *Et ergo dixit eis ego sum, abierunt retrorsum et ceciderunt in terram.*

Eles entreviram — explica S. Agostinho — a magestade de um Deus velado sob a carne de um homem: — *Deus enim latebat in carne.* Espectáculo magnífico — acrescenta S. Cirilo — digno de fixar a admiração da nossa fé! Homens armados postos em fuga a uma só palavra; a onipotência divina que se manifesta na humanidade de Jesus. — *Armatae cohortem vox unius hominis terret, et latens in humanitate omnipotentia.*

A queda corporal dos judeus, no Jardim das Oliveiras — continua S. Cirilo — foi o sinal e a figura da queda espiritual de toda a nação judaica. — *Signum universalis casus gentis judaicae.* E na cegueira, que os feriu a todos, há pára nós lição necessária e proveitosa.

Conta Orígenes, segundo a tradição de seus maiores que, assim como o maná do deserto tinha gosto e sabor consoante o paladar de cada um, assim Jesus Cristo — o verdadeiro maná descido do céu — se manifestava aos homens na medida em que o mereciam as disposições do seu coração. *Venit traditus usque ad me quod unicuique, prout fuerat dignus, appareret.*

Assim os doutores da Lei, que o não souberam decifrar nas páginas do Livro sagrado, o não reconheceram na hora suprema do seu sacrificio. *Quem quaeritis? — Jesum Nazarenum.*

Há vinte séculos, está Jesus presente em milhares de cristãos; vive, sofre, reina e triunfa sem membros da sua Igreja, — e eles o não reconhecem!...

Há vinte séculos, não podem dar um passo sem o topar nas leis, nas instituições e nos costumes das nações civilizadas, — e eles o não encontram!...

Há vinte séculos, não podem lêr uma só página da Escritura, sem ouvir a sua voz, — e eles a não distinguem!...

Há vinte séculos o procuraram, debalde, pretendendo fazê-lo passar pelo crivo da razão humana, ímpios e hereges, sábios e filósofos, todos os descendentes da perfídia judaica, — e depois de inúteis esforços e pesquisas sem conta, eles o não encontram, porque Jesus não está no caminho do ódio e da soberbia, da obstinação e da ma fé!... *Quem quaeritis? — Jesum Nazarenum.*

Más Judas, o discípulo de Jesus, que o tinha ouvido na intimidade das suas expansões, que o tinha admirado nas manifestações da sua divindade, — Judas, como e por que o não reconhece pelo timbre da voz clara e vibrante, pela estatura esbelta e magestosa, pelo olhar terno e affectuoso, e, mais que tudo, por essa attitude sobre-natural que dêle fazia o mais belo dos filhos dos homens?

Misero e infeliz! Mudára-se o discípulo em traidor, — em inimigo se transformara o confidente. Com a hipocrisia na frente, a mentira nos lábios e a perfídia no coração, como reconhecer o Mestre affectuoso e bom, que lhe dava ainda o doce nome de amigo? Ao coração apodrecido forçoso é que corre e spondam as trevas da intelligencia. Judas já não corresponde, porque Judas já não sente.

Remenda lição pára os herdeiros do

seu espirito, pára os que, um dia, fatigados da virtude, entraram a negociar com a própria consciência, e, entendendo não criminoso ás paixões mais aviltantes, lhe propuzeram o sacrilego mercado. *Quantum vultis mihi dare, et ego vobis eum tradam?* — Quanto me queereis dar de gozo e de prazer, de ambições satisfeitas e de sonhos lisonjeados, — e eu vó-lo abandonarei manietado, á mercê das vossas irrições? *Quantum vultis mihi dare, et ego vobis eum tradam?*

Dêde então, discípulos de Jesus, christãos outrora ardentes e generosos, superiormente iluminados na simplicidade da sua fé, já não sentem, no templo sagrado, a magestade da sua presença; já não conhecem as doçuras da graça, êsse aconchego de Deus e do homem nos mistérios da sagrada communhão; já não ouvem o som da sua voz na pregação evangelica; já não percebem o seu olhar amoroso nas inspirações da fé.

A quem procuraes? — A Jesus de Nazarete? — Más êle ahí está, que vos bate, de continuo, á porta do coração, e não sabeis ou não queereis render-lhe preito e homenagem, não lhe dirigis uma súplica sequer, não



O Monte das Oliveiras onde Jesus foi preso.
Ao fundo, Jerusalem

lhe falas da vossa dedicação, nem ainda das vossas dores, nem das vossas aspirações. Ele ali está — irmão dádovos, amigo fiel, Redentor onipotente; mas ali es. a como um Deus estranho, mais do que estranho — desconhecido e desprezado, occulto sob o duplo mistério da sua grandeza e da nossa pequenez, da sua santidade e da nossa ingratitude.

Arranquemos, porém, a venda fatal dos nossos pecados, e o reconheceremos facilmente por um Deus de amor e de misericórdia — *misericors et miserator Dominus* — tanto mais compassivo e affectuoso quanto mais graves foram as nossas faltas. E' tempo ainda, antes que êle, voltando-nos as costas, no dia terrível do ajuste derradeiro, haja de repeli, por sua vez, aos que em vida o repeliram e desprezaram: — *Nescio eos*. Não vos conheço!..

* * *

Passio Iuminis Nostri Jesu Christi.

Era chegada a hora do triunfo das trevas. *Hec est hora crux et potestas tenebrarum*. Prêso e maniatado, lá segue Jesus caminho da liberdade. Nós o acompanharemos de perto. Com êle havemos de transpôr o vale do Cedrão, entrar no palácio dos pontífices e no átrio do Proconsul. Percorreremos a *Via-Sarva* e subiremos, por fim, ao alto do Calvário.

Longa é a estrada, — longa e dolorosa. E, no entanto, não consigo desprender-me desta colina das Oliveiras tão embalsamada pelos jardins que se lhe dependuram nas encostas, e mais ainda pelo perfume das orações do meu Divino Mestre.

Volvendo um último olhar para êsse hórto, onde o meu bom e dulcíssimo Jesus senti, por mim, o tédio, o susto e o pavor da morte, eu o vejo ainda, pálido e pensativo, sempre belo e majestoso, na attitude carinhosa de quem me acena com o seu perdão.

Não o vêdes? — De pé, no alto da colina, como prestes a largar para a immensidade, avultando nas trevas da noite, em meio de um halo duplamente luminoso, eu vejo dois homens — dois homens que se abraçam, que se abraçam e que se beijam: — Judas e Jesus, o lobo e o cordeiro, a bondade e a perfídia, o amor e o ódio, a santidade e o pecado.

Ele era belo — belo e divino, quando, impondo silêncio á virtude problemática de Simão o fariseu, acollia e perdoava á Madalena arrependida.

Ele era compassivo — compassivo e affectuoso, quando arrancava, á sanha feroz de acusadores hipócritas, uma pobre mulher surpreendida no crime, que, detestando a falta cometida, implorava o seu amparo.

Ele era generoso — generoso e magnânimo, quando rasgava, de par em par, as portas do Paraíso a um ladrão confesso e penitente.

Más aqui, abraçado a êsse homem infame, estreitando contra o seu coração essa pústula repelente e in-

fecta, colando os lábios purísimos nessa fronte vincada pela mais revoltante de todas as baixezas, — nesse inquecível abraço que era um grito de amor e o estouro de uma revolta, — eu o vejo mais belo, mais compassivo, mais generoso do que nunca, porque o vejo infinitamente bom, infinitamente amavel, infinitamente misericordioso.

Judas e Jesus estreitamente unidos em doloroso e prolongado abraço, é a segurança do meu perdão, — que o favor concedido a um Judas não pôde jamais ser recusado e um pecador arrependido. Si um Judas orgulhoso e máu, obstinado e cruel, foge e se furta ás solicitações da graça, tomemos nós o lugar vazio no Coração de Jesus, atiremo-nos em seus braços com lágrimas de arrependimento e protestos de gratidão.

Sim. Viver, sofrer, morrer, más nos braços de Jesus, sentindo as carícias do seu olhar, as pulsações santíssimas do seu divino Coração.

* * *

Passio Iuminis Nostri Jesu Christi.

Reunidos os pontífices em grande consêlho para assentar a condenação de um innocente — *conventus sacerdotum de Iherosolima convocatus et sedens* — comparece Jesus á presença dos seus algózes.

Suposto já não tinha o sinédrio o direito de vida e de morte, era ainda o tribunal da nação, o refúgio da fé, da liberdade e do pensamento nacional. Magnífico e imponente, na gravidade temperada de doçura que tão bem assenta nos juizes de uma nação, era o sinédrio tanto mais respeitavel, quanto menos livre em suas manifestações externas. Ilustres pelo sangue, notáveis pela sciência, famosos pela abastança, — êsses velhos de barbas patriarcaes, depositários e sucessores da autoridade de Arão, teriam feito inveja ao próprio senado romano, si não estivessem ali reunidos pelo ódio, em uma obra de maldição. Sentados em cochins riquíssimos, com a fronte pendida, lábios ardentes e olhos fulminantes, destacavam-se na penumbra como uma visão funérea, onde nada fala de justiça e de misericórdia. Advinhava-se, por instinto, que não eram juizes, sinão algózes desumanos.

Preside-os o sumo pontífice Caifás, ignorante e fraco, ambicioso e venal, simples comparsa em todo o drama da Paixão. Más quem, de facto, dirige as deliberações é Anás, pontífice destronado, porém legitimo, o homem mais feliz do seu tempo, no dizer do historiador Josefus, de habilidade perfeita e prestigio incontestavel.

Deante dêsse tribunal, antes conciliábulo de possessos, está de pé um joven prisioneiro, um joven de beleza sem par, com as vestes em desalinho, porém tranquilo e sereno. Era Jesus.

Submetido a um questionário imprudente, em que era manifesta a intenção de ilaquear a innocência do



Jesus á margem do lago de Tiberiades

acusado, Jesus se cala — *Jesus autem tacuit* — e esses lábios simbolicamente fechados aumentam os sustos do juiz prevaricador.



Lugar onde Jesus viu a Virgem

frio e imparcial das profecias messiânicas, ao mesmo tempo que lhes desvendava o criminoso propósito de o levar à morte. A tirando-lhes uma ameaça que os deveria chamar à consciência de si mesmos, acrescentou Jesus: — Mas a partir deste dia, o Filho do homem retoma o seu lugar à direita do eterno Pai. *Et hoc autem est Filius hominis sedens a dextris sedentibus Dei.*

— Portanto, tu és o Filho de Deus?

— Tu o disseste. Eu o sou.

Não se descreve a scena que seguiu a essa declaração da divindade do Cristo. — E' um blasfemador. Já são iniciais as testemunhas. Rêu confesso, é digno de morte. *Reus est mortis.*

Seguidos da multidão sempre inconsciente em seus primeiros impulsos, dirigem-se os pontífices para a fortaleza Antonia, residência habitual do Procônsul, a fim de alcançarem de César a confirmação da sentença proferida.

Conhecendo bem todo o ódio e inveja que inspiravam acusadores de Jesus, debalde se esforça o Procônsul por arrancá-lo à sanha dos seus inimigos. Enleado, oscilante entre a justiça e a covardia, ouve dizer que o acusado era galileu, e Pilatos imagina fugir à responsabilidade de uma condenação injusta, remetendo o processo à jurisdição de Herodes, tetrarca da Galiléia.

Jesus está, pois, em face do assassino de João Batista, talvez a figura mais antipática de toda a História. Filho de Herodes o grande, o matador dos inocentes, cujas mãos se haviam tingido no sangue de sua própria esposa e de dois de seus filhos — Herodes Antipas sentara-se no trono combatido de seu pai pela astúcia e pela violência, mantendo-se a custo pela tirania e pelo servilismo. Opressor de seus vassallos, capacho do poder romano, monstruosa amalgama de insolência e de baixaza, todo êle era um misto de sensualidade e covardia, de orgulho faustoso e de ódio a toda sombra de virtude.

Escravo da sua paixão por Herodíades, mulher detestável que os historiadores denominaram o gênio mau da sua raça, — Herodes era igualmente o Jôdo do póvo e dos pontífices, que nêle incarnavam a decadência da nação judaica.

O próprio Jesus Cristo, com ser todo cordura e mansidão, deu-lhe um epíteto espantoso que bem revela a hediondez do seu caracter. Vieram dizer-lhe, um dia, que tivesse conta em si, porque Herodes o buscava

pára matá-lo. Era uma cilada maligna à perspicácia do profeta. Sorrindo do zêlo hipócrita de refalsados amigos, respondeu-lhes Jesus: "Ide dizer a êsse *capoteiro* que eu tenho ainda dois dias para agir livremente, e que ao terceiro dia consumarei a minha obra; mas não aqui, porque um profeta só deve morrer em Jerusalém".

Bem lhe fôra, a Herodes, o recordar-se agora do profético recado!

Como não deveria iluminar-se de estudadas complacências a fisionomia dêsse *capoteiro*, quando se lhe apresentaram as *viduas* do Templo, prestes a inocular o veneno das suas entranhas na vítima indefesa!

Arrastado pelos pontífices transpõe Jesus o limiar dêsse palácio desonrado que, entretanto, lhe pertencia de pleno direito. Era o solar dos seus mãiores, dos descendentes de David e dos velhos Macabeus, onde êle — o Rei dos Reis — ia sofrer as insolências de um impudico, profanador da lei, assassino de seu piedoso precursor.

Com o olhar tranqüilo, sem a arrogância do orgulho nem a timidez do criminoso, percorre Jesus o largo círculo dos corteços e dos officias da guarda real. Enfrenta, com indizível melancolia, o olhar zombeteiro do tetrarca e, baixando a cabeça, recolhe-se em si mesmo como em profunda meditação.

Esse homem era o chefe da sua nação, era a pátria personificada em seu mais alto representante, — mas a pátria aviltada pelo crime, corroida pelo vício, vendida pela ambição, subjugada pela covardia de governantes desfrizados.

Pátria! Sagrou-te o Divino Mestre com a unção das suas lágrimas, pára que tivesses lugar de honra e predileção em nossos mais entranhados afectos. Tomando sobre os hombros os crimes da humanidade inteira, quis também expiar os pecados de lêso-patriotismo, porque também tu és mãe, e êle era teu filho. Ele chorou por ti, ao entrar na cidade decidida; em presença de Herodes, avassalado e aviltado, chora a vastidão da tua desgraça e a desolação da tua próxima ruína. *Et fletis ejus castitas, et post ipsum belli statuta desolato.*

Tendo ouvido falar das cousas maravilhosas que operava Jesus, alegrou-se o tetrarca de o vêr em sua presença, acreditando que se lhe deparava azada oportunidade de presenciar algum milagre. Incredúto, como devasso que era, não procurava Herodes a manifestação de um poder sobrenatural, por onde houvesse de nortear a sua consciência e a sua vida desregrada. O que lhe sorria era um espectáculo de saltimbanco, um divertimento a mais pára os seus fúteis e vaidosos corteços.

Más Jesus nem se dignou fazer o desejado prodigio, nem lhe respondeu uma só palavra. *At ille nihil ipsi respondit.*

Nem Herodes era digno de vêr as obras de Deus — explica S. Ambrósio — nem fazia Jesus ostentação do seu poder. Milagres não são divertimentos de poderosos, sinão alavanca de conversão pára os pecadores. Milagres não os concede a misericórdia de Deus á curiosidade dos máus, más á simplicidade dos homens de boa fé. Meios de salvação pára as almas rectas, nem se compram nem se vendem, sinão que os merece a confiança e a oração humilde, pois emquanto a humil-



Capella edificada no lugar onde esteve a casa da Veronica

dade dispõe do poder e do coração de Deus, não há favores para o orgulho e para o ímpio obstinado. *Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam.*

Despedido em sua vaidade, dissimulou Herodes a rãiva que o dominava, zombando a gargalhadas do miserio histrião que se furtava ao crivo finíssimo da sua perspicácia. *Spernit autem illum Herodes cum exiret a sua.*

Faltava-lhe, de certo, a simplicidade necessária para reconhecer o segredo de Deus, mas Herodes sabia que Jesus era inocente. Versadíssimo nas cousas da sua nação, não podia ignorar que Jesus nem era um blasfemo, nem um sedicioso, nem um rival que lhe disputasse o poderio. Os delictos de que o acusavam os pontífices lhe pareciam antes um delírio de fanáticos irreductíveis. Ridiculizando, pois, ao Divino Mestre, zombava Hérodas, ao mesmo tempo, d'esses homens da Lei, aos quaes votara sempre aversão mal dissimulada e comprimida.

Herodes zomba do Filho Unigenito de Deus, chasqueia estupidamente da Sabedoria encarnada — *see pro stulto sapientia illudatur* — mas não se atreve a condemná-lo por embusteiro. Manda vesti-lo de uma túnica branca, a um mesmo tempo simbolo de loucura e de innocencia, e o remete de novo para o governador romano. *Et illud illum involuta veste alba et remisit ad Pilatum.*

Enquanto desfilam os pontífices por deante do tetrarca, desarticulando-se em mesureiras homenagens e agradecimentos contrafeitos; enquanto segue Jesus para o tribunal de Pilatos, meditemos nós sobre o silencio do Cordeiro divino em face dos seus algôzes.

Já por tres vezes o frisaram os evangelistas, como chamando attenção para o seu misterioso sentido: deante de Caifás — o tipo da avareza; deante de Pilatos — o tipo da ambição; deante de Herodes — o tipo da luxúria.

Deante da avareza que mira o coração humano, tornando-o incapaz de um sentimento de piedade — Jesus se cala. *Jesus autem tacuit.* Deante da ambição que sacrifica a consciencia a considerações humanas — Jesus diz o bastante para iluminar e converter e, depois, recolher-se á dignidade do silencio. *Et amplius nihil respondit.* Deante da luxúria que apodrece e contamina, que ani-maliza e avilta — Jesus não profere uma só palavra, a Sabedoria de Deus é inteiramente muda. *At ille nihil ipsi respondit.*

Ainda mais. Vítima expiatória de todos os nossos peccado, Jesus devia sofrer em todos os seus membros — na cabeça, nos pés, nos braços e nas mãos, em todo o seu corpo bendito, e até em seu próprio Coração. Por isso Jesus se cala deante dos tribunaes, para expiar os peccados da nossa lingua, peccados tão sutis e tão traiçoeiros que não lhes escapam, por vezes, as pessoas mais piedosas.

Jesus se cala — diz S. Gregório Magno — preferindo expor ao desprezo de ignorantes a sua pessoa adoravel, e arriscar a palavra sagrada aos fúteis louvores de incrédulos e zombeteiros.

Jesus se cala — comenta o veneravel Beda — para nos dar exemplo de paciencia quando, injustamente caluniados, nos sentimos dispostos ao desespero e á revolta.

Jesus se cala deante de seus juizes, para que possamos falar deante do Juiz supremo nesse dia tremendo em que traremos escrita na frente a história da nossa vida.

Jesus se cala para que se nos abram os lábios em sincera e dolorosa confissão das nossas faltas, a fim de que ele nos possa dizer um dia: — Vinde, benditos de meu Pa. Entra na posse do reino que vos está preparado, desde toda a eternidade.

* * *

Fusio Domini Nostri Jesu Christi.

E' facil imaginar a rãiva com que viu Pilatos a populaça reclamando de novo a sua interferencia. Não podendo decidir-se nem pela condemnação nem pela absolvição, o Proconsul tem uma idéa genial, verdadei-

ramente estupenda, si não fora uma infâmia revoltante. Declara, ainda uma vez, que Jesus é innocente, e o manda flagelar, na tóla persuasão de apaciar as iras de uma multidão sedenta de sangue!...

Ora, a sentença de morte era a consequência lógica da flagelação que a costumava preceder. Assim, pois, rasgadas as carnes do acusado, no mais desumano dos supplicios, julgaram-se os soldados romanos autorizados aos maiores excessos e vilanias.

Rolando para o átrio um troço de coluna, que se perpétua sob o nome de *columna des supplicii*, obrigam:



Batismo de Jesus.

o Divino Mestre a sentar-se nessa pedra fria — fria como um coração impiedoso. Lançam-lhe sobre os hombros nús um trapo de púrpura e, formando uma corôa de junco entretecida de agudos espinhos — tão agudos e penetrantes que, segundo velhos autores, podiam perfurar uma sola de sapato, — ornam-lhe a cabeça com esse diadema de escarneo, aguetado á forma de capacete, para que a tortura lhe fosse mais intensa e mais ridiculo o seu aspecto.

Si considerarmos que o cérebro é precisamente a sede de todo o sistema nervoso, teremos uma idéa da repercussão do sofrimento em todo o corpo da vítima, manifestada em espasmos dolorosos e horríveis contorsões. Então se realizaram as palavras do profeta: — Tornou-se um *abno* na dor e no sofrimento. *Virus de locum et servatus in infernum.* Não tinha mais figura de homem: era um punhado de carne dilacerada, era uma cousa inominavel. *Vultus enim et omni real aspectus.*

E nem os pontífices, e nem Pilatos e nem Herodes, e nem os soldados, ninguém via o milagre de um Deus — observa Tertuliano — que, tendo resolvido permanecer occulto sob a natureza humana, não dava entretanto nenhum sinal da nossa fraqueza. *Sanguis adaptatus patientie.* — saciado da volúpia e do prazer da paciencia — permanencia tranquillo, como quem se compra na doçura indizível de sofrer por nosso amor.

Por último, colocam-lhe nas mãos, amarradas em cruz, uma cana verde por scetro, completando assim a irrisória entronização. Os soldados aplaudem, chasqueiam do rei burlesco e impotente, organism, por entre apupos e gargalhadas, uma solene desfilada e, dobrando os joelhos ante o *Rei Jesus* que os suporta sem um único lamentio, proclamam a sua realeza — Viva o Rei dos Judeus! *Ave, Rex Iudaeorum!*

E ele o rei — rei unido em seu próprio sangue, rei universal dos vivos e dos mortos, rei das nossas almas, rei do nosso amor e da nossa fé. Saudemo-lo.



Apresentação de Jesus ao povo.

Ave, Rex Iudaeorum. E porque ele o rei, vejamos de passagem o valor e o sentido das suas insignias reaes.

Primeiramente os espinhos. Depois da falta original, disse Deus a Adão que a terra, maldita por sua causa, só produziria cardos e espinhos. Ora, essa maldição cahiu em cheio sobre o coração humano que, desde então, estéril para a virtude, só produziu espinhos de pecado.

A cabeça do Cristo, segundo Teófilo, é a sua divindade, e Jesus recebe sobre a cabeça uma coroa de pedras, para embotar a esses espinhos a ponta acerada que nos punge.

O trapa de púrpura que lhe cobre os hombros é o simbolo da escandalosa vermelhidão do pecado. Vendo-o coberto de uma veste de opróbrios, pergunta o profeta Isaias: — Senhor, porque estão assim vermelhas as tuas vestes? *Quare rubrum est indumentum tuum.* E o Senhor lhe responde: — Aspergiram sobre mim o sangue dos homens. Eis por que estão manchadas as minhas vestes. *Aspersus est sanguis hominum super vestimenta mea.*

Ora, no seio do eterno Pae, nos esplendores dos santos, o Verbo eterno tinha por vestimenta a claridade da sua glória divina: — *Amictus luminis sicut serena.* No alto do Tabor, Jesus suspenso, por instantes, o véu que ocultava a sua divindade, e se deitava ver resplandecente como o sol, com as vestes de alvura deslumbrante como a neve: — *Vestimenta eius facta sunt sicut nix et serena.*

Agora que tem sobre os hombros os pecados dos homens, consente que o despoje da túnica branca que, por irrisão, lhe dera Herodes, para vestir-se desse trapa de púrpura — simbolo do rubor e da vergonha que lhe causa o pecado. *Aspersus est sanguis hominum super vestimenta mea.*

Oh minhas senhoras, dizem que é necessário seguir as exigências da moda, — da moda que é uma conspiração anti-cristã para aviltar o vosso caracter e conspurcar o vosso puor — e Jesus se cobre de um manto irrisório para alcançar-vos a graça da simplicidade e da modestia, afim de que possaes re-

vestir, um dia, esse mesmo corpo de claridades e de esplendores, que é a glória do Filho unigenito no seio do eterno Pae. *Reformabit corpus humilitatis nostrae conformatum corpori claritatis suae.*

O Rei immortal dos séculos tem por scetro uma cana verde, simbolo da nossa fragilidade e inconstância, como figuram os espinhos a nossa esterilidade para o bem. "Na a mais de molde — comenta Origenes — do que esse canço óco, frágil, flexível e leviano para simbolizar a nossa grandeza imaginária, a nossa vaidade ridícula, a nossa pretensa virtude, a nossa sciencia vã e sem consistência, agitada pelo vento de doutrinas contraditórias. Sobre a sciencia puramente humana, parto do delirio mais que da razão dos filósofos, apoiaram-se os homens, — frágil canço que, incapaz de os sustentar, se lhes quebrou entre as mãos deixando-os cair na lama de todos os vícios, no abismo de todos os erros. *Quoniam ille imperitiam fuit scripti iuris et fragilis, super quem intransibiles sublevari crediderunt.*

De um canço verde se utilizaram os soldados para mais ludo fazer penetrar na cabeça de Jesus os espinhos que a torturavam. Assim tem servido a sciencia dos homens para atormentar a *colaba* do Divino Mestre, negando a sua divindade, repellido a sua palavra, contestando a autoridade da sua Igreja.

Inconstantes na prática da virtude, flexíveis e quebradiços ao menor sópro da tentação, ócos, vazios de virtudes e merecimentos, — nós somos bem um canço verde agitado pelo vento. *Aculeorum vento agitata.* Mas si Jesus nos toma entre as mãos, mãos amarradas para não punirem — afirma S. Ambrósio — para logo se nos comunica a sua fortaleza, o vigor da fé, a força da graça, a coragem da virtude. *Aculeo comprehensus in manu eius, ut humana fragilitas non noceretur a vento, sed operibus Christi, corroborata, firmetur.*



Prisão de Jesus

Oh! meu Bom Jesus! Em vossas mãos está o meu destino, a minha perseverança, a minha salvação eterna. *In manibus tuis sortes meae.* Felizes aqueles que, fracos e quebradiços como a cana vêrde, se conservam entretanto entre as vossas mãos divinas, porque não se-

espinho, Pilatos manda conduzir a Jesus para o alto do Pretório e o designa á piedade da multidão. — *Eius Rex vestri?* Eis o vosso Rei!

— Crucificae-o. *Crucifige eum.*

— Más eu hei-de crucificar o vosso Rei? *Respon-*



rão atingidos pela malícia do pecado. *Iustorum animae in manu Dei sunt.* Felizes, sim, porque, quando parecem morrer para o mundo, então começa para eles o descançar da eternidade. *Visi sunt oculis insipientium mortui; illi autem sunt in pace.*

* * *

Passão Domini Nostri Jesu Christi.

Terminada a sangrenta comédia da coroação de

vestro crucifigam?

— Não temos outro rei sinão a César. *Non habemus regem nisi Caesarem.*

Com a alma ulcerada, desiludido da esperança de salvar a essa vitima tão simpática, o Procónsul lava as mãos do sangue do innocente e pronuncia a sentença de morte. *Mis ad crucem.* Serás crucificado.

Organiza-se o préstito. Precede-o um litor le-

vando nas mãos uma pequena tábua caida de branco, onde o Procônsul — desta vez com uma firmeza que lhe era desconhecida — ordenara que se escrevessem as seguintes palavras: *Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*. E assim era Jesus declarado rei pelo poder romano, pelo mais alto poder que então se reconhecia em todo o mundo.

Galileu — observa com amargura um sábio comentarador — Galileu se retirava, finalmente, da fortaleza Antonia, deixando-a cheia da sua presença, enquanto o retro a que se recolhia Pilatos se iluminava com o olhar tão doce e penetrante da sua vítima. A medida que o condenado se afastava da fortaleza, a sua visão se tornava cada vez mais nítida, e o ruído decrescente dos seus passos repercutiam em ecos sempre mais vibrantes. Debalde o juiz prevaricador repetia baixinho: *cu estatu innocente de sanguie disse Justo*. A voz do Justo respondia à sua consciência: *forte tu que me intercessisti*.

Diz uma tradição — e o confirma Tertuliano — que Pôncio Pilatos se converteu por fim, merecendo a graça de uma morte cristã. — Seriam as orações de Claudia Procla, a sua infeliz esposa?

Oh Deus de amor e de bondade, tudo é possível à vossa inesgotável misericórdia!

Chegados ao alto do Calvário, dispuseram-se os preparativos para a crucifixão.

Ao chegar a este passo da Paixão, o Evangelho é de um laconismo singular e estranho. Duas palavras apenas: *Crucifixerunt eum*. Crucificaram-no.

E' que essas duas palavras dizem tudo o que de mais horrível podia imaginar *a paizer do homem pelo sangue do homem*. Esse deleitar no sofrimento alheio, que é o traço mais aviltante da bestialidade humana. Disse Apuleio que o supplicio da cruz era a ultima palavra da humilhação e do sofrimento — *Extremum poena*. E Cicero, com seu pagão e romano, não admitia que a palavra *crucifossé* pronunciada siquer em uma cidade livre — *nomen ipsum crucis abest*.

Como quer que pensem os artistas, não é provavel que a cruz excedesse de muito a estatura de um homem, dificultando inutilmente a delicada cerimonia da sua exaltação. Amarrado com duras cordas ou fixado por meio de longos cravos ou pregos que aumentavam as torturas do paciente, permanencia o crucificado à beira de uma estrada, exposto aos insultos dos viandantes, enquanto os animaes ferozes, mais humanos de que os homens, acaso lhe não apressavam a morte, devorando-lhe as entranhas.

Traspassados os pés e as mãos, formando chagas hediondas, é facil imaginar o sofrimento que lhe advinha da circulação do sangue profundamente alterada. Mas a atrocidade particular d'este supplicio, dizem os autores que estava na possibilidade de permanecer o paciente três ou quatro dias nesse martirio Innominaavel, de tal sorte que os crucificados de mais robusta compleição só vinham a morrer extenuados pela fome.

O pensamento cruel que presidia a este gênero de supplicio era, principalmente, a morte afrontosa, a humilhação extrema. Eis por que costumava ministrar-se ao condenado certa mistura de fêl e vinagre, ou antes de mirra e vinho forte e generoso, que produzindo-lhe uma espécie de embriaguez ou sonolência, prolongava-lhe a vida aumentando-lhe a capacidade do sofrimento.

Más havia uma dor que teimosamente sobrevivia à insensibilidade física: era a afronta, a vergonha do supplicio. Reservado aos escravos e bandidos de marca

— conclue piedoso autor — êle punha na frente do condenado um estigma de desonra. Maldito de Deus e dos homens — *malolietus qui pendet in ligno* — nada lhe restava da dignidade humana. Tudo era permitido contra a sua agonia exceto a compaixão que se figurava inoportuna e quasi digna de censura.

E o miserável assim permanecia tempo esquecido, dando gritos a que só respondiam docostos. Indiferentes ou hostis, passavam os viandantes. Quem lhe dirigia uma praga, quem lhe atirava uma pedra. E as horas passavam. E a noite descia pavorosa. E o martirio se prolongava interminavel. E a morte não vinha. E quando o sol se levantava no horizonte, êle ali estava ainda, vivo sempre, sempre sofrendo, amaldiçoado e amaldiçoado.

Tal era o supplicio que os nossos pecados, mais do que a maldade dos homens, reservava ao Filho immaculado de Maria Santissima!...

Onde estava ella?

Chegada por fim a hora extrema do sacrificio, é Jesus inteiramente despojado das suas vestes, como a quem já na terra nada lhe restava de seu. Vendo-o assim de todo nu, adeanta-se uma mulher e, tirando da cabeça um véu que ainda hõje se venera em Aix-la-Chapelle, cinge o corpo santissimo de seu Filho adoravel. Era Maria!...

Por mais sanguinario que fossem esses algôzes, porfiados em mais degradar a já de si tão decahida natureza humana, não ousaram êles oppôr-se à compaixão de uma mãe por um filho infeliz e moribundo. Tanto pôde o sentimento materno ainda mesmo sobre o coração das feras. E esse respeito por Maria Santissima foi talvez a luz que illuminou ao centurião romano, convertendo-o para a fé cristã ainda nas agruras do Calvário.

A tradição é autorizada por S. João Damasceno, e eu confesso que me sentiria esmagado deante dessa cruz, si ali não estivesse essa Mãe alquebrada e dolorosa, por isso mesmo immensamente boa e compassiva.

Vendo-me também nu, despido de graças e de virtudes, sobra-me a esperança de que ella sempre me ha de proporcionar um véu de amor e de arrependimento, com que me cubra deante do eterno e inexorável Juiz.

Sim, ó Mãe Santissima, fonte de amor e de bondade, — faz-me sentir o bálsamo da tua dor, ensina-me a chorar contigo. Faz que se inflame o meu coração, para que, chorando e amando, chêgue por fim a tornar-me grato a quem por mim padeceu morte afrontosa nos braços dessa cruz.

*Eia mater, fons amoris,
Me sentire vim doloris
Fac, ut tecum lugeam.
Fac, ut ardeat cor meum
In amando Christum Deum.
Ut sibi complacem.*

Depois — eu vejo — no horizonte sombrio, devorado de olhares odiosos, — lentamente, a pouco e pouco, com precauções infinitas, se vae alçando o lenho sagrado. De pé. Pendente, como uma flor purpúrea, braços pregados por que não castiguem, saliente o peito por offerecer-nos o coração, — Jesus, levantando a amargurada cabeça, supplica com inefavel doçura: *Perdone-lhes, pater, porque não sabem o que fazem!*...



S. E. O CARDEAL ARCOVERDE E A IMPRENSA



O Sr. Cardeal de Arcoverde, em sua recente visita ao Rio de Janeiro, teve a honra de ser recebido pelo Sr. Presidente da República, Sr. Ministro da Justiça, Sr. Ministro da Instrução e Sr. Ministro da Fazenda. O Sr. Cardeal também se encontrou com o Sr. Governador do Estado e com o Sr. Prefeito Municipal.

O Sr. Cardeal de Arcoverde, em sua recente visita ao Rio de Janeiro, teve a honra de ser recebido pelo Sr. Presidente da República, Sr. Ministro da Justiça, Sr. Ministro da Instrução e Sr. Ministro da Fazenda. O Sr. Cardeal também se encontrou com o Sr. Governador do Estado e com o Sr. Prefeito Municipal.

O Sr. Cardeal de Arcoverde, em sua recente visita ao Rio de Janeiro, teve a honra de ser recebido pelo Sr. Presidente da República, Sr. Ministro da Justiça, Sr. Ministro da Instrução e Sr. Ministro da Fazenda. O Sr. Cardeal também se encontrou com o Sr. Governador do Estado e com o Sr. Prefeito Municipal.

O Sr. Cardeal de Arcoverde, em sua recente visita ao Rio de Janeiro, teve a honra de ser recebido pelo Sr. Presidente da República, Sr. Ministro da Justiça, Sr. Ministro da Instrução e Sr. Ministro da Fazenda. O Sr. Cardeal também se encontrou com o Sr. Governador do Estado e com o Sr. Prefeito Municipal.

O Sr. Cardeal de Arcoverde, em sua recente visita ao Rio de Janeiro, teve a honra de ser recebido pelo Sr. Presidente da República, Sr. Ministro da Justiça, Sr. Ministro da Instrução e Sr. Ministro da Fazenda. O Sr. Cardeal também se encontrou com o Sr. Governador do Estado e com o Sr. Prefeito Municipal.



Os deuses na intimidade

*Chronica de Olympo,
via ilha de Creta.*

I

Saturno era casado com Réa. Era bom esposo, Carinhoso e amante da sua prole. O que não obsta a que, de vez em quando, ou, mais precisamente, de vez em sempre, como se diz em lingua plebeia, desancasse a esposa a murros e devorasse os seus proprios filhos. Saturno gostava de comer os filhos, e comia-os sem molho, mesmo que estivesse sem appetite. Porisso é que, toda vez que Réa ficava grávida, e'le se tornava o mais carinhoso dos maridos... Interess'eiro, o velho Saturno!

II

Réa engravidou de Jupiter e Juno. Desta vez, porém, por teimosia ou caprichos de mulher, jurou subtrahir os nascimentos á voracidade do esposo. Porisso, quando lhe nasceram os filhos, mandou offerecer-lhe, num prato, habilmente disfarçados em molho de nectar e condimento de ambrosia, dois calhões. Saturno devorou-os, satisfeito, cuidando que comia os filhos.

No anno seguinte, Réa engravidou de Plutão e Neptuno. Ella só tinha partes duplas, a pobre deusa. Usou do mesmo estratagemma e salvou os filhos, Saturno, entretanto, ao comer os calhões, teve um gesto de desconfiança. Mas ficou no gesto... Réa emp'lidreceu, e Saturno enguliu a pillula...

III

Réa, não podendo amamentar Jupiter, com receio que Saturno descobrisse o estratagemma, entregou-a á cabra Amaltea. (Pelo que se vê que a cabra, depois que foi mãe dos deuses, é que passou a ser mãe dos homens...)

A illustre ama de leite, depois que cumpriu a sua missão, tendo já exgotado todo o leite das suas tetas em proveito do divino pequerrucho, disse-lhe mais ou menos isto:

— Jupiter é o teu nome. Teu pae é Saturno. Vae exigir ao teu pae a herança a que tens direito.

IV

Jupiter partiu e apresentou-se deante do pae. Este, ao vel-o, reconheceu-o logo. Jupiter, que começava a ser tonitroante, falou-lhe com voz de trovão:

— Saberás, ó Saturno, que scu teu herdeiro, herdeiro do teu sangue e do teu throno. Dispensa a herança do sangue, mas exijo o throno do Olympo.

Mas Saturno, que, ás vezes, era perspicaz, observou-lhe:

— Se é verdade que és meu filho, é tambem verdade que te comi.

— E' possível, trovejou Jupiter. Não me lembro se fui comido, só me lembro que preciso comer-te se não me entregas o throno.

Saturno, que sempre teve medo aos trovões, ficou em tremuras. E, sem mais discutir, fez scesão ao filho do sólio olympico.

V

Jupiter sentou-se no throno, tomou-se do Olympo e empunhou com a destra os raios. Mais tarde, com inveja da omnipotencia do filho, Saturno tentou destrual-o. Esforço inutil. O novo senhor já não podia ser deposto.

Passado algum tempo, casou-se com sua irmã gêmea, Juno. Para satisfizer a ambição da esposa, tomou conta do céu, da terra, do mar e do inferno. Enviou Titan á terra, Neptuno ao mar e ao inferno Platão, como consules do seu governo.

Titan, porém, cresceu, teve muitos filhos, que tambem cresceram. Pae e filhos, não contentes com o governo da terra, quizeram escalar o céu. Jupiter repelli-os, incendiando-os com os seus raios. Nessa lucta, cobriu-se de gloria. Como recordação dellas, pregou ao peito da tunica a sua primeira medalha.

VI

Mas Jupiter não era feliz. Juno era ciumentissima. Trazia-o de canto chorado. Toda vez que elle se aproximava de Venus, era uma inferneira no céu. Elle, então, por vingança, fez-se amante de Europa, de Diana, de Leda, de Antiope, de todas as nymphas da fonte, de todas as píedras da salsa espuma, de todas as napeas do bosque. Foi o precursor de Dion Juan.

VII

As esposas ciumentas podem tirar desta chronica a moralidade que lhes convier...

C. M.



O MOBILIÁRIO MODERNO

A nossa capital, a despeito dos seus fóros de civilização, ainda está muito atrasada em materia de mobiliário. Salvo raríssimas excepções, o interior das casas mais ricas caracteriza-se pelo máo gosto. O mobiliário nacional, em certos lares ricos, e ainda o preferido pela belleza e variedade das madeiras que são empregadas na sua construção. Sabido é que as nossas ma-



deiras, principalmente aquellas que são destinadas para a marcenaria fina, são as mais preciosas. Mas o máo gosto com que ellas, em geral, são postas em obra, tira-lhes todo o valor. Porisso é que, talvez, nos lares pobres ou remediados, continua a ser preferida a mobilia austriaca... Isso é bem característico.

Nós ainda não temos a cultura necessaria para impor um gosto ou um estylo. Temos, pois, de contentar-nos com adoptar os estylos exóticos, importando a mobilia estrangeira, ou fabricando a nossa de accordo com aquellos estylos. Esses estylos são-nos fornecidos pela França, são o Luiz XV, o Luiz XIV, Imperio, e outros; mas todos elles ou quasi todos são sumptuosos. Essa sumptuosidade, é bem de ver, torna-se chocante até, pelo contraste que lhe oferece o ambiente em que ella se vem-exibir.

Mas o gosto, ou, melhor, o bom gosto, não reside apenas no luxo. O mobiliário inglez, por exemplo, não tem esse aspecto de sumptuosidade que nós perfeitamente dispensamos; não tem esses efeitos de sembladura artistica, esses pormenores meudos de entalhaduras em relevo, esses festões, rocalhas, escamas, etc., que a nossa vida simples não permite e que já se vão tornando incompatíveis com a vida intensa a que aspiramos. O mobiliário inglez é, por excellencia, o mobiliário moderno. Elle realisa a conjunção do gosto perfeito com o perfeito conforto. Nem todo elle é, por certo, simples, examinado em muitos dos seus detalhes e elementos secundarios; mas a impressão do seu conjunto realisa o maximo de simplicidade no maximo de bom gosto. Junte-se a isto o conforto, e ter-se-á uma idéa da mobilia ingleza.

Nós, os paulistas, devemos adoptal-a, de preferencia a outra qualquer. Uma sala, alfaiada com ella

oferece um originalissimo aspecto de elegancia. Pena é que esse mobiliário não esteja largamente vulgarisado entre nós. O povo inglez, como é notorio, é o mais pratico de todos. Elle, pois, ao crear o seu estylo, despojou-o de todas as superfluidades inuteis, conservando apenas os ornatos indispensaveis a concorrer para a belleza do conjunto. D'ahi o efeito que resalta, logo á primeira vista, da moderna mobilia ingleza.

Na Inglaterra adopta-se, nos quartos de dormir e de vestir, a mobilia de esmalte branco. E' o que ha de mais hygienico, dando tambem, ao ambiente um aspecto de frescura encantadora. Para o nosso clima são muito aconselháveis essas peças, quer de esmalte branco, quer de madeiras claras.

Felizmente, em S. Paulo, a Casa Mappin tem-se esforçado em fazer a propaganda do mobiliário inglez, expondo-o, ás vezes, á apreciação do publico nos seus vastos mostruários ou nos salões do andar superior do predio. E' uma propaganda louvavel essa, que vem concorrer, ou, porventura, está concorrendo já para orientar melhor o nosso gosto. De uns tempos a esta parte, muitas das mais distinctas familias paulistanas entraram a adoptar, em suas casas, esse lindo e magnifico movel.

O problema da decoração interior do lar constitue, incontestavelmente, um dos que merecem a nossa attenção, por isso que é conhecida a benefica influencia que nos inspira uma sala bem ornamentada, seja ella de recreio ou de trabalho.

O estylo inglez para moveis tornou-se universalmente reconhecido, como o que mais se approxima a perfeição, não sómente pela sua elegancia como pelo conforto que oferece.

O lado pratico, sendo considerado desde o inicio de sua construção como base essencial, explica por que o movel inglez é hoje procurado como insubstituível para o lar modernamente organizado.

A sua durabilidade, consequente das madeiras empregadas a proposito e o bom gosto que nelles se destaca pelos seus contornos artisticamente simples, induz-nos a considerar como ideal a casa mobiliada nesse genero. Recomendamos pois aos nossos leitores que visitem os vastos salões em que Mappin Stores tem ex-



posto seu grande sortimento de moveis, tapetes e tudo que é necessario para montar com gosto uma casa, pois ella prima em attender seus freguezes fornecendo por todos os detalhes, orçamentos e desenhos desejados.

OS CA-



ERÁ no duplo reducto da praça forte de Mahanaim. Entre as duas linhas de fortificações, sobre o rebordo de pedra que sustinha a casamata, David, rendido, estava sentado a aguardar as notícias. Havia mais de duas horas que permanecia allí, impaciente, á espera dos mensageiros, que retardavam. A impotencia em que se encontrava de acudir, em pessoa, ao campo de batalha, augmentava-lhe a febre, porque elle tinha feito o proposito de não mandar tropas em caso de guerra civil. Se se tratasse de dar combate aos philistões; re-frescar os louros de Balparasim com a agua a sagrada de Belém, que não desalterava a sêde ao inimigo que cahia exausto; ou organisar outra batalha de Refaim, onde, pela primeira vez, no mundo, se conheciam os milagres da estratégia; se se tratasse de acender a luta com os mohabitas idólatras e livres, com os opulentos aramêos ou com os insolentes amonitas, que tinham ultrajado os embaixadores de Israel, — allí estaria David, para quem era mais doce que a musica, mais sonoro que um accorde de harpa, o choque das armas. Mas, oppôr-se aos seus, desembainhar a espada ou brandir a lança para combater o companheiro, o amigo, o parente, o irmão, tinha repugnado ao santo rei. E agora, no tragico momento presente, bendizia o seu antigo proposito que o prohibia de lutar com um ser que pertencia ao seu proprio sangue, que era o preferido de sua alma, que era a luz do seu olho direito, o seu filho!

A inquietação deixou-o prostrado sobre aquelle rebordo de pedra, no solitario recinto fortificado. Pelas ameias olhava a luz rubra do poente que abrazava o campo com reflexos de fogueira. Aquella claridade purpurea, sangrenta, terrivel, dava-lhe a visão da luta. Depois, a mesma claridade do occaso mudou de tons, entre tintas fluidas de laranja, ouro e verde. Era o divino entardecer dos paizes orientaes, cem vezes mais bello que a aurora. Irisações de perolas abrihantavam as imperceptiveis nuvenzinhas, que se desgarravam, esvoaçando, como o véo de uma dançarina philistéa; e sob o horizonte as extensas ramas dos sicomoros e dos cedros formavam um pavilhão de mysterio e de sombra. David levantou-se, apoiou-se ao balaustrade de jaspe do terraço, inclinando-se para ver, entre os massiços de verdura, os jorros d'agua que corriam, cantando. E do ponto para onde os olhos do rei se dirigiam, apparece uma estatua rosada pelo reflexo do céu, tendo como unica veste a cabelleira caudalosa, que se reparte como os fios da agua, e brilha e ondeia e voa ao vento e se espalha, recém-ungida de oleo de nardo.

Todo o incendio do céu ardeu nas veias de David. Elle proprio, aquella hora, a despeito das preocupações que o assoberbavam, não podia comprehender o que se passava em si. Estava bem seguro de que o seu fiel escravo não lhe havia propinado com o vinho o sumo daservas toxicas, nas quaes a nigromante, como a de Endor, insinuava traçoicamente, por meio de rezas magicas e esconjuros, o philtro das paixões repentinas e mortaes. Passados eram já para o velho moarcha os dias de juventude, em que o seu braço adextrado, vibrando no ar a funda de arremesso, atirou por terra o gigante. Muitas mulheres haviam já perturbado os seus sentidos com o nardo perfumoso das suas cabelleiras. Mas tudo isso, naquella idade, varria-se-lhe da imaginação como sombra importuna, porque não é digno do sabio, do propheta, do legislador, do pastor de um povo sagrado por Deus, rebolcar-se no harem entre escravas gentis. Entretanto, aquella hora, era o incendio do occaso que inflammava as suas veias. E o rei sabia que nem toda a agua das piscinas, nem a das torrentes impetuosas de Cedar e do Hebron, seriam bastantes a extinguil-o. Betsabé tinha-lhe roubado a innocencia. Muitos annos lá iam. E roubou-a, não fazendo estalar as sandalias pelo saibro dos caminhos, — porque ella andava descalça e nem usava as argolas de prata ao redor dos tornozelos — senão com o aroma peculiar das suas tranças negras, negras como a tentação.

BELLOS

A noite sobrevinha, cahindo rapida. A noite foi sempre conselheira dos erros. Outras noites vieram, durante as quaes David se abysmava em seu peccado, esperando, de um modo confuso, a hora do arrependimento. Presentia, na claridade da consciencia, que um anjo havia de descer do céu. Mas o anjo esperado não vinha nunca. O seu peccado ia, dia a dia, creando raizes que se enterravam em seu coração, fixando-se nelle fundamente, doendo-lhe como chagas abertas. Nem a sciencia mysteriosa, que se ensinava nos templos e que tinha feito o valor de Salomão, poderia explicar o motivo por que o amor teimava em escravisal-o.

David já não podia viver sem a mulher de Urias, o melhor official das suas hostes, o mais valoroso dos seus companheiros de armas.

Se aquella mulher viesse a pertencer a um inimigo!... David estremeceu. E poz-se a pensar nella, deixando-se arrastar pelas suas lembranças, recordando-lhe a figura alta e fina com seu talhe de palmeira e a sua voz de timbre de perolas, quasi gorgeiada, como um pipilo d'ave entre as rosas do valle de Jerichó.

— Preciso manter o meu proposito, dizia de si para si, para não cahir em novo erro.

Mas a idéa do crime foi penetrando em sua alma, distillando nella o veneno. Urias estava sentenciado.

A sua consciencia de guerreiro, o bello e generoso sentimento creado pela vida militar gritava-lhe no intimo da alma: "Não commettas a infamia."

Mas David, apesar de sentir a consciencia despertada, o arrependimento, a presença, em seu coração, de Eloim-Jeovah, David, só por aquelle olor de nardo que subia de uma negra cabelleira revolta, enviou contra o capitão Urias, um dos seus trinta valentes, debaixo dos muros de Rabat-Amon. Urias, momentos após, cahia estendido ao pé da muralha, com o corpo banhado em sangue...

Aos ouvidos do rei, cheios da voz acariciadora e ambiciosa de Betsabé, soava então outra voz, mas espantosa, que era a do vidente Natan por cujos labios falava o Senhor: Tremulo nos braços da favorita, daquella que já era a sua esposa, o rei humilhava-se ante o irado anathema, ante a maldição fatidica: "Porque fizeste o mal em minha presença, sobre a tua casa espalharei o mal..."

Ah! tudo isso por causa daquelles cabellos e do seu cheiro estonteante de nardo!

Ao evocar as palavras do vidente David gemia, sentindo de puro terror, um suor frio na raiz dos seus cabellos. Olhava em torno, com olhos desvairados e atonitos, e reconhecia o lugar daquelle duplo recinto fortificado do Mahanaim, onde soavam, no silencio sornio, os passos da sentinella e se escutava, de trecho em trecho, a alerta guttural do vigia.

E nenhuma noticia vinha do campo da luta. Que teria succedido para além da selva de Ephraim onde, desde a manhã, a luta ia accesa com o rebelde Absalon?

De subito, ecoou um clamor á distancia, uma immensa algazarra, confundindo-se com o tropel dos cavallos em disparada, e o choque das lanças, o estrepito da infantaria ferindo a terra com o duro calçado militar, o gemido dos captivos, os gritos de colera, o mugir dos bois que arastavam as carretas. Era o triumpho!

David, pallido, levantou-se. A guarnição da praça acudiu, sollicita. O primeiro mensageiro cahiu aos pés do rei, quasi sem alento e murmurou:

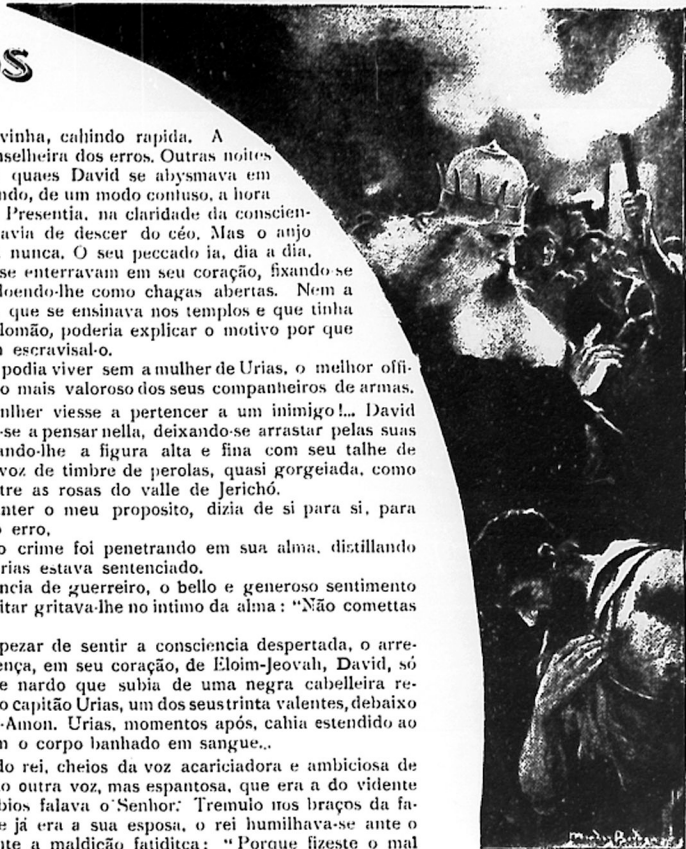
— Graças sejam rendidas ao Senhor! Desfeita a rebellião. Todos os teus inimigos estão mortos. Glória ao rei! E David, ainda mais pallido:

— É meu filho? Que é feito de Absalon, o meu herdeiro, o principe real, a luz do meu olho direito? Não teve resposta. Outro emissario chegava, louco de júbilo.

— O Senhor confundiu os seus inimigos. E Absalon, o rebelde, o desventurado Absalon suspenso entre o céu e a terra, apanhado pelas ramas de uma tamareira, morreu, varado de dardos! Ventura para ti, ó rei! Os formosos cabellos de teu filho, impregnados de nardo, emmaranharam-se nas ramas, que o prenderam, suspendendo-o acima do chão.

O emissario calou-se. O rei cahiu por terra, arranhando-se e gritando entre soluços: "Meu filho! meu filho!"

Emilia Pardo Bazan.



TRABALHOS FEMININOS

ENCANTADOR e original esse serviço para chá, bordado em cores muito vivas, em linho branco ou crú, conforme o gosto.

A toalha mede 1m. e 55 de lado. O desenho que circunda a toalha toda compõe-se de frutos e flores.

Em um dos ângulos, um cacho de uvas bordado em ponto chato, em quatro tons de vermelho violáceo, sendo alguns bagos mais escuros que outros. As hastes são bordadas a ponto de alinhavo

em verde azulado; o grande contorno em verde velho muito brilhante e bordado a ponto chato. Do mesmo ponto e mesmo tom bordam-se as hastes das cerejas; estas são bordadas também a ponto chato, mas em vermelho vivo.

Formando um centro, vem-se quatro ananazes, cujos losangos, que os compõem, são bordados em ouro velho bem accentuado.

Os pontos devem ser feitos ao comprido do losango; na base de cada um delles fazem-se cinco



TOALHA PARA CHÁ

pontos deitados, em tom escuro. As hastes são bordadas em ponto chato, no mesmo tom de verde que já foi empregado, porém em tres tons diferentes. Enfim, a corôa de flores é feita em dous tons de azul vivo e alegre. As corollas das flores redondas são bordadas em ponto chato, e em azul pallido. O pistilo a ponto de nó em verde.

As pontas do calice visíveis entre as pétalas são em ponto chato no mesmo verde. Enfim as pequenas bagas que se prendem ao ramo são bordadas em meio relevo em azul accentuado. O conjunto de todos esses tons é de uma harmonia deliciosa.



ABAFADOR

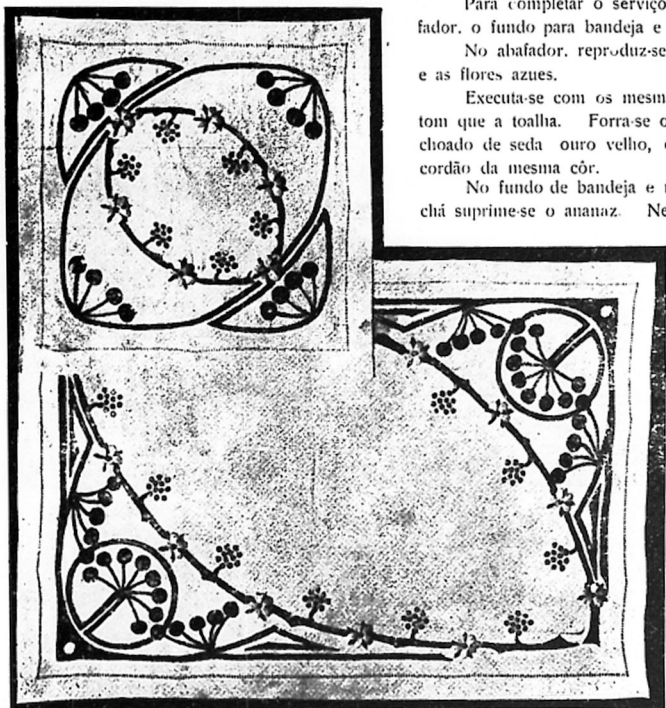
Para completar o serviço pôde-se fazer o abafador, o fundo para bandeja e os guardanapos.

No abafador, reproduz-se o ananaz, as cerejas e as flores azues.

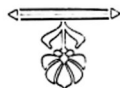
Executa-se com os mesmos pontos e mesmo tom que a toalha. Forra-se o abafador com acolchoado de seda ouro velho, e circunda-se de um cordão da mesma cor.

No fundo de bandeja e nos guardanapos para chá supprime-se o ananaz. Nestes só se encontram as cerejas de um vermelho alegre e as lindas flores azues.

O fundo de bandeja mede 50 cent. sobre 35 e está cercado por uma bainha aberta que mede 2 cent. Os guardanapos medem 28 cent. de lado, e são ornados também de uma bainha aberta.



GUARDANAPOS PARA CHÁ E FORRO PARA BANDEJA



Porta camisolas — É de muito gosto esta combinação de Riche-lieu bordado inglês de que se compõe esse desenho, grinaldas de eglantine bordadas em Riche-lieu formam a parte de baixo do desenho, sendo a parte de cima bordada à inglesa.

Para sua confecção precisa um pedaço de nauzouk ou cambráia de linho de 90 cent. de comprimento por 45 de largura. Em uma das extremidades calca-se o desenho; com o resto da fazenda faz-se uma bolsa que ficará debaixo da parte bordada.

Com muito pouco trabalho obtém-se um lindo porta camisolas que muito enfeitará a cama.

É muito desgracioso vêr-se um quarto em desordem, uma cama mal arranjada, com uma almofada arma-

ta-se este trabalho em cambráia de linho, batista ou linho. O desenho representa uma cabeça de leão, aos lados duas columnas sustentam guirlandas de flores.

É riquíssimo este modelo, que não apresenta dificuldade alguma para sua confecção e merece as honras de um salão de luxo.

Faz-se como fronha, sendo a almofada que, a veste, de seda que combine com a mobília. Fornecemos o modelo por 4\$50 e temos renda a 2\$20 o metro.



PORTA CAMISOLAS

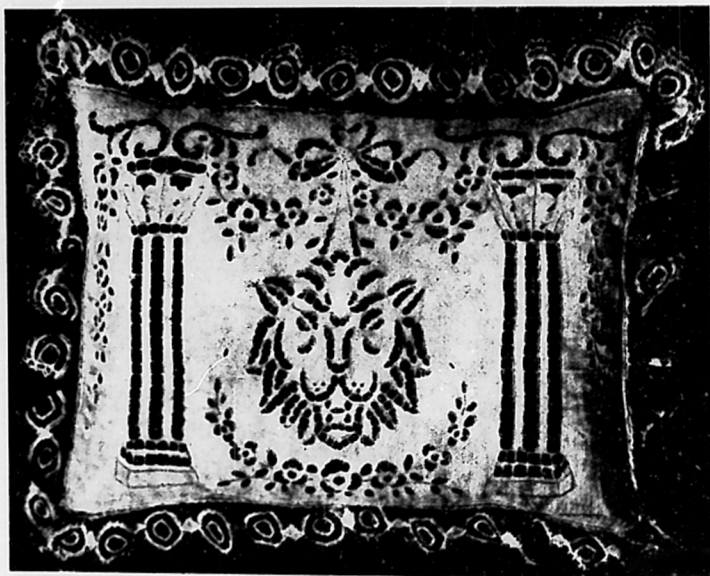
fanhada, occultando a camisolola.

A ordem custará pouco e proporciona tanto conforto.

Enviamos o desenho por 3\$00.

Na sala da exposição temos renda de 1,500 a 2\$ o metro, conforme a largura.

Almofada Renascença — Execu-



ALMOFADA RENASCENÇA

ROUPA BRANCA PARA CRIANÇAS



Não mais lastimável do que o facto, quasi geral, das senhoras não saberem tallar e confeccionar a roupa branca de seu uso e de sua casa. Quantas economias gastas por esta ignorancia? Quantas horas de ocio estéril e inutil poderiam ser empregadas agarradas, eficientemente, a tão importante, se a mulher quizesse consagrar algumas horas do dia a confeccionar a roupa necessaria a si e a si, ou a dirigir pessoa encarregada d'essa tarefa?

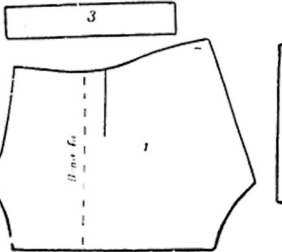
Não se pense, carias leitoras, que porque eu, em estes conselhos entendo que o papel da dona de casa, da mãe de familia, deve em dirigir a casa, e ser o principal fôrça. Não se queira que a mulher seja instruida, illustrada, que saiba ler e escrever na sociedade, que se dignifique por sua a proficiencia em reconhecer que cada luta quotidiana, que todas nos temos, gasta a paciencia, estira os nervos.

A mulher é a natural educadora da familia; mas para que seu papel altamente sympathico, duplamente nobre, se execute na devida altura é indispensavel que sua educacao e sua instrução sejam sabias e praticas.

Em seguindo assim, e vendo a grande utilidade que tem tudo os necessarios que temos introduzido nas collações de esta REVISTA, que resolvemos fazer a cada esta sessão para auxiliar as nossas leitoras a confeccionar toda a roupa de sua casa. Pretendemos dar alguns e convenientes principios para podermos por si mesmas cortar a roupa branca, que faz parte não varia tanto de moda como as *habillé*; as modifficações são somente em relação a applicação dos bordados e folhos, mas as linhas gerais são quasi as mesmas.

Quanta economia se faz quando a roupa é feita em casa, a nossa vista, embe se o tempo para fazendas muito mais, e muitas vezes dadas e que se sabe que aquillo, que se fabrica de uma peça grande, serve muitas ve-

zes para a roupa do bebê? Quem é diligente e economica nada perde, sabe tirar elementos de qualquer pedaco de tecido; não rejota o começo e o fim da peça de fazenda, porque sabe, que para as pequenas peças do vestuario das crianças pode se aproveitar tudo, já para um corpete, para uma zola ou para um punho. Não ha melhor distracção para uma mamãe que está esperando seu bebê, que confeccionar as diversas peças de vez



marlo de que elle necessitará, quando chegar.

Cada ponto que faz, cada vez que pica e tira a agulha lhe proporciona uma economica nova; ella vê em sonhos o anjinho que virá alegrar sua lar.

Não desobediencia, mãos de amolho, a allegria de tallardos e enxoval de vossos filhinhos; nada ha mais doce e emocionante, e se vos recusais a este dever sagrado, prepareis desgozos para toda vossa vida.

A medida que o bebê cresce, as exigencias de seu enxoval tornam-se mais serias,

E' preciso que sua mamãe, que a quer sempre bonita e cuidada, continue a preparar suas roupinhas, a tallar seus *collars*, seus *vestidos*, a manter seu parto sempre agradável, e como para isso é preciso saber cortar e coser, vamos auxiliar as nossas leitoras, tornando modelos e medidas.

Conhecemos hoje por dar tres modelos para roupa branca de meninas.

O primeiro, como vêm as leitoras á nossa calcinha, guarnecida por um entroncho bordado a ponto cheio, um outro entroncho meio para collar fita, e um folho largo bem bordado, tudo em um dos outros pedacos de um *ajour*.

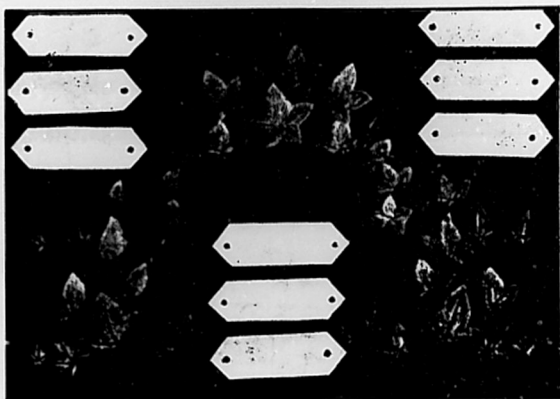
O padão mostra como deve ser tallado sobre os lados, se fará uma abertura da altura de 17 centimetros, que será guarnecida pelo accessório que trazem numero 2 em cada lado; a fita, a mostra a cintura.

Franze-se o alto das costas adequadamente e atoz; e alinhava-se o cinto para a parte posterior onde termina a abertura do lado, faz-se uma casa na cingia do lado da frente das costas, e outra em local correspondente do lado de traz; assim também no meio da frente e das costas faz-se uma casa e duas aberturas para os cotovellos.

O segundo é uma cambalho toda bordada e bordada á inglesa. O tercio a empregar deve ser nanquim fino, cantado de filho ou peral.

O tercio é uma sahinha para baixos e vestidos, feita em nanquim. É um modelo novo, bonito e simples, a zola formada e guarnecida de fillos a ponto cheio, uma fita passada á volta, de uma facoda nos hombros e a botina por outro na frente. O folho e também bordado com fillos a ponto cheio, formado. Mostra a traz e leva 1 metro e 27 centimetros de largura de seu entroncho, para uma criança de 2 a 4 annos.

TRABALHOS FEMININOS



Placas para telephone

Nada mais difficil que oferecer um trabalho para um homem. Nosso recurso é fazer um trabalho para escriptorio, o que já está muito visto.

E' sempre o circulo vicioso: classificador, mata-borrão, *block notes*, cesta para papeis, e com isto quebra-se a cabeça mas... não se encontra uma novidade. O modelo que apresentamos se não é positivamente uma novidade ao menos não é commum. Uma placa para telephone, pyrogravada, em estanho repoussé, em faiança ou simplesmente pintada a oleo, alegra muito um gabinete de trabalho e ao mesmo tempo nos poupa a paciencia, por ter de esperar 15 minutos a informadora para nos dar um numero que precisamos ou então termos de recorrer ao mal organizado catalogo.

Sua execução é facilima. Toma-se um pedaço de madeira, em buga ou pão marfim de 30 centimetros por 40, calca-se o

desenho e executa-se o trabalho no genero que se deseja, tendo cuidado de, antes do descalque, cortar pequenos pedaços de cartão nos quaes se deve escrever o numero do aparelho e o nome da pessoa de cujo aparelho precisamos com mais frequencia.

Vamos crear esta secção para ensinar os pontos mais usados em bordados, tricots e rendas.

Começaremos pelo ponto de corrente que se compõe de anéis formados por ponto de festão, e enlaçados uns nos outros. Para o executar, fixar o fio á direita donde sahi a agulha, é preciso mantel-o com o polegar esquerdo; picar a agulha á direita onde o fio está fixado, fazel-a sair uns fios mais em baixo voltando a ponta para si e passal-a dentro do anel e entre as duas linhas, tirar a agulha por dentro da laçada como mostra o desenho.

Este ponto pôde ser alternado com o soutache e é muito usado, servindo não só para fixar os desenhos em bordados de applicação como tambem para bordar vestidos, roupas para creanças etc.

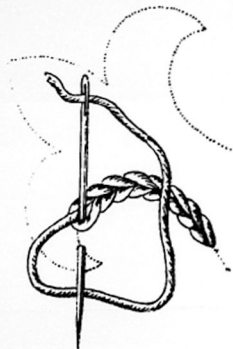


Fig. 1 - Ponto de corrente

Pontos de quadrinhos. — Este genero de bordado se encontra sempre nos trabalhos a Luiz XV e Luiz XVI emoldurando o fundo dos desenhos e muitas vezes cobrindo-o mesmo todo quando o trabalho é pequeno.

Executa-se este ponto preparando uma redesinha formada por diversos fios estendidos, entrecruzando-se obliquamente; estes fios são fixados em cada angulo por um pequeno ponto deitado, atravessando este ultimo, como se vê no desenho.

E' muito gracioso este trabalho executado em moine, setim ou mesmo em *drap*.

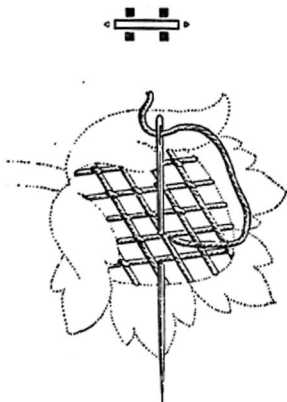


Fig. 2 - Ponto de xadrez



O FILHO

(EPISODIOS DA GUERRA)

O velho Moysés vinha correndo para a sua casa, levando sob os braços um fardo pesado. Dona Piedade, sua mulher, que o aguardava, ansiosa, á porta, sahio ao seu encontro.

— Moysés, Moysés, que aconteceu?

— Nada, mulher. Tranquillisa-te. Já não é preciso fugir. O inimigo tomou conta do povoado, que acaba de render-se.

— Meu Deus!

— Seja tudo pelo amor de Deus. Mas agora, ajuda-me. Trago aqui este rapaz ferido.

— Coitadinho!

E ajudando o seu marido a transportar o fardo, entraram na casa, que era baixa e ao rez do chão, como todas as casas aldeas.

A noite de dezembro ia escura como uma bocca de lobo. O frio fazia inchar as mãos. Um grande silencio tragico havia succedido ao estrondo da metralha. A praça, rendida, mostrava a immensa desolação de um ossario. Os mortos jaziam por terra, aos montes. Algumas casas, incendiadas pelo invasor, traçavam no ar negro a sarabanda vermelha das suas chamas, pontilhadas de fagulhas que estalavam, afogadas, por vezes, na fumarada espessa.

As mãos piedosas dos velhos tinham cuidadosamente collocado no sofá da sala o pequeno ferido. A lampada familiar, pendente do tecto, illuminava-lhe o rosto.

Era um rapazola de treze annos escassos, moreno, muito queimado do sol, cheio de gestos asperos e bravios. Logo que o accomodaram, mexeu-se no sofá, e olhou em torno, arregalando muito os olhinhos espartos.

— Onde te dóe? Aqui, não é verdade? Estás ferido em outra parte? Vejamos.

E enquanto dona Piedade mandava a creada preparar uma cama, Moysés, examinando o corpo do menino, observou, com assombro, que estava cheio de cicatrizes recentes. Mas não havia nenhuma lesão séria. Uma bala tinha-lhe atravessado o braço esquerdo, e um filete de sangue manava da ferida, com abundancia. O osso não fóra attingido.

Dona Piedade, com as mãos tremulas, lavou a ferida, colou-lhe um sparadrapo que aqueceu a um phosphoro e envolveu o braço do rapazito numa tira de panno.

— Você livrou-se de boa. Podia ter morrido. Mas porque ficou tão

perto do lugar da luta? Que imprudencia!

— Perto do lugar da luta? Pois eu estava na primeira linha.

Dona Piedade exclamou:

— Desgraçado! Não ve que podia ter morrido?

O rapaz, num gesto secco:

A vida! que importa isso?

Os dois velhos olharam-n'o com espanto.

— Então você estava combatendo?

— Sim. Perdi o fuzil. Mas ainda me resta isto.

E tirou do bolso interior da jaqueta uma pistola.

— Com esta aqui, puz fóra de combate quatro homens. E se não fosse a pancada que recebi na cabeça, que me deixou atordoado, ainda a esta hora estaria combatendo. Ladrões! bandidos! Entrar em terra alheia, penetrar na casa da gente, saquear, incendiar, matar!.. Meu gosto era matar-os todos, um a um. Emfim, o tempo dirá. A praça rendeu-se. Mas teremos a nossa revanche. Pois, apesar da praça render-se, eu hei de affrontal-os na rua, a tiros, ainda que me fuzelem.

— O que! Será possivel que penses em novas aventuras?

— Pois claro! Barta que possa mexer-me é aguentar o peso do fuzil. Os barbaros andam saqueando as nossas casas e arrazando tudo.

Não podes prosequir. O sangue perdido lhe exauriria as forças. Começou a ter um suor frio á raiz dos cabelos, foi fechando os olhos e perdeu os sentidos. Dona Piedade, nervosa, soccorreu-o com um gole de cognac, e o pequeno, ao cabo de uns minutos, foi-se reanimando.

— Coragem, valente! disse-lhe o velho. Verás como d'aqui a uns pares de dias estás são como um pero.

A velha perguntou-lhe, carinhosa, passando-lhe a mão pela testa fria:

— Como te chamas?

— André.

— Tens mãe?

— Morreu ha coisa de um anno.

— E pai?

— O rapaz, num muchocho:

— Não sei. Nunca ouvi falar nelle.

Os velhos entre-olharam-se com tristeza. Os seus olhos, em seguida, pousaram no rapaz. Causava-lhes lastima ver aquelle menino, só no mundo, e, o que é mais, dotado de uma indole tão rebelde.

— De que vives tu, meu filho?

— Vendo jornaes pelas ruas.

— E onda moras?

— Em parte nenhuma. Durmo no corredor das redacções. Vivo onde quero. Sou livre.

E encolheu os hombros, fazendo uma careta de dor.

— Não tens nenhuma inclinação para outro officio?

— Não sei. Nunca pensei nisso.

— Pelo que vejo, observou Moysés, como a tentar explorar a psychologia do menino, a tua unica affeição é a guerra...

Os olhos do garoto scintillaram.

— Sim, senhor. Gosto de matar. Para que negal-o? Figura-se-me que matando essa gente, vingo o mal que elles nos estão fazendo. Acho que os pobres, como eu, que se vêm roubados no pouco que têm, a unica coisa que devem fazer é matar. E' matar, e defender-se emquanto puder.

Os dois velhos não sabiam que pensar. Estavam surpresos. Piedados como eram, sempre dispostos a perdoar o mal, alheios a qualquer sentimento de represalia ou vingança, estavam assombrados ao ouvir dos labios de uma creança aquellas idéas combativas e brutales.

— Meu filho, murmurou o velho, com uma tremura na voz. A guerra

não tem nenhum encanto, nem mesmo para o triumphador, porque um triumpho sempre faz recordar a derrota dos outros. O triumpho recorda o horror da invasão, as mortes injustas, a crphandade, a vivuez... A guerra é absurda, meu filho. Não ha premio que justifique uma morte. Deus disse no seu quinto mandamento: "Não matarás". Verdade é que o inimigo nos mata. Mas Deus ha de tomar conta dos seus erros. A guerra é absurda para todos os corações são e honrados. A Historia é um livro que os homens deviam queimar, envergonhados, para se esquecerem do tempo em que eram barbaros.

O ferido foi obrigado a ouvir toda essa tirada, dando mostras, entretanto, de não a ter comprehendido. Nenhum vislumbre de todos aquelles conceitos lhe illuminou a imaginação.

Moysés acrescentou:

— Não importa. Irás aprendendo aos poucos. E's muito creança ainda.

A creança já tinha arranjado o quarto. Transportaram o ferido, cercandoo de mil cuidados para o não maguar. O quarto que lhe deram era largo e limpo, com uma janella que dava para o campo e outra que dava para o casario, na parte que não tinha sido arrazado pelos invasores.

Uma vez instalado, deixaram-no só, para que descansasse.

Os velhos voltaram na ponta dos pés. Dona Piedade, ao voltar á sala, deixou-se cahir no sofá, exausta. A sua velhice combalida não podia resistir a tanta emoção. Moysés permaneceu em pé, encostado á hobreira da porta, calado. Houve um longo silencio. A aldeia estava tambem silenciosa, como se sobre aquelle montão de ruínas, muitas das quaes fumegantes, a tragedia não houvesse espalmado as suas azas negras. A aldeia parecia dormir placidamente, emquanto a Dór visitava os corações, offerecendo-lhes, como unico consolo, a sua caudal de lagrimas.

Agrupados, na sala, sob a lampada, os velhos mostravam no semblante um suave resplendor de paz.

O relógio da parede, com isóchronos tic-tacs, media o tempo gravemente, com essa melancolia com que costuma contar as horas da velhice.

O piedoso casal pensava no seu extranho hospede. Pensava em desvelar-se, dedicar-se a elle até que se restabelecesse. Pensava tambem em conservá-lo em casa como seu filho. Se elle quizesse...

Se elle quizesse! Ambos pensavam nisso ao mesmo tempo. O pequeno, apezar do seu aspecto bravo, tinha nos olhos uma certa doçura ingenua. Seria um acto de caridade amparar aquelle pobre sêr, dar-lhe o pão, o abrigo, assim como lições e carinho, porque de tudo isso necessitavam o seu corpo e o seu espirito. Era preciso desviar-o dos descaminhos por onde elle andava, guiando-o para um destino mais seguro e melhor. Podiam fazer delle um homem bom, que lhes pagaria com carinho o bem recebido. Ha males que vêm para bem. A guerra, a despeito de todos os seus horrores, trouxera-lhes esse bem, esse consolo tardio, dando-lhes a illusão de um filho. Porque elles sempre desejaram um filho e nunca se consolaram desse desejo insatisfeito. Teriam, pois, um filho, para lhes amparar a velhice, para os acompanhar até aos seus ultimos dias, que estavam bem proximos e para lhes cerrar os olhos quando morressem...

Estas perspectivas, que passavam, como num kaleidoscopio, pela imaginação dos velhos, trouxeram-lhes uma grande alegria, e elles puzeram a rir-se.

Naquelle momento, deslembrados das amarguras passadas e dos alicios da hora presente, sentiam-se felizes, no antego de uma nova vida.

Antes de deitar-se; entraram no quarto do ferido. Dormia profundamente. Aquella feição aspera de rebeldia que havia no seu rosto tinha desaparecido com o somno. O seu rostinho encardido de sol mostrava uma doce e confiante placidez.

Dona Piedade, antes de retirar-se, entalou a colxa em torno do seu corpinho, apalpou-o com doçura e demorou-se um momento a contemplá-o, embevecida.

— Coitadinho!

E sabiu, amparada aos hombros do marido, com os olhos ennevoados de lagrimas.

* * *

Deitaram-se. O somno de ambos foi leve e soçgado.

Ao amanhecer, dona Piedade, que sonhava, despertou em sobresalto, cuidando que o ferido a tinha chamado.

— Moysés! Moysés!

— Que é, Piedade? falou o velho, estremunhando.

- Não ouviste ?
- Não. Não ouvi nada.
- O pequeno chamou por alguém. Vamos vel-o ?

Levantaram-se. Quando abriram a porta do dormitório do hospede, ficaram imóveis, os olhos arregalados de espanto, as mãos geladas e tremulas.

A janella estava aberta e o rapaz tinha desaparecido...

J. Gritz de Pinedo.



CAMPO SANTO

Entro no Campo Santo, e oiço, como um lamento,
Um sino a badalar de momento a momento.

Com a alma a soluçar, cheia de dor, eu sigo
Lentamente, a parar de jazigo em jazigo.

A treva impera... é leve a brisa... o ar tristonho,
E eu sempre a caminhar como seguindo um sonho.

Batem as azas num som terrível e funereo:
E' o Corvo que visita, á noite, o Cemiterio.

Tenho frio... e no olhar ha impressões de medo.
Balbucio, a tremer, uma prece em segredo.

A Via Crucis faço, entre as tumbas, agora.
Oh, como o Cemiterio é triste nessa hora!

Aqui esta inscripção numa cova singela:
—Porque morreste, ó Flor, assim tão nova e bella?

Alli — ha o esplendor riquissimo da Arte,
Num mausolé enorme ha bronze em toda a parte.

Além—uma inscripção, nada mais, uma só,
Que nos diz: Quem és tu? Não te lembrás que és pó?

Num busto de mulher uma placa contém:
Descança, minha Mãe, ó meu Supremo Bem!

Tudo se finda aqui, toda a Vaidade acaba.
Na estranha sensação de um sonho que desaba...

Deixando os mausoléos, enormes, como casas.
Eu procuro chegar até ás covas rasas.

Vou ate' o logar humilde da pobresa,
Como me sinto então tomada de tristesa!

Não ha uma palavra, um nome, uma memoria,
E são todas assim... É sempre a mesma historia...

Uno, num pensamento, as ricas e as singelas,
Pois, numa prece só, rógo por todas ellas!

Laurita Lacerda

A PSYCHOLOGIA E A BELLEZA

I

TODA a natureza é uma vida de vibrações que se manifestam de inúmeras e distintas maneiras, todas ellas reunidas em suas manifestações: *Som e Movimento*.

Estas vibrações têm uma relação muito estreita uma com a outra, e guardam entre si uma ordem perfeita: *Ritmo*.

O ritmo reproduz, por si mesmo, a disciplina do conjunto: *Harmonia*.

Aquilo a que chamamos plastica, é um *acorde* de movimentos que expressa ou pôde expressar uma idéa ou um pensamento, como uma palavra, uma phrase.

O sentido visual do observador recebe a idéa ou o pensamento expresso por um gesto ou movimento do observado: *Mímica, Dança*.

Do mesmo modo, o sentido auditivo recebe a idéa ou o pensamento expresso pelo som: *Musica e Poesia*.

A physionomia ou expressão do semblante e a attitudo podem manifestar, por meio do gesto, um estado de alma, com tanta eloquencia como a palavra, e, ás vezes, com mais intensidade que esta. Uma dança, pois, executada por um individuo de genio, pôde ser um poema tão sublime como um poema escripto, e uma melodia pôde dizer tanto como um poema *Verbal*.

Os musicos e os coreographos são *artes* que manifestam as suas idéas por meio de vibrações rhythmicas de sons e movimentos, harmonizando-as com as ondulações do conjunto.

II

A prosa tem a sua ordem natural, letras, syllabas, palavras, phrases, que são os recursos materiaes para a execução do pensamento.

A poesia, a mais rica de taes recursos, tem, a auxilia-a, outros artificios, que são a metrica e a estrutura do verso. Ambas, poesia e prosa, valem-se da palavra, falada ou escripta, para a expressão das idéas e dos sentimentos.

A poesia, entretanto, pôde prescindir desses artificios, submettendo-se á outra ordem ou ritmo natural, que é o da prosa poetica.

III

A musica e a dança, como ficou dito, também constituem meios de exprimir o sentimento e a paixão: uma, com as vibrações harmonicas dos sons perceptíveis ao ouvido; a outra, por vibrações ondulatorias que produzem o movimento, transmitindo-a ao sentido da vista.

IV

A pintura e esculptura são regidas pelas mesmas leis geraes, valendo-se de mais estes dois recursos complementares: luz e côr.

A obra do verdadeiro pintor ou esculptor tem, por primeiro e essencial merito, o de exprimir a idéa do autor, transmitindo-a facilmente ao observador e impressionando-o.

Na immobilidade de uma estatua, no seu pedestal, ou de uma figura, em sua tela, existem movimentos sensitivos e continuos, por assim dizer psychicos, isto é, fora da materia representada. São vibrações que o seu autor lhe transmittiu e que, por um phenomeno psychico, chegam até ao observador.

V

O mesmo succede com os *mimezes*, com os grandes dançarinos, com os grandes compositores, os quaes, prescindindo dos recursos da palavra, conseguem os seus resultados, ajudados pelos recursos da escola e da technica, que constituem a *Arte*.

Artista, portanto, é *so* e exclusivamente o que possui genio por natureza, escola pelo estudo e poder de produção pelo trabalho constante e diuturno exercicio. Sem estes tres elementos, genio, estudo e esforço, não pôde haver artista, sentido rigoroso da palavra.

VI

Ao artista do pensamento, que medita, concebe e produz, dá-se o nome de Autor.

O artista de acção, que estuda, concebe também e interpreta o pensamento do primeiro, é o Actor.

O primeiro é a idéa; o segundo, a acção; ambos têm o genio que se unifica na ordem dos acordes universaes submettidos á disciplina da technica exigida pela Arte, que, como ficou dito, é a escola que ensina a coordenar as vibrações ondulatorias do conjunto: *Som e Movimento*, ajustando-o aos entidos auditivos e visuaes.

VII

A coreographia (completamente desconhecida entre nós, no seu sentido tecnico) tem criticos, admiradores e adversarios, todos, porém, profanos.

Um coreographo cultiva as artes da vida. Sua obra pôde encerrar uma infinidade de obras esculpturaes. Elle necessita conhecer a figura grega, desde as suas linhas mais rudimentares, até á mais alta das suas expressões, para poder exhibir a idéa de um poema antigo; precisa conhecer os

segredos mais reconditos das ondulações provocadas por uma idéa, para, por meio dos movimentos e das *aparencias*, poder interpretar um idyllio ou uma tragedia. Deve conhecer todos os recursos auxiliares da luz, da côr, das proporções dos elementos da sua *composição*, para que o ritmo de cada um concorra para a *formação harmonica do conjunto*.

A bailarina classica necessita muitos annos de estudo consciencioso e de esforços constantes. Esse estudo, esse esforço, porém, resultarão negativos se ella não tiver o talento de *musico* e de *poeta nato*. Sem esses talentos, os seus movimentos tornarão automaticos, á força de inexpressivos.

Um compositor pôde celebrar-se, sem que tenha noções seguras da technica coreographica. Um coreographo ou uma executante nunca consegue ser artista se não conhece muita musica em sua estrutura technica para interpretar a expressão do autor.

VIII

O elemento essencial para a exteriorisação do pensamento é a mulher, pelo temperamento e pelas linhas.

O homem estabeleceu, desde a antiguidade, que as artes e as paixões fossem representadas por figuras de mulher. Os pintores e esculptores fixaram limites ás suas linhas e ás suas formas, segundo o gosto da epoca, da escola e da raça, criando, portanto, uma belleza convencional, muito diversa da belleza commum. Esse typo de convenção, tornado classico, e o que, ainda hoje, serve de modelo para se julgar a belleza perfeita.

Os antigos confiavam á dança, mais que á poesia, os segredos mais intimos do seu coração, e por meio da dança é que se manifestavam.

Não ha paixão, não ha sentimento, não ha idéa, por mais subtil e fugitiva que seja, que não possam ser interpretadas e expressas por uma attitudo plastica ou por um movimento rhythmico.

Porisso é que, desde os tempos mais remotos, o culto de Terpsichore, foi sempre fervoroso...

Esta arte, para ser elevada, é assaz difficil Tem expressões que nenhuma outra tem. Physicamente, a bailarina deve ser perfeita em todas as formas da sua belleza. E' mister que seja sã, que tenha cuidadosamente educados todos os seus musculos, que saiba e sinta a musica profundamente e que seja poeta por temperamento.

Só assim é que pôde ser possivel uma Karsavina, uma Napierkowska, uma Boni, uma Verbits...

Marcello Vignali.



CRACIOSA *toilette* em crepe da China, com tunica de renda, aberta na frente e atrás. O corpo, com decote quadrado, tem os lados também feitos em renda.

A manga termina por um punho de fita com um pequeno laço ao lado. Três flores e um laço de fita formam o cinto.



TOILETTE para noite. De grande efeito este vestido em gaze rosa claro ajourado no meio da altura da saia. Os *picots* que se veem na barra, é uma carreira de ajour que foi cortada ao meio, formando desta maneira os *picots*. Uma guirlanda de rosas pintadas a 15 cent. de altura da barra completa essa tunica, que deixa aparecer em baixo uma larga barra de seda em harmonia com a cor do vestido.

O fundo da saia em que é pregada essa larga barra, é também de seda. O corpinho, ornado com fita picotada, e rosas pintadas como as da tunica, abotoa nas costas.

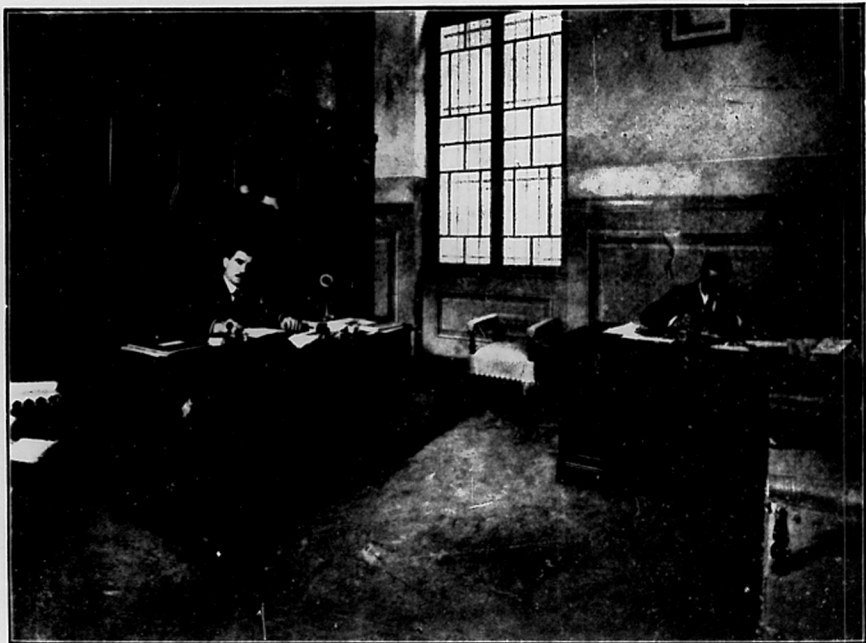
Uma grande laçada de fita forma o cinto.



O PROGRESSO DAS NOSSAS INDUSTRIAS

Um jornalista americano que, ha uns dez annos, mais ou menos, visitou o nosso paiz, disse, resumindo as suas impressões, que se o Brasil todo fosse composto de Estados adeantados como S. Paulo e habitado por um povo trabalhador e tenaz como o paulista, seria o mais rico e mais adeantado do globo. Nessa affirmação não ha exagero. De facto, S. Paulo, com ser uma simples unidade na federação, é o que, com a sua enorme produção, está, desde longos annos, garantindo a prosperidade do paiz. Industrialmente, então, tem-se adeantado de tal fórma, que a sua produção supera a de toda Republica Argentina.

E não se diga que a industria paulista é ficticia, porque ella se faz á custa da materia prima importada do estrangeiro. A principio havia uma parte de verdade nessa affirmação. Mas hoje, não. A maior parte dos nossos productos fabris são obtidos com os elementos de que dispomos. Mas não se póde falar em industria paulista sem recordar o nome dos industriaes que, com o seu esforço, a sua intelligencia e aptidão tecnica, a elevaram, impondo-a á accção de todo paiz; e, tambem, não se póde falar em industriaes sem lembrar o nome do sr. Pereira Ignacio, que, pelas multiplas actividades que tem exercido, creando, a cada passo, novas industriaes e in-



O SR. PEREIRA IGNACIO EM SEU GABINETE DE TRABALHO

O recente certamen realizado no Palacio das Industrias, a que só concorreram as industriaes da capital, puzeram bem em evidencia a excellencia do nosso producto fabril, que, em alguns casos, póde ser comparado ao extrangeiro, e, em outros, o supera até. Os pessimistas poderão objectar que esse extranho e espantoso recrudescimento da nossa actividade industrial póde ser lançado á conta das taxas proteccionistas, creadas, em boa hora, pelo governo para estimular a produção nacional. Essa objecção, que tem sido feita, por diversas vezes, no interesse de apucuar o espirito da iniciativa do povo paulista, tem tanto menos procedencia quanto é certo que essas taxas proteccionistas foram creadas, não apenas para beneficiar o nosso Estado, mas igualmente todas as unidades da Federação. Se, pois, as industriaes prosperam entre nós, a ponto de S. Paulo regeitar o producto congenero extrangeiro e tornar-se o mercado onde os demais Estados, de norte e sul, se abastecem, é porque o povo paulista estava, mais que nenhum outro, apto a orientar, nesse sentido, a sua actividade, comprovada já, e superiormente, em outros ramos.

tensificando, dia a dia, a produção dos seus numerosos estabelecimentos fabris, gosa da mais alta evidencia entre os maiores industriaes. Difficilmente se poderá encontrar, mesmo nos meios industriaes mais adeantados, um homem que supere o sr. Pereira Ignacio em capacidade de trabalhos, em tenacidade, em intelligencia pratica e segura orientação em todas as iniciativas que põe em obra. Esse illustre cavalheiro, que por si basta para dar um expcional relevo ao meio onde se formou o seu espirito, tem em mãos as mais ricas e prosperas industriaes do Estado.

Eis os estabelecimentos fabris a cujos destinos preside a sua alta competencia: «Votorantim», «Luzitania», «Paulistana», «Lucinda», fabrica de cimento «Rodovalho».

As suas machinas de beneficiar algodão estão installadas em S. Paulo, Sorocaba, Tatuhy, Boitua, Porto Feliz, Conchas e Bella Vista. O sr. Pereira Ignacio explora ainda a agua «Platina» cujas virtudes medicamentosas a fazem uma das melhores aguas de mesa que se conhecem e que substituem as proprias aguas de Vichy.



A LUTA

ABBÉ POULIN

A condição de toda vida humana é a luta; luta contra os elementos, luta contra a enfermidade, luta contra a morte. E preciso lutar, não como tor, para abrir caminho através da existência. A existência não se mantém senão pelo esforço contínuo; ella não subsiste senão pela luta contra os obstáculos que se nos deparam a cada passo. E, pois, verdade que a vida do homem sobre a terra é um combate.

Nesta guerra, a todo franco, em que estamos empenhados, precisamos estar sempre vigilantes.

"Vale a pena", diz o Mestre, "porque o espirito está pronto, mas a carne é fraca." E' necessario, portanto, tomar tanto no possível não andar ás cegas, não se deixar arrebatado, não perder o sentimento do dever. Mas he que dor em sobre tudo, a dor sequencia; e contida nella não se apercebem des males que se vão surprehender, de subito. Para o christão não pode existir como uma paz realtiva que é a da consciência, sempre armada, sempre atenta, sempre vigilante. Toda vez que dizemos: "Estou seguro da minha salvação", o perigo começa.

A vigilância, a prudencia, a humildade com uno em Deus, a falta de desconfiança de si mesmo, são os muitos compoentes indispensaveis de uma alma que quer viver. E' no sentimento da presença de Deus que se deve buscar refugio para a segurança. Esta segurança não é um golpe de audacia, um claro de enthusiasmo, uma bravura momentanea. As occasões que tem o christão de se mostrar heroico, apresentam-se algumas vezes, mas raramente. O valor christão é, antes tudo de tenacidade, de longanidade, de resoluções obstinadas, o que persevera até ao fim.

Na economia moral, a paciencia é uma das maiores virtudes. A idea de Deus faz supor a tristeza, com resignação e a impetiva e a esperança. A idea de Deus é que guacia os apóstolos na sua vida e na preza, é a exhortação que elles não cessavam de dirigir aos primeiros christãos: "Vós precisades sustentar os meus combates que me vedes sustentar", escrevia São Paulo aos Philistinos. E acrescentava: "A paciencia vos é, pois, necessaria para que possaes cumprir a vontade de Deus e ganhar a recompensa prometida."

A paciencia é a escola onde se preparam lentamente as almas, para a hora das immolações e dos sacrificios. A certos horas é mister que o sangue corra. E esse corren na cruzes, quando foi da fundação da Igreja. Durante trezentos annos, milhares de martyres morreram pelo Christo. O fogo, o ferro, o dente das toras, as pedras torturas não conseguiram vencer a sua constancia a estes grandes atletas conquistadores a liberdade christã a custa de abominaveis tormentos.

Se fordes um dia a Roma, não vos esqueça visitar o Coliseu. E' umquelle immenso recinto, sob as oito-nas columnas gigantescas e sustentadas em aquies romanas, em presença da multidão innumeravel de patrios, exilios, burguezes e da plebe avida de viros, sob os olhos de Cesar, da Imperatriz e das cruéis vestaes, durante scenos os quadros de desfilarem soldados e graves e lançaram, passando diante de Cesar, a celebre saudação: "Cesar, ao que vou morrer te saúdo!"

Durante os jogos, que duraram com elles, mandados esbochar por Tito para a inauguração do colossal monumento começado por seu predecessor mil homens pereceram para o prazer do povo. Em seguida foi preciso oferecer á população outro espectáculo; e uma multidão de christãos, homens, mulheres e crianças, foram lançadas ao fogo. Mas, antes de tombar, armados do signal da cruz, altivos, elles, ao desfilar diante do tribuna de Cesar, diziam o seu ultimo adeus: "Cesar, ao que vou morrer pelo Christo, e para conquistard a liberdade, te saúdo!"

Quantos caíram ao fogo? O seu diao immedido dos seus castos veres e avermelhado do seu sangue. E foi por nós que elles soffreram. Elles conquistaram bravamente o direito de servir Jesus Christo. Egoemos por aqui e dobrando os joelhos em terra, hejemos o culto sagrado.

O AUCTOR DA MURALHA

Nini, lendo o jornal: — Começaram a demolir a grande muralha da China.
— O quê? Isso é verdade?
— Olhe, está aqui — disse Nini, in-



dicando-lhe o ponto em que o jornal trazia a noticia.

— Bom — respondi-lhe, — folgo muito, porque, para o que ella fazia de pé... Queres que te conte um conto?

— O da muralha chinesa?
— Vaes vêr. Houve uma vez nesse paiz um rei chamado Tsi-Ching-Hoang-Ti (salvo seja!) o qual tinha um rabicho enorme, e tanto assim que quando vão á Hespanha só consideram os toureiros pela trançinha que usam.

Ora o rei do meu conto era tão fahlo de dentes como abonado de trança e tinha um estomago onde cabia boa metade do reino. É que fome canina!

De cinco em cinco minutos escancarava a boca, e em todas as dependencias do palacio havia empregados cuja missão unica era collocar um ovo cozido na boca do monarcha, mal este começasse a entreabril-a. E en-

tão aquillo é que era uma boca! Um ou outro pretendente, distraihido, ia metter-lhe dentro a sua petição, imaginando ser o receptaculo respectivo. A's vezes acontecia que os ovos, ao cahirem no immenso estomago do Imperador, só por capricho ou azar se acomodavam convenientemente, ficando de ponta, o que causava ao pobre senhor um mal que elle não podia supportar.

Mas naquella côrte tudo estava previsto. Uma nutrida orchestra acompanhava o monarcha por toda a banda, e, apenas este fazia o terrivel gesto de que o ultimo ovo tinha cahido mal no estomago, começava a executar-se a todo o vapor uma musica caracteristica, conhecida pelo nome de *A valsa do ovo cozido*, tão irresistivel e suggestionante que Sua Magestade Imperial, sem poder conter-se, largava a bailar tão desenfreadamente que chegava a bater com a cabeça no tecto.

Ao cabo d'alguns minutos deste salutar exercicio o pobre homem gritava: Já não está de ponta!



... cabrilhos em cima d'uma choca de cavallos

E a orchestra emmudecia e a côrte em pezo apressava a felicitar Sua Magestade pelo bom exito daquella dança.

Uma noite, estando a dormir, deu um formidavel estremeção Tsi-Ching-Hoang-Ti (que trabalho, chamar-se uma pessoa assim!) e, empinando-se na cama, gritou:

— Tenho uma ideia!
Os guardas, alvoroçados, gritaram: — O Imperador tem uma ideia!

E todos os funcionarios palatinos e a familia real acudiram aos reaes aposentos para felicitar o seu Imperador.

— Quão glorioso é esta dia! — exclamavam — E' a primeira vez que tal succede em toda a China! Ter uma ideia!

— Sim, queridos vassallos — disse el-Rei enternecido —; tenho uma ideia, para evitar os desmandos dos tartaros que todas as segundas e terças-feiras vêm fazer-nos toda a casta de tropelias.

E essa ideia é nem mais, nem menos que... (todos se ajoelham para escutar aquellas sublimes palavras) perguntar-vos se vos occorre alguma para o evitar.

— Muito bem pensado — disseram á uma os cortesãos.

— Para isso começarei por interrogar o ministro da guerra.

O ministro prega a cabeça no chão e diz:

— Real Senhor, de hoje até amanhã responderei a Vossa Magestade; mas eu julgo, assim para já, que para evitar as incursões dos tartaros, o que temos a fazer é não os deixar dentro do territorio da nação.

— Olha que para ser ideia dum ministro da guerra essa mesmo já não é má de todo — exclamou o Imperador quasi entusiasmado; — está levantada a audiência e até amanhã.

E mascando um ovo cozido que acabavam de por-lhe na boca, refezesteu-se de novo no seu leito e adormeceu, depois de haver soltado aquella ideia tremenda, que demorára perto de quarenta annos a formar-se.

Nessa mesma noite conferenciou o ministro da guerra com os capitães-generaes, estes com os marechais de campo, e estes com os coronéis e assim successivamente, até chegar aos sargentos; estes por seu turno perguntaram aos soldados, sem que achassem ninguém que aventasse um plano; até que um recruta dum batalhão de atrazados e o mais atarado do batalhão, disse:

— Ora, levantando um tapume.
— Basta, seu bruto! — gritou o official, dando-lhe um cachação.

O sargento então apresentou como sua a ideia ao commandante, que o elevou a alferes. O commandante tambem se apropriou da ideia e fizeram-no coronel, e assim foram subindo de posto todos menos o pobre soldado, que entretanto esfregava a cara com sal e vinagre para tirar a marca do bofetão.



Mets-tava-se a palanquin



Tornaram a incendiar a China...

Quando o ministro da guerra expoz a conveniencia que havia em levantar uma muralha, encantou-se o Im-

parador, encantaram-se os da côrte e todos ficaram encantados.

— Ora digam lá que o meu exercito é uma cambada de gansos — exclama el-Rei.

Acto contiuuo, discutiram-se as dimensões da muralha e os materiaes que deviam entrar nella. Um engenheiro disse que devia ter seiscentas leguas de comprimento e que para reunir os materiaes indispensaveis era necessario pedil-os ao genio das pedras, unico que poderia ajudal-os em semelhante empreza.

O peor é que tinha que ir pedir-lhe esta ajuda o proprio Imperador; e quem ousaria incommodar Sua Magestade com tamanha viagem?

— Isso é o menos — exclamou Tsi-Ching-Hoang-Ti, — desde que me não falem com ovos cozidos pelo caminho.

Metteram-se em palanquim o Imperador e o engenheiro, e pouco depois estavam a caminho, em busca do genio das pedras. Atraz ia um outro palanquim com uma cozinha, e logo após mais cem palanquins cheios de ovos cozidos.

Ao fim de vinte dias de marcha chegaram os expedicionarios ás faldas das montanhas de Chuang, e alli descançaram. Só o Imperador e o engenheiro pod-am subir á morada do genio, situada entre horribes precipicios, e, por isso, tanto sua Magestade como o seu acompanhante atafalharam os bolsos com ovos cozidos para a jornada. Chegadas que foram ao pé da gruta onde morava o genio, cahiu-lhes em cima uma chuva de calhaus que por pouco os não deixou no sitio.

Ao Imperador, nasceu-lhe na cabeça um gallo que mais parecia um ovo, dos cem mil que tinha comido; ao architecto, uma telha mal intencionada cortou-lhe o rabicho pela raiz, do que elle ficou muito pesaroso, porque já tinha seus bons tres metros e dava esperanças de crescer ainda. Encolheu-se Sua Magestade, e subiu de notadamente debaixo daquela saravada de pedras, disposto a degolar o atrevido que assim o apedrejara; entretanto encontravam-se já na camera do genio Marmoroso.

Este recebeu o com muita cortezia e perguntou-lhe o objecto da sua visita. Quando o Imperador lh'o communicou, o genio deu uma palmada na testa, que souo como duas pedras que se chocam.

— Pois é verdade! — exclamou — Como não me lembrei eu disso ha mais tempo? Verdade é que tenho a cabeça de seixo. Pois bem — acrescentou — eu te ajudarei, e com a minha ajuda e com a de todos os chinezes, pôde ser que daqui a vinte annos a vejas concluida.

Com effeito; quando Tsi-Ching-Hoang-Ti voltou á côrte, ordenou que to-

MANHÃS NA ROÇA

Cedo, na roça, extatica, á janella
Gózo destas manhãs a graça immensa;
E o sól, que é generoso, entra por ella
E dar topázios, sem pedir licença.

E luz se expande e a vida se revela
No cafezal e na campina extensa;
Ouçõ mugir os bois junto á cancella
E o gorgoejo das aves que se adensa.

No fio, alem, do telephone, em linhas.
Como rosarios, cantam andorinhas,
Saudando o sol na fimbria do Levante.

E pelo branco laranjal em flôr
Semeia o vento o pollen fecundante
Sobre corollas sófregas de amor...

Irene Ferreira de Sousa Pinto.

dos os chinos de entre quinze e cincoenta annos fossem para as fronteiras trabalhar nas obras; e dentro em pouco, sessenta milhões de operarios traçavam a muralha e punham-se a trabalhar com um afã verdadeiramente chinez.

Isto já lá vae ha vinte e um seculos, meu caro Nini; de modo que ainda tu não tinhas aprendido o A B C quando já estava concluida a muralha, que afinal, como depois aconteceu, só serviu para que os tartaros levantassem escadas. Tornaram a invadir a China e fizeram-se senhores della; e o sangue da dynastia que a revolução recentemente destronou era tartaro, como o sarro das pipas.

— Bom, mas eu sempre gostaria de aproveitar alguma moral do conto.

— Pois então lá vae ella. Que as verdadeiras muralhas contra os nossos inimigos são a consciencia da nossa força e a justiça da nossa causa, o que nos permite defrontarmos sempre altivamente e sem recear quem quer que seja.

A Sciencia da Maternidade

Um dos problemas mais importantes da maternidade é o problema do aleitamento. Diz-se vulgarmente: «Isto — elle bebeu com o leite — e nesta synthese popular está encerrada toda a importancia do aleitamento.

Com o aleitamento pode-se beber a força, a saude, o *meqs sana in corpore sano*; o com o leite pode-se tambem beber o rachtissimo, a fraqueza dos ossos, a pessima dentição, pre-nunciando um futuro miseravel, arrastado em meio de molestias e de dores.

Na maior parte desses ultimos casos a mãe deve ser accusada; durante o aleitamento ella não se preoccupou de repousar, de alimentar-se bem, e principalmente, de enriquecer o seu leite com principios nutritivos e basicos para a formação do esqueleto da creança, do arcabouço sobre o qual a casa tinha que ser construida. Todos estes perigos ella teria evitado se tomasse cada dia quatro *Ma'am Triculsic Pastilles*, nas quaes existem todos os elementos necessarios para tornar o leite abundante, grosso, gorduroso e opulento de principios calcicos para a formação dos dentes e dos ossos. A Empreza Feminina Brasileira é a unica depositaria deste producto em S. Paulo.—Um vidro com 100 pastilhas: 20\$000. Enviar o pedido e importancia.—Com quantia tão insignificante garantiréis a formação perfeita do lindo bebé sobre o qual repousa o vosso olhar delicado de mãe.

Empreza Feminina Brasileira

Praça Antonio Prado (Palacete

Briccola)—S. Paulo

TOLUOL -

■■■■■■■■ Tosses, Bronchites, asthma, molestias do peito e garganta. ■■■■■■■■
■■■■ Venda em todas as boas Drogarias e Pharmacias. ■■■■

Qualidades praticas da esposa

«Ser galante e boa dona de casa, eis duas qualidades indispensaveis á mulher.»

A qualidade mais indispensavel e importante da mulher é a garriedade conjugal, isto é, ter o desejo de agradar ao marido. A outra qualidade é — ser boa dona de casa, o que sem difficuldade se comprehende, porque esta segunda qualidade completa necessariamente a primeira.

Como poderia, na verdade, agradar ao marido a mulher que não fosse boa dona de casa, se é duma boa dona de casa que depende toda a prosperidade do lar conjugal?

Não vucemos a tentação de reproduzir aqui o perfeito retrato duma dona de casa, apresentado por E. Legouvé, com magistral belleza, na sua «Historia moral da mulher». Diz o eminente escriptor e tambem observador profundo:

Da dona de casa dependem a prosperidade do lar, a saúde dos filhos, o bem estar do marido. Brotam das suas mãos o beio e util, porque a disposição de todas as coisas em sua casa attinge o valor duma obra de arte, por ella realizada e todos os dias retocada. Uma boa dona de casa precisa ter todas as virtudes femininas: ordem, delicadeza, bondade, perspicacia, doçura. Restaura as fortunas arruinadas, sabe transformar a abastança em abundancia, a vida dentro do estritamente necessario em vida desafogada. Governa, enfim, na mais ampla acção do termo; governa para salvar, e o seu dominio é mais concreto do que o dos ministros e o dos reis.

O rei mais sagaz poderia livrar das intempéries do céu aquillo a que chamam o seu reino? Poderá impedir que a chuva, a saraiava, a guerra assolam as suas estradas e searas? Um rei terá alguma autoridade sobre as almas? Poderá ordenar aos súditos que falem ou que se callem? O seu mando w fugir-lhe a obediencia de todos os seres e das coisas.

A dona de casa, pelo contrario, tem seguros, por assim dizer, nas mãos todos os habitantes e todos os objectos que constituem o seu imperio. Varre do ambiente domestico as paavras grosseiras, os actos violentos; ella tanto pelo bem dos creados como pelo dos filhos, não havendo em sua casa um só soffrimento que ella não possa minorar.

E' ella que conserva os moveis sempre limpos, a roupa branca sempre muito lavada. O seu espirito enche toda a casa, organiza-a a seu gosto, não faltando nada nesta administração domestica, nem mesmo um ideal encanto.

Quem ha que, ao passar, á tardinha, por uma casita rustica e vendo pela janela o fogão acso, a louça posta sobre a toalha grossa, mas alvissima, e o caldo a fumejar na mesa, não sente encher-se-lhe a alma duma inefavel ternura, que classificarei de poetica, e não pense no pobre trabalha-

dor, o qual não deve demorar-se muito, e que, depois de lidar um dia inteiro a cavar a terra, a tremar á chuvia, vae recolher á sua choupana tão assada, repousando os olhos e o coração, fatigados por trabalhos tão asperos?

E' natural que o camponio sinta esse bem estar sem verdadeira consciencia, mas é positivo que o aprecia.

O proprio intellectual, ao cabo de longas e aridas meditações, não acha tambem uma especie de repouso, o que tanto idealiza, ao ver os trabalhos caseiros?

Depois de lermos estas verdades de Legouvé, não podemos deixar de ponderar com amargura quaõ deficitente é a moderna educação das donzellas ao preparal-as para a tão sympathica e importante missão de donas de casa, de boas donas de casa.

Quantas donzellas se poderiam orgulhar, ao casarem, de ter recebido a orientação pratica que as deve tornar capazes de cumprir a preceito todos os encargos da dona de casa? Nesse dia, é que a maior parte dellas vão começar aquella aprendizagem, difficil e pesada quasi sempre, porque só se c. nsegue depois de muitas e laboriosas luctas. E com que olhos ha de o marido ver a esposa começar a aprender depois le casada, quando devia ir habilitada para empregar com competencia os seus conhecimentos de governo domestico?

Não pôde, evidentemente, esta ignorancia da mulher contribuir para a boa harmonia conjugal. Com justa razão o marido contava com o auxilio duma companheira experimentada, e, afinal, deparou-se-lhe uma creatura que só agora se começava a preparar como uma principiante de escola.

Realmente, é preciso que o homem seja dotado de uma grande benevolencia para não deixar transparecer a sua decepção e seria injustiça censurar-lhe o mau humor, porque o verdadeiro culpado não é evidentemente elle.

Os culpados são os paes da esposa, porque, não querendo attender ao futuro pratico das filhas, as abarrotam de noções superfluas ou de prendas vistas, com prejuizo das qualidades indispensaveis para o desenvolvimento das virtudes que tornam uteis e felizes as esposas.

Nestas condições a esposa tem de remediar com uma educação atabalhoada no lar conjugal a preparação devida que lhe falta.

Ora, o organismo material e moral do lar domestico é complexo como um mundo.

E, se está carecida da bastante educação preparatoria antes do casamento, esforce-se a recém-casada por mostrar uma perfeita boa vontade, um sincero desejo de aprender a governar bem a casa, conquistando assim a estima e a benevolencia do marido.

Se elle se mostrar agastado com certas faltas de geito, inevitaveis em quem começa um genero de vida completamente novo, a esposa deve des-

culpar-se sinceramente e sem ressentimento, convencendo o marido de que a sua educação pratica foi até agora muito desamparada, mas que ella a vae conquistar e com tanto zelo, que dentro em pouco, não parecerá a ignorante que é.

Não haverá marido tão falto de criterio, que não verifique os verdadeiros motivos, independentes da vontade da esposa, determinantes da sua desastrada inesperienza. Não ha marido que não fique esperançado e satisfeito ao ver a companheira de toda a sua vida tomar d'ali em diante a sério a sua missão e enviar todos os esforços para a desempenhar com a dignidade devida.

O marido, desta maneira, tenderá a ser benevolo, terá paciencia, e a boa harmonia imperará no lar.

A phrase *governo domestico*, entre os seus diversos significados, todos, aliás, conducentes á mesma idéa, é principalmente sinónimo de *boa ordem, de organização*.

Uma boa dona de casa é uma boa organizadora do lar conjugal.

Na organização do lar se baseia a melhor caução da felicidade material e moral da familia.

A *ordem* é a melhor das seguranças da organização material; a *regularidade de costumes* — ordem, tambem, sob outro aspecto — é a melhor das seguranças da organização moral.

E é da esposa, da influencia da sua disciplina e do seu exemplo, que depende esta ordem moral e material.

E' ainda esse um dos meios ao alcance da esposa para agradar ao marido, fazendo-se amar por elle em essa profunda amizade conjugal que, se não tem os transportes apaixonados do amor sentimental, nem por isso deixa de ser mais affectuoso e mais duradouro.

Nada poderá impressionar peor o marido do que a casa em desalinho, embora elle seja homem pouco arranjado. A cada passo se vê mesmo que o individuo descuidado é exigente, e até, mais do que qualquer outro, aprecia as qualidades duma mulher que tem tudo em perfeita ordem, em lugares certos, permitindo-lhe ter á mão coisas que nunca acharia, se fosse só.

Geralmente, porém, o marido acaba por adoptar gostosamente o bem methodo da esposa, porque a regularidade, tanto nas coisas como nos pensamentos e habitos, contém em si, além de muitas e consideradas vantagens praticas, uma verdadeira e envolgente sedução que se não perde sem desgosto, depois de experimentada.

O marido que encontra constantemente na sua casa o mesmo conforto, os mesmos cuidados e attentões, sem imprevistos que perturbem a tranquillidade corrente duma vida calma e feliz, identifica-se, por fim, tanto com habitos de bem estar, que por nada do mundo os abandona depois.

E' nisso que consiste o triumpho material e moral da boa dona de casa.

Estes hábitos de ordem, tão úteis à esposa, podem ter sido cultivados pela sua educação de donzella, seguindo o exemplo da família. Se não sucedeu assim, tem de os adquirir, mantendo para consigo sob este ponto de vista, no lar conjugal, uma austera disciplina.

E' tão considerável a importância desta virtude para a paz e felicidade do lar, que nunca a esposa se sacrificará de mais, esforçando-se por alcançá-la, não um pouco mas no maior grau possível.

Muitas esposas ha que perdem o amor dos maridos, só por não terem a casa em ordem; outras, muito pelo contrario, conseguem a continuação do affecto delles, ou o reconquistam, sabendo apenas tornar-lhes agradável o interior domestico, insinuando-lhes hábitos regulares de b.m estar dos quaes os maridos depois não podem prescindir.

Sobre todas as questões da organização do lar avulta uma: a despezas.

A este respeito, é indispensavel que a dona da casa saiba fazer contas, mas é talvez isto o que menos lhe ensinaram em solteira.

Organizar e arranjar uma casa com proficiência não é coisa difficil, se a receita não fór tão reduzida, que imponha o severo equilibrio das despesas com os recursos. Mas é o que sempre acontece.

Os leres mais abastados verificam, pela propria lição dos factos, que cumpre regular as despesas pelos rendimentos. Ora, com muito mais razão, os mais modestos tem que atender ao mesmo preceito.

E é neste caso que se impõe à esposa a utilidade indispensavel de estudar o meio de, habilmente e com uma quantia limitada, conseguir o maior numero possível de vantagens materiaes para a vida quotidiana do seu lar.

Infelizmente, muitas esposas não podem conseguir este resultado, porque, devido à sua imperfeita educação, não tem a virtude fundamental de conhecer precisamente o que é um *orçamento domestico*.

Grande numero de esposas, não sabendo fazer contas, não podem calcular o valor do dinheiro, nem avaliar os meios,—e que dolorosos esforços, às vezes!—porque elle é o ganho. O que sabem é gastar. E, como o gastam com a maior facilidade, julgam que com a mesma facilidade é ganhar.

E' por isto frequente verem-se muitas a inquietarem constantemente os maridos com exigencias de dinheiro, como se essas exigencias toassem a coisa mais natural do mundo, e como se o homem, para ter dinheiro, precisasse apenas de o procurar no chão. O pobre marido, que sabe perfeitamente quanto é difficil ganhar a vida, ama tanto a esposa, que o seu maior desejo seria fazer-lhe a vontade; mas, ao mesmo tempo, conhece quanto são mínguados os recursos de que dispõe, e que o que fór dispendido com uma coisa faz falta para a aquisição de outra, visto que o dinheiro não é

inexgotavel, e, chegado ao fim, está irremediavelmente acabado, *evaporando-se*.

O formidavel argumento da mulher pouco razoavel é este:

— Isto não é muito caro! Tu bem podias comprar isto!

Ha um grande mal: é o de ella repetir esse mesmo argumento diante de dez, vinte objectos, todos sempre baratos, mas que, sommados todos, exigem uma despesa consideravel.

Abundam as esposas, aliás muito ajudadas noutros sentidos, afinal, que não sabem ponderar quanto são prejudiciaes essas pequenas despesas.

Ora, são essas pequenas despesas as que arruinam os lares ou que os crivam de privações e desiquilibrios.

A boa dona de casa deve ser, por isso, tambem uma *mulher economica, sabendo fazer contas*, tendo uma noção perfeita dos rendimentos, das despesas possíveis e das que deve pôr de parte com todo o rigor.

A sua grande habilidade é dar ao lar domestico o maximo de bem estar e attractivos, fazendo sempre a despesa minima.

Dá tanta satisfação ao marido uma mulher economica, quantas preocupações lhe causa a mulher que não sabe regular suas contas.

Tal esposa é uma creatura que, em vez de pôr em pratica as coisas possíveis, fantasia constantemente projectos mais ou menos dispendiosos, conjugando, todo o dia, o verbo *comprar*. Ora, é exactamente este verbo a palavra que os maridos,—ha! como são cruéis as circumstancias!—mais odeiam, por saberem que é um constante attentado contra a sua bolsa, e que a sua bolsa não é poço sem fundo.

Muitas contrariedades, muitas desavenças, se poderiam evitar se as mulheres fossem sufficientemente sensatas em não disporem adiantadamente do que os maridos hão de ganhar.

Todo o homem se desalenta ao ter de empregar todo o seu tempo e todo o seu espinhozo trabalho na exclusiva tarefa de adquirir uma quantia que sabe já estar ha muito applicada em espirito pela mulher a uma determinada despesa.

A esposa deve saber usar de muita moderação nas sempre irritantes questões de dinheiro. Nunca deve manifestar exigencias desmaziadas.

Pelo contrario, deve notar dentro da consciencia, que os seus pedidos de dinheiro, além de desgostarem o marido, não acrescentam um centil aos recursos domesticos. E' que, além de tudo muitos homens, aborrecidos e desanimados com as excessivas despesas feitas pela mulher, acabam por não trabalhar, ou entregam em casa apenas o indispensavel para o sustento domestico.

PAGINA TRISTE

(PARA A REVISTA FEMININA)

QUE multidão de homens se avista ao longe! e que clamor rouco se eleva dentro dessa turba amotinada! Approximam-se os papeões... trazem consigo um homem com uma cruz sobre os hombros.

Quem ser? qual crime terá commettido para que cambaleie no peso de tão duro madeiro, e seer castigado tão cruelmente!

Traz sobre a fronte uma coroa de espinhos, e sobre o rosto dofiado pelo cansaço e pela dôr, rotam innumeras gotas de sangue... pérolas do martyrio!...

Como caminha desfallido! Os seus joelhos sangram. O seu rosto cheio de uma doce expressão de bondade e candura, não pôde ser o de um criminoso ou ladrão! Vêde como os seus olhos brillam os reflexos de um coração humano.

Pade-o sem gemer... aos golpes do látigo do verdugo, unicamente volve para este o seu olhar supplix, como que clamando pela sua innocencia, não deixando, no entanto, sair dos seus labios um queiximo sequer!...

Quem é este, qual a mansa ovelha que é levado ao matadouro?...

E' Jesus de Nazareth... é aquelle que tantas e tantas vezes, sentado ao pé de um monte, ou à beira das aguas púccias de um lago, pregou a essa mesma turba assassina, lições sagittadas da mais pura moral e elevada santidade. E' o mestre affectuoso que ensinou tantos valores alturas, no templo. E' aquelle que resultiu a saude a muitos doentes, a vista a muitos egros e a vida aos mortos. E' aquelle que fez sua entrada triumphal em Jerusaleem, no meio das aclamações da multidão, e dos hosannas das crianças: Hosanna ao filho de David; bendito o que vem em nome do Senhor! Hosanna nos altos e baixos alturas.

E' aquelle enfim que prodigalizzou toda a sorte de beneficios ao seu povo, e que por este mesmo povo ingrato e deida vae ser crucificado no monte das alturas.

Acessado pelos barbaros algozes, chega o Divino Mestre, ao cimo do Calvario, Arrancando-lhe luctualmente as vestiduras e fazendo-o deitar sobre a cruz, a abrir sobre ella os seus braços desfallitados.

E' chegado então, o momento culminante da tragedia do Calvario! Manem-se os verdugos de martellos para com agudos cravos transpassarem os pés e as hontosas mãos do stedeupero, sempre promptas a espalhar o bem, pregando-o sobre o madeiro.

Os célios dos golpes dos martellos, ressoam pelos montes, acompanhados pelos soluços affectivos da Mãe de Jesus e de outras piedosas mulheres que O acompanharam lacermicos na sua via dolorosa.

A victim innocente, immolada pela salvagão dos homens, não soltou um só gemido!... somente a sua respiração era mais offegante, e sobre seu rosto mangido desluzam duas lagrimas, filhas do dôr cruciante...

Suspendem finalmente a cruz, e o corpo ensangentado do Divino Cordeiro, oscilla pendente nos braços da cruz.

Tinha fugido aquelle brilho admiravel dos seus olhos, agora enbaçados pela sombra precursora da morte que se approximava... Que disse então Jesus nesse momento angustioso?... Injurios aos seus algozes? Estigmatizou-os pelo crime que commetteram?...

Não!... O seu coração amantissimo era e sempre eternamente será penetrado de infinita miseri-ordia. Levantou os olhos supplicantes ao Céu e disse com accento compassivo: — Páe, perdoe-lhes, porque não sabem o que fazem e inclinam a sancta cabeça, expirou.

Quanto antagonismo se revela entre esta scena, a que de mil santos exemplos de paz, amor e justiça, legados por Jesus, e a que ora se desenrola na velha e ensanguentada Europa, onde campeia infrene, a heildia guerra, com seus inomináveis cortejos de horrores, suffocando todos os sentimentos de amor e justiça!

SUSEI

(José P. Amaral.)

At telephone Central

3

Peçam o melhor TFXI

O MENU' DE MEU MARIDO



Massa para sonhos

Leva-se no fogo uma garrafa de leite e 100 grammas de manteiga; levantando fervura, vae-se-lhe juntando pouco a pouco farinha de trigo peneirada, mexendo ligeiramente com uma colher de pau, até ficar uma massa consistente e que se desprege do fundo da cassarola e fique bem cozida a farinha. Tira-se então do fogo e deita-se num alguidar para esfriar. Depois de fria, amollece-se com os ovos até ficar bem lisa. Deve ficar de uma consistencia que não alastre.

Maneira de fazer os sonhos

Deita-se numa cassarola uma porção de banha de porco e leva-se ao fogo. Logo que esteja quente, nella deitam-se pequenas porções da massa, já preparada, retira-se a cassarola para o lado do fogo e agita-se um pouco para que a massa vire e fique bem crescida; logo que estiver bem crescida, leva-se novamente a cassarola ao fogo e deixa-se corar bem; tira-se então para um passador a fim de que fiquem bem escorridos. Servem-se polvilhados com assucar e canella ou rega-se com calda.

Eclair

Faz-se da massa de sonhos. Estende-se a massa em tiras de oito centímetros de comprimento por dois de largura, em tableiros do forno, ligeiramente untados com manteiga e pinta-se com gemma de ovo. Assa-se em forno quente. Depois de assados, abre-se de um lado, enche-se com crème de chocolate e glaça-se com chocolate.

Bolo Pie de morangos

Bate-se uma chicara de assucar com duas colheres de manteiga, pondo-se aos poucos tres gemmas batidas, continua-se a bater, juntam-se as claras em neve, meia chicara de leite, por ultimo uma chicara e meia de farinha de trigo e duas colherinhas de fermento inglez. Forma untada

com manteiga e forno regular. Depois de assado e frio corta-se pelo meio, cobre-se uma das partes com uma camada de geleia de morangos e junta-se de novo. Cobre-se o bolo com uma camada de geleia, passa-se sobre esta nata batida e enfeita-se com morangos. Não se querendo cobrir com geleia e nata, pode-se cobrir com assucar e canella em pó.

Manjar branco

Podim gelado de leite

Pesam-se 450 grammas de assucar que se bate com 12 ovos, sendo só quatro claras que se batem separadas (como para suspiro); depois de batidas mistura-se meia garrafa de leite, passa-se em peneira fina duas ou tres vezes, põe-se sumo de limão ou baunilha, e vae em banho-maria em forma untada de calda grossa, e um tesito com brazas por cima.

Couve flor de fricassé

Toma-se uma ou duas couves flores que sejam boas, limpam-se das folhas, partem-se em bocados e cozem-se em agua e sal; depois escorre-se e passa-se por ovos batidos, e fregem-se em manteiga ou pingue de porco.

Em seguida faz-se-lhe um molho com cebola picada, salsa, um pouco de pingue e cinco ou seis colheres de caldo; quando tenha apurado, juntem-se-lhes duas gemmas d'ovos batidas com sumo de limão, e engrossa-se com um pouco de farinha de trigo; quando o molho estiver prompto deita-se por cima dos pedaços da couve e sirva-se quente.

Pasteis de jejum

Pellam-se em agua a ferver seis duzias de amendoas e, depois de lavadas, pisam-se no almofariz. Deitam-se n'uma chavena reduzidas a pasta e deita-se-lhe agua morna para se poder passar a massa por um panno expremendo bem. O leite de amendoas que resulta desta operação mistura-se com farinha e amassa pouco a pouco com tres ou quatro colheres de azei-

te doce bem puro, e quando a massa está branda e flexivel estende-se com o rôlo, dobra-se seis vezes adiegando-a com o rôlo, corta-se em quadradinhos e recheia-se com o seguinte:

Tomam-se folhas de acelgas, lavam-se e dá-se-lhes uma fervura em agua e sal, tendo o cuidado de tapar a vasilha para impedir que o contacto com o ar ennegreça as celgas. Depois de cozidas, tiram-se do fogo, extrahem-se-lhes as astes e fibras, e bem limpas de tudo isto, picam-se. Cozem-se batatas encascadas e depois de cozidas pellam-se e picam-se muito bem, misturam-se com as acelgas e tempera-se com pimenta, sal, azeite, vinagre e albugos verdes.

Com toda esta massa se recheiam os quadradinhos que se levam ao forno muito quente para a cocção durar pouco, dez minutos.

Servem-se quentes.

Peixe de fricassé

Faz-se um refogado com cebola as rodas, mas pouco apertado; cõa-se pelo passador, e nesta calda deita-se alguma farinha de trigo, de modo a ficar molho grosso, salsa picada e alguma pimenta.

Neste molho lançam-se postas de peixe algum tanto cozido, acabando de o cozer nelle.

Antes de servir-se, deitam-se algumas gemmas de ovos desfeitas em vinagre ou limão, conforme o gosto.

Empanados á coquetterie

Faz-se uma massa sovada com uma libra de farinha e duas onças de gordura de porco misturada lentamente até se transformar em folhado, que se corta em quadradinhos, collocando-se estes sobre uma toalha.

Faz-se um picado de camarão, cebola branca, pimenta, cominhos, um dente de alho, amendoas e passas, refoga-se bem tudo misturado e com elle se recheiam os quadradinhos do folhado, que vão ao forno sobre tableiro de ferro ou se fregem em banha de porco.



POLITICA DE QUARESMA

Se, neste paiz, os principios mais solidos não estivessem assentes sobre bases moveidas, muito se poderia esperar da Quaresma para o bem da patria; bastava que nos arrependessemos, com sinceridade e unção, das nossas culpas, que não são poucas, e jurassemos perseverar em nossas virtudes, que não são muitas. Com esses dois esforços conjugados, fariamos a nossa regeneração pela Pascoa, que entra, já que não pudemos fazel-a pelo Natal, que se foi.

Mas nós não nos arrependemos nem nos emmendamos, o que não obsta a que nos entreguemos todos á oração e á penitencia.

As moças envergam o seu traje preto, na Pascoa, com a mesma "coquetterie" com que, no Carnaval, vestiram o seu "travesti" e colaram ao rosto o "louf" de setim. Então, iam ellas, pela rua, ou do alto do caminhão enfeitado, dizendo tolices aos transeutes basbaques, e agora vão rezar aos santos as suas orações: então, iam arranjar noivo, agora vão arranjar a salvação. Para o primeiro caso, necessitavam do consentimento do paé, para o segundo, appellam para a bondade do Padre Eterno.

Esta cidade, dias ha, entregava-se a toda sorte de diversões profanas, e, hoje, entrega-se ao religioso recolhimento. É esta a condição da vida humana. Bem o dizem os versinhos hespanhóes:

•Pecar, hacer penitencia
Y luego... vuelta á pecar. •

Os políticos são os mais peccadores, pois sommam as suas faltas particulares com as suas fraquezas, como homens publicos. Para elles, pois, tem a quaresma uma dupla applicação, isto é, com uma só expiação salvam duas consciências, essas duas consciências que o mundo lhes attribue: a individual e a politica.

É commum ouvir-se, a proposito de um homem politico, este elogio: «Como homem é uma perola, como politico uma fera.»

Assim são os melhores, porque os peores, que são a quasi totalidade, apresentam-se sempre, politica ou individualmente, como feras.

Neste caso, devem os politicos fazer mortificações para que possam salvar-se por partida dobrada.

É possível que um ou outro, para purgar as suas faltas particulares e penitenciar-se das politicas, tentem entrar no regimen da oração e do jejum: mas é provavel que o não consiga, porque os nossos paes da patria têm muita semelhança com Erasmo: alma christã e estomago atheu...

J. F.

A nossa Exposição de Trabalhos

A sala que mantemos anexa á nossa redacção, destinada á exposição de trabalhos femininos, é diariamente visitada por grande numero de familias. De todos os pontos do paiz são-nos enviados trabalhos dessa natureza, o que não obsta a que, devido á constante e enorme procura, a nossa exposição esteja actualmente desfalcada. Ha trabalhos, como vestidinhos de creanças, rendas do Norte e outros, que se vendem logo que são expostos. Muitos outros ha, tambem, como os "centros de mesa", os "chemins de table", que dão uma graça elegante á mesa, collocados de envez sobre a toalha que a forra, que são muito vendaveis. Alguns desses objectos, é bem de ver, ficaram encalhados, devido ao preço exigido pelas expositoras. E' verdade que a expositora tem a liberdade de cotar o labor que sahiu das suas mãos e a que dedicou o melhor dos seus cuidados, pelo preço que lhe convier. A nós não incumbe outro dever senão recebê-lo e offerecê-lo ás clientes que visitam a nossa sala de exposição. Não é ocioso, entretanto, recordar que o preço commodo ou relativamente baixo constitue uma garantia de venda.

A's moças e senhoras, pois, que nos vêm enviando ou que queiram enviar-nos os seus trabalhos para figurar em nossa sala, aconselhamos que não marquem, na etiqueta que os acompanha, preços muito elevados. Isso é importante.

A nossa exposição está aberta a quem quer, das nossas assignantes, que queira concorrer a ella. As expositoras não despendem quantia nenhuma. Cobramos, de cada objecto vendido, uma percentagem minima, não para constituir lucro, já se vê, senão para auxiliarmos nas despesas que essa nossa iniciativa nos tem acarretado. O fim que collimamos ao crear esta secção, foi tão sómente beneficiar as nossas assignantes, facilitando-lhes um meio facil de pôr á venda os interessantes e uteis labores que executam e dos quaes desejam auferir um lucro ou uma compensação.

D'entre as nossas assignantes muitas ha que têm habilidade para trabalhos de agulha ou de outra natureza, indispensaveis ao lar domestico. Nada mais justo que, para se ferrar do seu esforço, sejam compensadas com um pequeno lucro, não desprezível para as suas necessidades e allinetes. O trabalho de que se não aufera vantagem, resulta ocioso.

Qualquer trabalho, seja de que genero for, será bem acolhido. Em nossa sala pôde tambem figurar, ao lado de prendas de agulha e obras d'arte applicada, a obra d'arte pura, o quadro a oleo, a aguarella, o grupo em gesso ou bronze.

O que, entanto, precisamos accentuar, para governo de todas, é que não nos obriguem a fazer, por nossa conta, a devolução dos trabalhos que figuram em nossa sala. Essa devolução acarreta uma despesa imprevista, como seja o despacho pela estrada de ferro, o porte registrado pelo correio, o transporte, etc. Não é justo que, sacrificando-nos em manter a nossa exposição por mero sentimento de beneficio em favor das nossas assignantes, sem nenhuma idéa de lucro ou pro-

veito material, ainda sejamos forçados a desembolsos. A's nossas expositoras pedimos que não retirem, da sala onde estão expostos, os objectos que nos enviaram. Se elles não alcançarem a venda, de prompto, poderão alcançá-la mais tarde. Não custa nada esperar. Mas se, a despeito de tudo, queiram retirá-los, porque isso lhes convenha, é bom juntar ao pedido da devolução a quantia correspondente a ella.

Mantemos tambem, num compartimento anexo á redacção, um curso de materias relativas a tudo que diz respeito a trabalhos femininos. Nesse curso, que está a cargo de professoras distinctissimas, verdadeiras profissionaas em sua especialidade, ensina-se todo e qualquer trabalho em bordado, desenho, arte applicada, pintura, riscos para bordados, etc,

A influencia do cinematographo

E' commum observar-se uma grande affluencia do elemento juvenil nas salas de exhibição cinematographica. Para obter isso, basta que o empresario anuncie, nos seus grandes cartazes, a novidade da semana. Essas novidades já se sabem da ante-mão o que sejam: ora é um heróe de grandes aventuras de assassinatos e roubo, salvo do patibulo ou da cadeira electrica, graças á sua astucia e temeridade, que sempre se exercem á custa de novos crimes; ora é uma scena de corrupção entre um apache e uma mulher de infima cathegoria; ora ainda são episodios de uma paixão violenta, inteiramente fóra da moral. E' esta a escola que se offerece ás pessoas jovens e até ás creanças. E é incrível que paes de familia, que, em quaesquer outras circumstancias, se mostram tão ciosos da moralidade e da honra do seu lar, levem a esses espectaculos as suas filhas e os seus filhos em idade collegial.

O cinema constitue, hoje em dia, uma dist.acção imprescindível e que todos reclamam porque entrou fundamentalmente em nossos habitos, e é o que mais influencia tem, para o bem ou para o mal, sobre todas as classes sociais.

Mas, porque o cinema assim é, devemos cruzar os braços ante o perigo que ameaça os nossos filhos, a sociedade presente e a futura?

Dizem as estatisticas que só na cidade de Nova-York se gastam quatrocentos milhões de dollars por anno para que o publico se recreie nos cinemas. São quatrocentos milhões que se gastam para a fabricação das pelliculas. E isto sugere que, se se empregasse a metade apenas dessa enorme quantia em apresentar quadros edificantes e instructivos, o effeito educativo sobre as imaginações e sobre a moral do povo, seria incalculavel, tão incalculavel como é, hoje, a tendencia para a corrupção desenvolvida pela mesma causa contraria.

Em tempos que não vão longe, de trinta annos atraz, a educação das creanças se fazia por meio das novellas. Era o conto da «Carochinha», do «João Felpu-do» e outros, todos ingenuos, na verdade, mas não nocivos. Na novella antiga, o trahidor era sempre condemnado e o heróe ganhava por fim o premio do seu heroismo. De qualquer fóрма a velha novella edificava. O cinema, entretanto, não se caracteriza, senão excepcionalmente, por uma moralidade qualquer. O heróe do

assassinato continúa a fazer as suas façanhas impunemente. O galan corrupto de uma comédia de amor continúa a propagar através da vida a sua corrupção.

Já que falámos, linhas a cima, dos gastos enormes que se fazem em Nova-York no commercio de fitas, é opportuno lembrar que o cinema tem influido notavelmente sobre a índole do povo americano. O povo americano tem uma extranha tendencia para as fitas sensacionais, que são sempre as dos grandes crimes. Ora, essas fitas ensinam a arte do assassinato e do roubo, tornando accessíveis a qualquer individuo as subtilidades desse aprendizado, que devia ser privativo sómente dos que se dedicam á policia scientifica. Devido, talvez, a essa perniciosa influencia, é que, só na cidade de Nova-York, desapareceram por anno cinco mil pessoas, sem que a policia consiga pôr a mão nos criminosos responsaveis por essas vidas e sem que consiga diminuir a macabra estatistica.

Esse facto é eloquente.

A's pessoas jovens deviam ser offercidos espectaculos educativos, sem as privar das grandes emoções, como os sports violentos ao ar livre, a caçada ás feras, as viagens submarinas e outros episodios que interessam e instruem.

RENDEDO GRACAS...

AO JULIO MESQUITA FILHO.

Ha nella não sei que de rosa e de violeta,
Meiguice angelical, suavissima frescura;
Realidade gentil duma ideal ventura,
Divina humanação dum sonho de poeta.

Que donaire sem par! que gesto lindo e grave!
Na sua clara voz que clara melodia!
Lembra a aragem subtil que entre as flores cicia,
E musica dum sonho, o gorgêo duma ave...

Se a tenho junto a mim, se estatico a diviso,
— Ebrío de ser olhar que me trepouca e abraza,
Minh'alma, abrindo o vôo e sacudindo a asa,
Beixa o atalcal do mundo e entra no Paraizo!

Fico então a adoral-a... Um grande sentimento
Ou salva um criminoso ou faz um grande crime;
E este meu grande amor, que é, como o sol, sublime,
Mas trevas desta vida aclara o meu tormento!

LAURINDO DE BRITO

(Fim do Estio)

lução que projectas, não nos custou noventa e cinco mil réis, mas cento e quarenta! Para um rifaço isso não é nada, bem sei, mas para nós, que mal começamos a nossa vida, confessa que é terrivelmente caro!

— Que se ha de fazer... Uma senhora não pôde deixar de sahir de chapéu!...

— Mas nesta estação de sol ardente e chuvas inesperadas sahir de vestido de linho e chapéu desafiodor de tempestades!...

— Dizes isso porque és homem.

Calei-me e, como a visse amuada, desprezando a sopa do jantar e o vinho que lhe puz no copo, mandei no dia seguinte substituir-lhe os tres cachinhos estragados do chapéu, por outras tres flores iguaes.

A modista, por ser para nós, fez essa rapida e insignificante substituição só pela quantia de trinta e cinco mil réis. Para outro qualquer seria quarenta, disse ella. No fim de tudo fiquei ao menos com essa consolação; mas, contando com fretes, gorjetas, etc., perdi a noção exacta do preço do chapéu. E é melhor assim!

VIDA FEMININA

Maria Amalia Vaz de Carvalho. Esta illustre escriptora portugueza festeja no corrente mez de março as suas bodas de ouro com a litteratura, ou sejam 50 annos seguidos de trabalho intellectual, repartido pelo *Jornal de Commercio*, do Rio, que lhe popularizou o nome no Brazil. Sobre aquella festa e sobre Maria Amalia, assim se exprime nossa distincta collaboradora d. Julia Lopes de Almeida:

— Cincoenta annos! Durante este largo espaço de tempo, quantos capitulos ponderados, quantas paginas soltas palpitantes de vida e de encantamentos, quantas rimas sonoras, quantos estudos historicos e quantas obras de critica litteraria e artistica lhe escorreram da penna meditativa e séria para a letra de forma de quem e de além mar!

Allando no seu grande talento uma instrucção solida e sendo além disso, evocadora, activa e perspicaz, essa escriptora honesta deu-se toda em seus livros e nas suas chronicas, como se os tivesse escripto com o seu proprio sangue, tão sinceramente latejavam nella a febre da sua emoção, a vivecidade do seu character e as visões dos seus ideaes de bondade e de perfeição moral.

Se se pudessem tornar visiveis, em uma fórma material qualquer, os beneficios e as consolações que a fim não dessa escriptora verdadeiramente fraternal espalhou pródigoamente nos poizes da sua lingua em conselhos suggestivos e exemplos admiraveis, poderiamos todos, crentes e profanos, comprehender então de um modo bem positivo e eloquente a razão da intima satisfação moral que ella deverá sentir nesse dia que vem perto e que a induzirá a volver os olhos para todo o seu passado de escriptora e de mulher, tanto um se entrelaça no de outra.

A obra realizada por Maria Amalia Vaz de Carvalho teve, desde cedo, uma orientação bem definida. Respeitadora das tradições da sua raça e da sua gente, fiel nos principios da sua fide e escrupulosa educação de senhora, sabendo disciplinar os arroubos da sua imaginação na correctissima e fidalga elegancia da sua prosa de mestre, Maria Amalia Vaz de Carvalho dedicou-se principalmente ao estudo de assumptos historicos e sociais, critica de costumes e critica litteraria que exerce de um modo superior.

A victoria do feminismo inglez

Em meados do mez passado foi convertido em lei o projecto de reforma eleitoral ingleza concedendo o direito de voto politico ás mulheres. Este grande partido da Inglaterra, paiz essencialmente conservador e afeccionado ás suas tradições, representa uma victoria decisiva do nosso sexo, até hoje apartado extensivamente de toda e qualquer ingerencia na vida administrativa das nações.

O exemplo da monarchia ingleza não tardará a ser imitado pela democracia franceza, e pelas demais democracias, creando uma nova situação de equalidade politica entre os sexos, e a que a mulher acaba de fazer jus durante a guerra.

A nova lei ingleza aproveita a seis milhões de mulheres, cujo partido acaba de lançar um manifesto declarando que o primeiro acto dos seus membros como inglezas no pleno gozo dos direitos electoraes, era enviar uma saudação ás nações aliadas e em especial ás mulheres dessas nações. O manifesto continha: "Compromettemo-nos em face das mulheres das nações aliadas a empregar a nossa influencia e os nossos poderes politicos de fórma a assegurar a victoria final sobre a Alemanha e suas aliadas. Os objectivos de guerra approvados por nos, mulheres britannicas, no gozo do direito do voto, comprehendem o remodelamento do mappa da Europa de maneira a libertar as nações que se acham sob o jugo estrangeiro dos allemães e seus aliados, subtrahindo desta fórma no seu controle e á sua força as populações subjogadas, e reduzindo os seus recursos de guerra, minareas e outros, tornando-lhes materialmente impossivel os meios para fazerem outra guerra com alguma probabilidade de exito. A's pequenas nações, a Belgica e a Servia, que foram as primeiras atacadas e as mais selvagemmente torturadas pelo inimigo commum, declaramos que na qualidade de electoras britannicas manter-nos-emos fiéis até a morte."

Entre as signatarias desse manifesto contam-se as suffragistas da notoriedade de madame Pankhurst, miss Christabel Pankhurst, miss Annie Kenney e Flora Drummond.

JARDIM FECHADO

Iniciámos esta secção, em nosso penúltimo número, guiando-nos pelas idéas que nos foram fornecidas por uma illustrada senhora, que tem manifestado pela nossa revista um interesse constante e uma sympathia entusiástica. Ao crear a secção, cuidamos que íamos ao encontro das suas idéas. Tal porém, não aconteceu. O programma exposto pela nossa distincta leitora era bem diverso daquelle que executamos. A despeito disso, entretanto, os colaboradores affluíram, enviando-nos as suas composições, muitas das quaes foram aproveitadas. A affluencia dessa collaboração foi bem em evidencia o certo obtido pela nossa secção.

Eis o que, a proposito do "Jardim Fechado", nos escreveu a leitora a que nos referimos:

S. Paulo, 17--2--1918.

Exma. Sra. Directora da "Revista Feminina".

Cordões saudações.

Sou a mesma assignante que já se dirigiu á Revista, lembrando a creação de uma secção de correspondencia entre as leitoras; muito grata fiquei pelo amavel acolhimento que teve a minha proposta no numero do Natal.

Dos numeros seguintes vi o "Jardim Fechado."

Devo, porém, dizer que a orientação dada á secção, não é aquella que eu imaginei.

Preferia eu obter, não uma publicação de idéas, pensamentos etc., mas simplesmente uma secção de perguntas e respostas, verdadeiro intercambio de informações pedidas e fornecidas sob pseudonymo.

Eu acho que a Revista pôde, ou mesmo, deve, conservar o "Jardim Fechado" para collaboração das leitoras; mas abrir uma nova secção, especialmente de perguntas e respostas á qual se poderia dar o nome: Perguntem... Responderemos!...

Para maior clareza, vou exemplificar:

Uma assignante que pretende servir-se da secção para alguma informação, dirige-se á directora da secção e combina um pseudonymo, digamos: *Serra do Mar*, que fica registrado na Directoria, e do qual ella será a unica possuidora; naturalmente será respeitado o maior segredo a esse respeito, e a assignante nunca trocará de pseudonymo.

Na secção apparecerá o seguinte: *Serra do Mar* pergunta qual a amavel leitora que pôde dizer bem certo a idade de Sarah Bernhard?

Em agradecimento pôde dar informações sobre nomes e pseudonymos de autores; nomes de musicas bonitas para canto ou piano.

Alguns dias depois, uma amavel leitora, por intermédio da Revista, endereçou á *Serra do Mar* a seguinte resposta que apparecerá na mesma secção: *Gabocinha* manda um alegre bom dia a todas as leitoras e informa á *Serra do Mar* que Sarah Bernhard nasceu a 22 de Outubro de 1861, tendo portanto 57 annos.

Por sua vez pede ás amiguinhas que indiquem pedaços de musica para soprano, que possam ser cantadas n'uma matutina de anniversario de uma amiga de 17 annos.

Se nenhum responder com tempo de apparecer no numero seguinte, a directora da secção responderá com um pseudonymo seu; se mais tarde vierem respostas para a pergunta, apparecerão no numero seguinte; se vierem mais de uma resposta, serão publicadas se forem interessantes.

Acho que uma secção n'esse genero, bem dirigida e bem comprehendida pelas leitoras, será bem interessante, divertida e instructiva.

Caso seja apreciada essa minha proposta para estreitar a secção, peço fazer as seguintes perguntas com este pseudonymo:

Mrs T. Rio. — pergunta qual a gentil leitora que sabe a continuação deste canto eclesiar e onde achará a musica:

1. São Paulo, terra querida de gloriosas tradições. Aceitae de vossos filhos as sinceras saudações.
2. Quem poderá lhe dizer a origem dos brinquedos de 1.º de Abril?
3. O obelisco que existe entre a Rua Xavier de Toledo e a Ladeira do Piquete é allusivo a algum facto historico?

Para quem me responder a essas perguntas eu posso dar o nome ou copiar a musica bonita, alguma comédia e mesmo algum risco para trabalho.

Termino esta já longa missiva, pondo-me á sua disposição para o que for útil á revista.

Caso seja creada esta secção, offereço-me para ajudar a sua organização, auxiliando a classificação das perguntas e respostas.

Para qualquer informação mais detalhada estou prompta a procural-a pessoalmente.

De V. Exa., etc.,

A autora desta carta, assigna-a: mas, como não nos "seu autorisação para publical-a, tivemos o cuidado de occultar-lhe o nome.

Aceitamos de bom grado e com desvanecimento "a sua gentil e intelligente collaboração. E convidamos desde já essa nossa prezada leitora a vir a esta redacção tratar pessoalmente connosco sobre o objecto da sua carta.

Querida amiguinha N.

Recebi a carta em que me fazes a embaraçosa confidencia do teu noivado. Dizes que não amas o teu noivo, mas confessas que elle é um homem honrado, bom, affectuoso e intelligente. É difficil que se encontre um moço com tantas qualidades. Casa-te com elle, embora não o ames. O amor vem depois, é uma coisa que se faz com o habito. Casa-te e serás feliz.

Quem dá este conselho não sou eu, que tenho pouca experiencia da vida, pois temos quasi a mesma idade. Quem o dá é Paul Bourget, que, como sabes, é o mais fino e autorizado conhecedor desses assumptos. Certa vez, uma das amigas do grande psychologo lhe escreveu, contando-lhe a difficuldade em que se achava. Era amada por dois homens. Ambos eram bons, honestos, affectuosos; ambos a amavam com egual dedicação; ambos eram bellos, cada um no seu tipo. A pobre moça, não sabendo por qual dos dois decidir-se, propoz o seu problema a Bourget. Este aconselhou-a que não fizesse selecção e que accettasse um dos dois, ao acaso. Uma vez casada, ella havia de preferir o marido, porque o amor se faz com o habito e havia de esquecer o outro.

Este é até o assumpto de um dos seus romances. Eu, por falta de experiencia, faço meus os conselhos do romancista francez.

No mais e para tudo, dispõe da amiguinha, que muito te estima.

Odette V...

Amiguinha Nair

Recebi tua carta em que te quizas que, ultimamente, começaram a apparecer no teu rosto umas manchas pardas. É lastimavel isso. Tiveste sempre a pelle tão fina e uma tão linda carnagem! Consulta um medico, não desculdas da tua belleza. Verdade é que, ahí, nesse serão em que vives, os recursos medicos devem ser bem escassos. O velho clinico dr. M. parece que é muito atarazado na especialidade a que precisas recorrer. Vem a S. Paulo. Essas manchas, que dizes, te afilam, são provavelmente de fundo hepatico. O máo funcionamento do fígado produz essas coisas. Entanto, permite que te recorde a censura que, por diversas vezes, te fiz. Sempre te recordei por teres o habito de lavar o rosto em agua corrente. Não ha nada mais nocivo para a pelle. Os proprios pés, lavados em agua corrente, abrem-se em freiras. Se a sua secção se faz sentir assim sobre os pés, imagina a devastação que ella causará á pelle fina do rosto. O rosto deve ser lavado na bacia, em agua ligeiramente tépida, com umas gotas de agua da Colonia. O sabão só deve ser usado excepcionalmente, salvo se a pelle é, por sua natureza, muito gordurosa. Adeus, Nair. Espera-te com anciedade por esta querida Paulicéa, a amiga

NENÉ CINTRA.

TEDIO

É sempre e mesmo a tarde e mesmo o instante
Em que, sermão, o sol, no occaso, espadra;
A principio occilla, egualmente,
Por fim, extenua, e larga lace prede.

É solite coz. Um astro, horizontal,
Surge; o Vis-barica, placida, se estende;
O luar, que é sempre saço e flutuante,
Na mesma esphera o trouxo olhar accende.

O céu é e mesma umbello desmoldado,
É solite e mesma trevo desceido,
E clareidade immensa é sempre o dia...

Tudo é egual e monotono. O Universo
Somnambulicamente vive immerso
Na mesma eternae e otros monotonos.

Pizangueiras.

Glótidc de Mattos.

RESPOSTA DE UMA CARTA

Al Julio Cesar da Silva.

• Eu achava impossível ser verdade,
Porque sou pobre. • Foi nesse teor
Que respondeste com simplicidade
A' carta em eu te disse o meu amor.

Pobre?! Não digas tal, por caridade!
Não é pobre quem tem, a seu favor.
A aura de dezeséis annos de idade
E a divina candura de uma flor...

Rica é que és. A modestia é que te illude.
Porante os teus thesouro de belleza.
De que vale a fortuna transitória?

Ante a meiguice, as graças, a virtude
De teu sêr, de que valem, com franqueza.
Meu talento, minha arte, minha gloria?!

RAYMUNDO REIS.

LIVROS NOVOS

Filigranas, versos de *Francisco Gaspar*, proemio de *Julio Guerra*, S. Paulo, Casa Vanorden 1916.

O velho e inspirado poeta sr. Francisco Gaspar, a despeito da longa e pertinaz enfermidade que o traz, desde longos annos, entreado, continua, do seu leito de enfermo, a poetar. Na poesia encontrou elle, porventura, um derivativo ás suas dores. E faz bem. Poetando, consolava-se, e consola tambem os que lêem os seus versos, que são sempre correntios e cheios do mais delicioso objecto.

Como substituto ao seu interessante livrinho, acrescenta elle "Versos obsoletos", para significar, por certo, movido por uma estranha modestia, que as suas composições estão fóra da moda. Não estão, são perfeitamente modernas. O verdadeiro sentimento, como esse que anda espalhado por todas as paginas das "Fluctuantes", não obedece, como a modançetas, ás variantes da moda. A féria do poeta é correcta e a lingua é bastante unida.

Fera que os leitores façam uma idéa desse livro, pois transcrevemos a poesia que tem por titulo "A cometa", inspirada num trecho de M. Lescaquiere.

Nas claras coenhas de opala
Daes sempre um sonhador
As vozes sonoras e tralhas
Que, entre espumas argentadas,
Fugem do vento o rumor.

E esse poder soberano
Que não pôde encarcerar
Os olhos do mais raioso,
Vozes agora, venturas,
Nessa maninha sem por.

Como a cometa mysteriosa
Guarda, nas horas de dor
E em momentos de alvoro,
Rugidos de onda brava
E tempestades de amor.

Como vêm, um poeta que compoe assim não pôde considerar obsoletos os seus versos.

Fragments d'Alma, versos de *Suzanne Delmida*, Typographia Anglo-Brasileira, Ribeirão Preto, 1914.

No Brasil é, particularmente, em S. Paulo abundam as poetisas. Esta é uma das mais novas, mas não é daquellas que menos pro-

mettem. D. Emiliann Delmida tem uma inclinação accentuada para a poesia e trabalha os versos com os recursos de que dispõe. Esses recursos não são muitos, já se vê. Nem de outra forma podia ser, em se tratando de uma mulher, provavelmente muito joven e vivendo numa cidade do interior onde o aprendizado da arte, á mingua da convivência, só se pôde fazer através dos livros. A despeito disso, ella revela, a cada passo, a sua viva inclinação e o seu talento. Falta-lhe technica, e a sua linguagem é cheia de imperfeições e os seus conceitos, nem sempre são claros. Mas isto são faltas que o intelligente poetisa poderá corrigir com o tempo e com o estudo. O que é bem verdade é que não elle falta talento. Continue a trabalhar, procure adquirir uma cultura mais solida da lingua e dê-nos outro volume de versos.

Evangelho de Saudade, poema de *Quintino de Macedo*. Poesia & C., S. Paulo.

O sr. Quintino de Macedo já tem, no seu activo, nove volumes de versos publicados. Nove volumes constituem um stock soffivel. Não se sabe se se trata mesmo de volumes ou se de "plaquettes", como o "Evangelho da Saudade" que se compõe apenas de seis paginas... Se todos os seus nove volumes não ultrapassam o limite de seis paginas, a sua bagagem litteraria é então excessivamente escassa.

O sr. Quintino, entretanto, promete. Não o aconselhamos a que assinale na faixa que lhe vai poetisando as horas.

Os auctores dramaticos contemporaneos, Paul Barreto (João do Rio) e *Cláudio de Souza*, estudo critico do dr. *Fabio Araújo Reis*.

O dr. Fabio Araújo Reis é um escritor apaixonado pelo theatro nacional, em cuja scena tem tido grandes triumphos, como *Madame Chloé*, uma das mais finas de nossas comedias, que se abre como um sorriso elegante num scenario onde tudo é luz, modicidade, vida, perfume, para fechar-se na gota de orvalho de uma lagrima, orvalho da alma, orvalho do dor e de desilusão sobre a corolla e o polyedro da plantainda. *Madame Chloé* é efectivamente uma linda theatra, uma das coisas mais modestas e mais delicadamente feitas em nosso theatro e por si só, com suas poucas mas magnificas scenas, eleva-se á consagração da platêa o nome de Araújo Reis, o que outros não conseguem apesar de todos os destemperos de sua invejosa corolla e do despropósito de suas modicidades empavezadas pelo elogio das camarilhas. É uma linda theatra florentina, feita das fil-

granas que a aranha tira do seu proprio corpo, o em cujo fundo de claro-escuro encanecido-se uma emoção suave, a emoção que telum em occultar-se na frialdade apparente de um dos seus actos. Fabio Araújo revelou-se com ella um escriptor delicado, do frase pura e dialogo bem vestido, sem transgriir com o gosto abastardado de uma certa platêa, e que faz com todos os escriptores que confiam no seu esforço e que esperam dominar a platêa, antes de se deixarem por ella dominar. É este um traço de superioridade, que nos coloca em quem que v'ontade a trabalhar pela moralisação de nossa litteratura, temos prazer do poder proclamar nos trabalhos de Fabio Araújo Reis, inclinando-a ainda a que continue a desenvolver o elogio fútil das platêas... de revista do anno, o que continue a fazer boa arte, pelo prazer que ella lhe dá, para uma platêa mais culta e mais distincta, onde pôde estar um honrem educado.

Sua obra actual, de que nos enviou gentilmente um exemplar, é um trabalho de critica theatral sobre Paulo Barreto e Claudio de Souza, e ainda nella se revela a sua superioridade e a excellencia de seu caracter. Auctor, elle não vem por clique, ou rir, ou com um rumo leve, atacar os seus confrades; vem, ao contrario, com a belleza do gesto dos que não temem que outros o obsecurem, exultar as qualidades daquelles dois escriptores, e o emtanto a critica pagina de um estudo consciencioso, em que analisa com criterio as tendencias, os aspectos, os tipos e as creações do theatro de Paulo Barreto e Claudio de Souza. É um trabalho magistral, que figurará na historia de nossa litteratura dramatica, e que muito deve de ter envaidecido, pela consagração que encerra, aos auctores da *Belia Mathaue Vergens* e *Flores de Sombra*.

Cocelta, peça em tres actos do dr. *Cyro de Azevedo*, (versão hespanholica).

O sr. dr. Cyro de Azevedo é nosso ministro na republica do Uruguay, e um dos membros da Academia Brasileira. As attribuições da vida diplomatica, na qual tem tido um interrompido triumpho, não impedem aquelle ministro de cumprir a sua pagina de um escriptor, que muito está honrando a nossa intellectualidade no estrangeiro. *Cocelta* foi escripta em Vienna, e o original orthographado e impresso no começo da guerra. O que agora foi posto em scena, em Montevideo, e com ruados successos, é a traducção hespanhola, a mesma que constitue o volume de que nos occupamos. A traducção está bem cuidada, e intelligentemente feita, apesar de atermo demandadamente á letra do original, sem procurar adaptala ao caracter do novo idioma. Quanto desejariamos sorrer aquelles tres actos na sua lingua original, no nosso portuguez; ouvir aquelles dialogos vestidos com seu proprio guarda-roupa, sentir aquella delicada emoção em bocca brasileira, com a languidez dos ais das nossas mulheres, e o entusiasmo tropical dos ollos; da nossa juventude... A emoção que vibra em *Cocelta* é, porém, tão humana e tão subtil, que resiste á traducção e ao colorido exaggerado da lingua... A emoção que foi representada; o pincel e as tintas variadas mas fundas e com o mesmo, para os que sabem colher em cada phrase, em cada scena, em cada acto, os poentes do sentimento que por toda ella se fragmenta nuaes analys minutissimas, attenta de seus tipos e aspectos. *Cocelta* é uma peça de theatro, um estudo social, genero de theatro pouco apreciado pelas platêas "communs, que v'ão ao theatro "só para ver", e que não o comprehendem alem da funcção palliada do hainco comico. *Cocelta* é um theatro elevado, unico que podia tentar um espirito como o nosso um ministro.

É o theatro cerebral, o theatro do raciocinio, do theorema philosophico.

É a natur' salmo que analisa, que corrige, que procura ao theatro "os p'fectos", que pôde provocar sorrisos, como pôde provocar lagrimas, indifferente áquelles ou a estes, cortio a scena da sua tarefa de fixar um aspecto do vivo e os tipos concretos que o encarnam. Em tea trabalhos, mesmo no dos moites francezes, não é possível attender sempre aos rigorosos preceitos da technica theatral; há occasiões em que a divagação philosophica que fatalmente se alonga, e que, pela necessidade de pôr em cores fortes o caracter de cada um dos personagens, o comico ou o comico, roubando ás peças a vivacidade e o humor,

do diálogo rápido e incisivo da comédia moderna. Compensam-se, porém, deste defeito, não se decantando para a prolixidade das grammas antigas, cujas enonias tiradas, obrigavam nossos avós a levar para o teatro provisões para a coia da noite e para o almoço da manhã seguinte.

Como peça de teatro, já pela sua factura, já pela riqueza de seus conceitos philosophicos, é *Comédia* um trabalho que honra nossa literatura. Ponto em franco e alto pelo agram da *Comédia*, com alguns ligeiros retoques, teria lugar no lado das boas obras do Bernatelli em um nada lhos seria inferior. E o que devia fazer o sr. dr. Cyro de Azevedo, que para tanto tem influencia, pelo alto cargo que occupa; conquistaria com sua peça o palco parisiense e conquistaria para nossa litteratura theatrical uma distincção que ella já jamais alcançou.

É pelo triumpho certo que tem direito de esperar extenderia o melhor prestigio da nossa diplomacia, o prestigio da intelligencia e da cultura, e prostraria a nosso país como diplomata, equivalente serviço ao que daria à nossa litteratura, como um de seus melhores autores. Vivas e muito vivas felicitações!

Pequenos conselhos medicos

O brasileiro, mais que qualquer outro povo, sofre de excesso de acido urico. Os males decorrentes disso são multiplos. Entre elles os maiores são a hyperchloxyria, a formação de gazes, a piórria, a dispepsia, etc. São estes os maiores, porque os maiores são a lithase biliar, os calculos renaes, as enfermidades da próstata, da urethra e dos intestinos.

Não se excitar todos esses males, fazendo-se uso da "Uroformina", que, graças ao

formol que entra em sua composição, tem a propriedade de se desenvolver no organismo, actuando, como desinfectante, sobre os logares afectados pelo infeção. É empregada, com vantagem, no tratamento das creanças para combater a cystite e a fermentação ammoniacal da urina; faz desaparecer os bacillos typhicos da urina das creanças acometidas de febre typhoide; é efficaz para a clarificação da urina, para a infecção intestinal e para muitos outros casos. Acredite que este poderoso medicamento, mesmo que seja usado em doses elevadas, não tem nenhuma acção nociva sobre os rins nem sobre o tubo digestivo. Em virtude da sua composição granulada e effervescente, é um magnifico diuretico e dissolvente do acido urico. Não ha melhor medicação para a insufficiencia renal, cystites, pyelites, nephrites, pyelo-nephritis, leonorragias, urethrites, catarras da bexiga, inflammagões da próstata, hematuria, chyluria, calculos, typho adominal e uremia.

Todos as pessoas que prestam a sua saúde, devem fazer uso da "Uroformina", nem que seja a primeira causa de urina, a insufficiencia renal e as infeções intestinaes.

ADALIUS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contém grande copia de receitas de cozinha, doces, liciores, etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegantissimo livro util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1\$000 Réis

Remette esta importancia em sellos do correio com o vosso endereço à *Empresa Feminina Brasileira* Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo e immediatamente receberéis o "Adalius" pela volta do correio

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 10\$000

Assignatura annual com registro — 15\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Avisamos ás senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes, collando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda correspondencia destinada à REVISTA FEMININA deve ser dirigida à directora Virgínia de Souza Salles, Palacete Bricola, R. do Rosario — S. Paulo

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

Os cabelos

É desagradavel, por certo, a quem se joven ou que ainda tem uma tal ou qual frescura de juventude, ver que os seus cabelos começam a grisalhar. Os cabelos grisalhos são a passagem um accentuado aspecto de velhice, mesmo antes que as primeiras rugas tenham apparecido. A medicina ainda não descobriu o remedio para obter os cabelos embranquecidos ou para lhes mudar o colorido depois de embranquecidos. Restam as tinturas. Não faltam no mercado tinturas que se annunciam como efficazes e ao mesmo tempo innocuas. Quanto a ser efficazes, é de erer: mas quanto a ser innocuas, é preciso desconfiar. As tinturas são em geral toxicas, envenenando o organismo através do bulbo piloso.

A verdadeira formula, a melhor formula que conhecemos foi realisada pela *Petalina*, fabricada nos Estados Unidos pelos chimicos Jolin Regent & Comp. É absolutamente innocua, não tem nenhuma acção toxica. A pessoa pode usal-a indefinidamente, por largos annos sem mesmo comprometter a saúde do cabello; ao contrario, o cabello, com o uso deste preparado, vai-se curando das suas velhas enfermidades; vai-se tonificando cada vez mais e torax-se, por fim, macio e brilhante. A cor obtida pela *Petalina* é uma linda cor negra, de magnifico efeito.

Muitas das nossas leitoras tem-na usado e escrevem-nos constantemente para fazer novos pedidos da *Petalina*. Em vista disso e como no mercado escasseia esse producto, resolvemos importal-o directamente para servir ás nossas assignantes e amigas.

O modo de usar vem descrito com bastante clareza no prospecto que acompanha cada tubo. Basta uma applicação por mez e cada tubo pode durar um anno ou mais, porque a tintura é muito concentrada. Pedidos à *Empresa Feminina Brasileira*, à Praça Antonio Prado (Palacete Briccola, S. Paulo) acompanhados de 10\$000 e mais 500 réis para o porte.

Filhos robustos

Uma verdade que ainda não foi confessada é que as mães brasileiras, em geral, têm muito pouco leite ou, se o tem abundante, é de má qualidade. E' isso devido à nossa nutrição, que se caracteriza pela miseria de azotos e de phosphatos,

E a prova disso é que as nossas creanças são menos desenvolvidas que as creanças europeas, têm a osatura debil e mãos dentes. As creanças que se nutrem com um leite fraco ficam com a saúde sacrificada por toda a vida.

Ha, entretanto, um meio de enriquecer o leite. A's senhoras que amamentam aconselhamos o uso do preparado *Malcolm Fricalis Pastices*, que tem a propriedade de tornar-o gorduroso, nutritivo e abundante. Basta que se tomem por dia quatro dessas pastilhas para que o leite se enriqueça de principios calcicos, que são os garantidores da saúde da creança, da robustez dos seus ossos e dentes. Um vidro com cem pastilhas 2\$000. Enviar o pedido e importancia à *Empresa Feminina Brasileira*, Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) S. Paulo.

REMESSAS PELO CORREIO: — Atendimento ao pedido de grande numero de leitoras, resolvemos enviar ás nossas leitoras da interior, os artigos necessarios para trabalhos de agulha. Todos os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia e mais 800 réis para porte. Os artigos que não puderem seguir pelo Correio, serão enviados por estrada de ferro, frete a pagar.

Ricos albums de modelos. *Tamanhos gerais para trabalhos e decorações applicadas ás praxas trabalhos, a saber:* — *Ponto de cruz, cabido — em 4\$300 — Bordados sobre etamine — em 4\$900, a serie de 100 — 1\$3000. Bordados sobre etamine coloridos, em 4\$000. — Rendas e franjas macramé, em 4\$300. Bordados sobre Filet ou labryrinho, em 3\$000. — Dozenas ponto de talargas de cruz colorido, serie — *Integrados, modelos grandes, cada um com 100 réis, a base de uma grande variedade* — *Luz Meisins Dom Pastor, em todas as cores, modelos de 20 grammos, preço 1\$000, em outros cores, modelos grandes 1\$300.**

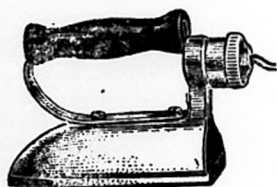
Libras de linha para bordar 1\$500 a porção.

Acoplados de seda para trabalhos, em 1\$000. Carga de 15 varcos cores em peças de 20 metros, cada 4\$300. — Vitrado de seda, artigo superior, azul claro, em 3\$000.

Cordão de seda, grosso, em 1\$000 a metro. Um punço mais fino, 100 réis, preço de 1\$000 para desenhos, cada folha 500 réis.

BYINGTON & CO.

ENGENHEIROS ELECTRICISTAS E IMPORTADORES
LARGO DA MISERICORDIA 4
S. PAULO



FERROS DE
ENGOMMAR
WESTINGHOUSE



Apparelhos e material electrico em geral para

— Luz Força e Tracção —

Quereis comprar um
bom par de calçado?!!!

*** PROCURAE ***

A CASA SÃO PEDRO

Largo do Arouche N. 41

TELEPHONE CENTRAL, 2.415

- E -

CASA RAPOSO

Rua das Palmeiras N. 38

TELEPHONE CIDRDE, 171

Calçados dos ultimos modelos,
material superior e por preços

— razoaveis —

Epura

cura rapida e infalivelmente CROSTAS das creanças
FURUNCULOS (cabeças de prego) — ECZEMA — MÃO BRANCA —
COMIÇÕES — molestias da pelle.
DEPURATIVO IDEAL DAS FAMILIAS proporciozato logo ás
primeiras doses um estado de bem estar geral.

SEM DOR — INOFFENSIVO.

Tolerado pelos organismos mais delicados. Para todos os edades
desde a creança de peito. Em todas as drogarias. - - - S. Paulo

HOTEL AVENIDA

O MAIOR
e mais importante
do Brazil

Aposentos
PARA
500 pessoas

DIARIA A PARTIR DE 10\$000

End. Teleg. Avenida - Rio
de Janeiro

Mme. A. Baudon

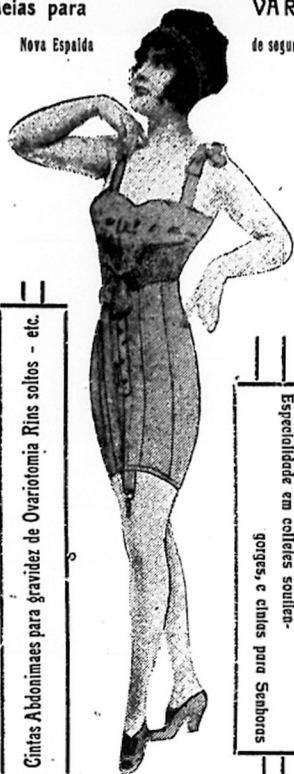
COLLETEIRA

Meias para

Nova Espalda

VARIZES

de segurança



Cintas-Abdominaes para gravidez de Ovariotomia Rins soltos - etc.

Especialidade em collotes soutien-
gorges, e cintas para Senhores

CASA A. BAUDON

Fabricante de apparehos Orthopedicos

Espirillhos Orthopedicos contra mal de Pelli,
Desvios do Busto, Bandagens, Bernalhos de
todos os systemas, Corsels de sport para Homem

Cinturas de todos os systemas, Pernas e Bra-
ços Artificiaes para todas as deformidades, Pé
silejado, Anquilosis, Coxalicia Espalda de Mainlien

Exposição Universal - Paris 1900 - Medalha de prata

R. Barão Itapetininga, 57
S. PAULO

Societé Financière et Com- merciale Franco Bréilienne

(CASA NATHAN)

CHA' -HORNIMAN- em latas de 1,1/2 e 1/4 de libra,
o mais puro e aromatico.

Grande sortimento de licores -CUSENIER- de todas
as qualidades.

Verniz especial -CHI-NAMEL- para envernizar soa-
lhos, que substitue com vantagem a cera
e é mais barato.

Grande sortimento de ferragens finas e grossas.

MACHINAS PARA A LAVOURA de todas as classes,
com especialidade em arados, cultivadores, etc.
dos melhores fabricantes Norte-Americanos.

□□□□

Pedidos e informações á

R. S. Bento, 43-A Caixa do Correio-K
SÃO PAULO



UM BOM FILTRO é
o mais bello ornamen-
to de vossa casa e o
maior preservativo con-
tra as molestias infec-
ciosas, que expreitam
o momento oportuno
para se infiltrar em vos-
so organismo.

O unico filtro que vos
fornecerá estas vantagens
é o inimitavel

Filtro "Fiel"

A' venda na
RUA SÃO BENTO, 14
e em todas as casas
de louças e ferragens
de 1.a ordem.

Arsenio J. Silva

Seção F. - Caixa Postal 740

Telephone 5185 - Central
SAO PAULO

Peçam o catalogo il-
lustrado e mais infor-
mações sem compro-
misso algum.

Únicos depositários para o
Brasil:
Empresa Feminina
Brasileira
Praça Antonio Prado
S. PAULO



(TRICALCIAS)

Antes do mais:

As pastilhas Americanas Tricalcias de Dr. Malcom não são uma novidade. Trata-se de um producto químico definido sobre elementos principais assim se decompõem (Ph. 24.02) Ca. 4 (Ph. 02) 2 Ca. 2 adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da função histológica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe 0.3 4 + Ph 2.0) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo a fórmula ginecológica, além de princípios aromáticos e fibrosos com (Ph. 02.02) Ca. 4 (Ph. 04) 2 Ca. 3 (Fe 0.3 4 + Ph 2.0).

É uma fórmula de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de resaca resultador em todos os vícios da nutrição.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalcia do Dr. Malcom deve durar pelo menos dois meses e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcom não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que ao cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaustantes e que necessitam de phosphoro, bem como, para á fraqueza de qualquer outro organo.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcom são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

Preço: Tubo do 100 pastilhas . . 20\$000

DOSE:— PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos moços é bastante metade da dose acima.
PARA CRENÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina
Praça Antonio Prado - S. Paulo

S. P. Mfg. Druggs Co.

